

André Aciman

Do autor de

*Me chame
pelo seu
nome*

intrínseca

Me encontre



Me encontre

A N D R É A C I M A N

Tradução de
Alessandra Esteche



Copyright © 2019 by André Aciman

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em quaisquer formas ou meios sem a permissão da editora.

TÍTULO ORIGINAL

Find me

PREPARAÇÃO

Marina Góes

REVISÃO

André Sequeira

Elisa Menezes

DESIGN DE CAPA

Lola Vaz

IMAGEM DE CAPA

© Alexander Spatari/ Getty Images

REVISÃO DE E-BOOK

Daniel Austie

GERAÇÃO DE E-BOOK

Joana De Conti

E-ISBN

978-85-510-0583-5

Edição digital: 2019

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar
22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



intrinseca.com.br

Sumário

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Folha de rosto](#)
[Créditos](#)
[Mídias sociais](#)

[Tempo](#)
[Cadenza](#)
[Capriccio](#)
[Da Capo](#)

[Sobre o autor](#)
[Conheça outros títulos do autor](#)
[Leia também](#)

Tempo

Por que tão triste?

Eu a vi embarcar na estação em Florença. Ela abriu a porta deslizante de vidro e, uma vez dentro da cabine, olhou em volta e logo largou a mochila no assento vazio ao meu lado. Tirou a jaqueta de couro, deixou de lado o livro em inglês que estava lendo e se jogou na poltrona diagonal à minha com o que pareceu uma bufada de agitação de mau humor. Parecia alguém que segundos antes de embarcar tivera uma discussão acalorada e que ainda processava as palavras ríspidas que ela ou a outra pessoa dissera antes de desligar. A cachorra, que ela tentava manter entre as pernas segurando uma coleira vermelha enrolada no pulso, não parecia menos agitada.

— *Buona*, boa garota — disse por fim, esperando acalmá-la. — *Buona* — repetiu, mas a cachorra ainda se remexia e se contorcia, tentando se desvencilhar de sua pegada firme.

A presença do animal me incomodava e, como por instinto, recusei-me a descruzar as pernas ou mudar de posição para abrir espaço. Sua dona, no entanto, não pareceu notar minha presença ou minha linguagem corporal. Em vez disso, vasculhou a mochila, encontrou um saco plástico pequeno, de onde tirou dois biscoitinhos em formato de osso, colocou-os na palma da mão e ficou observando a cachorra lambê-los.

— *Brava*.

Com a cachorra momentaneamente apaziguada, ela meio que se levantou para arrumar a camisa, remexeu-se na poltrona uma ou duas vezes e caiu em uma espécie de letargia aborrecida, olhando a cidade com indiferença enquanto o trem começava a sair da estação Santa Maria Novella. Ainda estava agitada e, talvez sem perceber, balançou a cabeça algumas vezes, claramente ainda maldizendo a pessoa com quem tinha discutido antes de embarcar. Por um instante, pareceu tão desamparada que, olhando para o meu livro aberto, peguei-me tentando encontrar algo para dizer, ao menos para ajudar a desarmar o que parecia ser uma tempestade prestes a irromper em nosso cantinho nos fundos do vagão. Mas pensei duas vezes. Melhor deixá-la em paz e

seguir com a minha leitura. No entanto, quando vi que ela olhava para mim, não pude me conter:

— Por que tão triste? — perguntei.

Só então me ocorreu o quanto minha pergunta deve ter soado inadequada a uma completa estranha em um trem, ainda mais uma que parecia prestes a explodir ao menor sinal de provocação. Tudo que ela fez foi me encarar com um brilho confuso e hostil no olhar, um presságio das palavras que logo me dariam um corte e me colocariam em meu lugar. *Cuide da sua vida, velho. Ou: O que você tem a ver com isso?* Ou talvez fizesse uma careta e soltasse uma reprimenda seca: *Babaca!*

— Não, não estou triste, só pensando — disse ela.

O tom gentil e quase pesaroso da resposta me surpreendeu tanto que fiquei mais atônito do que se ela tivesse dito para eu ir me foder.

— Talvez pensar faça com que eu pareça triste.

— Então são pensamentos felizes?

— Não, também não são felizes — respondeu ela.

Eu sorri, mas não disse nada, já arrependido da abordagem superficial e paternalista.

— No fim das contas talvez sejam tristes — acrescentou, cedendo com um sorriso derrotado.

Pedi desculpas por soar indelicado.

— Não foi nada — disse ela, já observando pela janela os primeiros sinais de uma paisagem rural. Era americana, perguntei? Era.

— Eu também — disse.

— Percebi pelo sotaque — acrescentou ela com um sorriso.

Expliquei que vivia na Itália havia quase 30 anos, mas de jeito nenhum conseguira me livrar dele. Quando perguntei, ela respondeu que se instalara na Itália com os pais aos 12 anos.

Nós dois estávamos indo a Roma.

— A trabalho? — perguntei.

— Não, não. É meu pai. Ele não está bem. — Então, levantando os olhos para mim: — Talvez explique a tristeza, eu acho.

— Alguma coisa séria?

— Acho que sim.

— Sinto muito.

Ela deu de ombros.

— É a vida! — Então, mudando de tom: — E você? Negócios ou lazer?

Eu ri da pergunta de formulário e expliquei que tinha sido convidado a dar uma palestra em uma universidade, mas que também ia encontrar meu filho que morava em Roma e me esperaria na estação.

— Com certeza, um garoto encantador.

Percebi que ela estava sendo irônica. Mas gostei do comportamento leve e informal que oscilava entre o taciturno e o jovial, supondo que o do interlocutor fazia o mesmo. O tom combinava com as roupas casuais: botas de caminhada gastas, calça jeans, sem maquiagem e camisa de flanela avermelhada desbotada e abotoada até a metade por cima de uma camiseta preta. E, apesar da aparência desleixada, ela tinha olhos verdes e sobrancelhas escuras. Ela sabe, pensei, provavelmente sabe por que fiz aquele comentário bobo sobre sua tristeza. Eu tinha certeza de que estranhos estavam sempre à procura de um pretexto para puxar conversa com ela. Talvez explicasse o aspecto irritado de *nem adianta tentar* que ela projetava onde quer que fosse.

Depois do comentário irônico sobre meu filho, não fiquei surpreso ao perceber a conversa esfriar. Hora de voltar para nossos respectivos livros. Mas então ela virou para mim e perguntou sem rodeios:

— Animado para ver seu filho?

Mais uma vez, pensei que ela estivesse me provocando de algum modo, mas o tom não era superficial. Havia algo ao mesmo tempo encantador e comovente em seu modo de criar intimidade, saltando os obstáculos que separam estranhos em um trem. Gostei daquilo. Talvez ela quisesse saber o que um homem com quase o dobro de sua idade sentia antes de encontrar o filho. Ou, simplesmente, não estivesse a fim de ler. E aguardava a minha resposta.

— Então, está feliz... talvez? Nervoso... talvez?

— Não, nervoso não, ou só um pouquinho, talvez — acrescentei. — Acho que todo pai sempre tem medo de ser uma imposição, isso para não dizer uma chateação.

— Você acha que é uma chateação?

Amei que ela tivesse se surpreendido com o que eu acabara de dizer.

— Talvez eu seja. Mas, vamos falar a verdade, quem não é?

— Eu não acho que meu pai seja uma chateação.

Será que eu a tinha ofendido?

— Então eu retiro o que disse — respondi.

Ela olhou para mim e sorriu.

— Calma aí.

Ela cutuca primeiro, depois perfura de uma só vez. Nesse aspecto, lembrava meu filho — era um pouco mais velha, mas tinha a mesma habilidade de apontar as minhas gafes e as pequenas manobras que eu fazia com cautela, deixando-me à deriva depois de discutirmos e fazermos as pazes.

Que tipo de pessoa você é depois que alguém já a conhece? Eu queria perguntar. *Divertida, jovial, brincalhona, ou há um sêrum de melancolia e mau humor correndo por suas veias, turvando seus traços e apagando todas as risadas prometidas por esse sorriso e esses olhos verdes?* Eu queria perguntar... porque não dava para saber.

Eu estava prestes a elogiar sua capacidade de ler as pessoas tão bem quando o celular dela tocou. *Namorado, é claro! Quem mais?* Eu estava bastante acostumado a interrupções constantes por esse motivo; não era mais possível tomar um café com um aluno ou conversar com meus colegas ou até com meu filho sem que uma ligação se intrometesse. Salvo pelo celular, silenciado pelo celular, jogado para escanteio pelo celular.

— Oi, pai — disse ela, logo após o primeiro toque. Achei que tivesse atendido depressa para evitar que o toque alto incomodasse os outros passageiros. Mas o que me surpreendeu foi o modo como gritava. — É o maldito trem. Está parado, não sei por quanto tempo vai ficar, mas não deve demorar mais que duas horas. Até logo. — O pai estava perguntando alguma coisa. — É claro que sim, seu velho tonto, como esquecer? — Ele perguntou mais alguma coisa. — Isso também. — Silêncio. — Eu também. Muito, muito.

Ela desligou e jogou o celular na mochila, como quem diz: *não vamos mais ser interrompidos*. Deu um sorriso desconfortável.

— Pais — disse, por fim, como quem diz *só muda o endereço, não é?* Mas então explicou:

— Eu o vejo todo fim de semana... sou a acompanhante de sábado e domingo... meus irmãos e os cuidadores ficam com ele durante a

semana. — Antes de me dar uma chance de dizer qualquer coisa, acrescentou: — Então, vejo que se embelezou para o evento desta noite — falou ela.

Que jeito de descrever o que eu estava vestindo!

— Eu pareço *embelezado*? — respondi, devolvendo a palavra para ela em tom de brincadeira para que não achasse que eu estava pedindo elogios.

— Bem, o lenço, a camisa bem passada, sem gravata, mas com abotoaduras? Eu diria que você dedicou um tempo. Um pouco tradicional, mas elegante.

Sorrimos.

— Você esqueceu isso — disse eu, mostrando o lenço colorido no bolso do paletó e empurrando-o de volta para dentro. Eu queria que ela visse que eu tinha senso de humor suficiente para rir de mim mesmo.

— Como desconfiei. Embelezado! Não exatamente um professor aposentado com roupas de domingo, mas quase. Então, o que vocês dois fazem em Roma?

Será que ela não ia desistir? Será que minha pergunta inicial a fizera pensar que poderíamos ser tão informais? Ainda assim, eu não me importava.

— Nos encontramos a cada cinco ou seis semanas. Ele está morando em Roma, mas em breve vai se mudar para Paris, e eu já estou com saudade. Gosto de passar o dia com ele; não fazemos nada, na verdade, só caminhamos, embora o roteiro acabe sendo sempre o mesmo: a Roma dele, próxima ao conservatório, a minha Roma, onde eu morava quando comecei a dar aulas. No fim das contas sempre almoçamos no Armando's. Ele me suporta, ou talvez goste da minha companhia, ainda não sei dizer, talvez as duas coisas, mas ritualizamos essas visitas: Via Vittoria, Via Belsiana, Via del Babuino. Às vezes andamos até o Cemitério Protestante. Esses lugares são como os marcos da nossa vida. Apelidamos de nossas vigílias, e nenhum dos dois esquece: almoço, caminhada, visitas. Sei que tenho sorte. Caminhar por Roma com ele é por si só uma vigília. A cada esquina tropeçamos em uma lembrança — nossa, de outra pessoa, da cidade. Gosto de lá ao entardecer, e, às vezes, tomamos um chá em algum lugar só para prolongar um pouco mais o dia até a noite cair e passarmos aos drinks.

— E é isso?

— É isso. Caminhamos pela Via Margutta, por mim, depois pela Via Belsiana, por ele... amores antigos, em ambos os casos.

— Vigílias de vigílias passadas? — brincou a jovem no trem. — Ele é casado?

— Não.

— Tem alguém?

— Não sei. Imagino que sim. Mas me preocupo com ele. Houve alguém há um tempo e eu perguntei se havia alguém agora, mas ele só balançou a cabeça e disse “Não pergunte, papai, não pergunte”. Significava ninguém ou todo mundo, e eu não soube dizer o que seria pior. Ele era muito aberto comigo antigamente.

— Acho que ele estava sendo sincero com você.

— Sim, de certo modo.

— Gosto dele — disse a jovem sentada à minha diagonal. — Talvez porque eu seja muito parecida. Às vezes as pessoas me culpam por ser aberta demais, indiscreta demais, outras por ser muito fechada e distante.

— Não acho que ele seja distante. Mas também não acho que ele seja muito feliz.

— Sei como ele se sente.

— Tem alguém na sua vida?

— Se você soubesse...

— O *quê*? — perguntei.

As palavras saíram de mim como um suspiro surpreso e queixoso. O que ela queria dizer... que não havia ninguém, que havia pessoas demais ou que o homem de sua vida a abandonara, deixando-a arrasada e sem nada além do impulso de descontar sua raiva em si mesma ou em sucessivos amantes? Ou as pessoas simplesmente iam e vinham, iam e vinham, como eu temia que muitas tivessem feito com meu filho... ou seria ela o tipo que entra e sai da vida de alguém sem deixar rastro ou recordação?

— Não sei se sou do tipo que sequer gosta de pessoas, que dirá me apaixonar por alguém.

Eu via nos dois o mesmo coração: amargurado, impassível, ferido.

— Você não gosta das pessoas, ou só se cansou delas e não consegue

de jeito nenhum lembrar por que as achava interessantes?

De repente ela ficou quieta, parecendo completamente assustada, sem dizer uma palavra. Seus olhos me encaravam diretamente. Será que a ofendi de novo?

— Como você sabe? — perguntou, finalmente. Foi a primeira vez que a vi ficar séria e parecer zangada. Notei que afiava algumas palavras com as quais pudesse cortar minha presunçosa intromissão em sua intimidade. Eu não devia ter dito nada. — Não faz mais do que quinze minutos que estamos aqui e você já me conhece! Como você poderia saber isso sobre mim? — Então, recompondo-se: — Quanto você cobra por hora?

— Cortesia da casa. Mas se eu sei alguma coisa é porque acho que todo mundo é desse jeito. Além do mais, você é jovem e bonita, tenho certeza de que os homens ficam atrás de você o tempo todo, então não é porque você tem dificuldade de conhecer alguém.

Será que mais uma vez eu falei fora de hora e passei dos limites?

Para retirar o elogio, acrescentei:

— É que a magia de um alguém novo nunca dura o suficiente. Queremos sempre aqueles que não podemos ter. São as pessoas que perdemos, ou as que nem notaram nossa existência, que deixam marcas. Os outros mal ecoam.

— É o caso da senhorita Margutta?

Essa mulher não deixa uma bola quicando, pensei. Gostei do nome srta. Margutta. Lançava uma luz suave e dócil, quase risível, sobre o que quer que tenha existido entre nós anos atrás.

— Nunca vou saber. Ficamos tão pouco tempo juntos, e foi tudo tão rápido.

— Há quanto tempo?

Pensei por um instante.

— Tenho vergonha de dizer.

— Ah, fala logo!

— Pelo menos duas décadas atrás. Bom, quase três.

— E?

— Nos conhecemos em uma festa quando eu era professor em Roma. Ela estava com alguém, eu estava com alguém, aconteceu de conversarmos e nenhum de nós dois queria parar. Uma hora o

namorado e ela foram embora e, logo depois, nós fomos também. Nem trocamos telefones. Mas eu não conseguia tirá-la da cabeça. Então liguei para o amigo que tinha me convidado para a festa e perguntei se ele tinha o número dela. E aqui entra a parte engraçada: um dia antes, ela tinha ligado para ele para pedir o *meu* número. “Soube que estava procurando por mim”, disse quando finalmente liguei. Eu devia ter me apresentado primeiro, mas não estava pensando direito, estava nervoso. Ela reconheceu minha voz na hora, ou talvez nosso amigo já tivesse avisado que eu ligaria. “Eu ia ligar para você”, disse ela. “Mas não ligou”, respondi. “Não, não liguei”. E então ela disse algo que revelou que era mais corajosa do que eu, e que fez meu coração disparar, porque eu não esperava e nunca vou esquecer. “Então, como vamos fazer?”, perguntou. *Como vamos fazer?* Com aquela única frase eu soube que minha vida estava saindo de órbita. Ninguém que eu conhecia jamais me dirigiu palavras tão francas, quase ferozes.

— Gostei dela.

— Como não gostar? Contundente, objetiva, tão direto ao ponto que eu tive que tomar uma decisão na hora: “Vamos almoçar”, disse. “Porque jantar é complicado, certo?”, perguntou ela. Amei a ironia implícita e ousada no que ela tinha dito. “Vamos almoçar... hoje”. “Vamos hoje.” Nós rimos da velocidade com que as coisas estavam acontecendo. O almoço, naquele dia, seria em menos de uma hora.

— Te incomodou o fato de ela pretender trair o namorado?

— Não. Nem me incomodou o fato de que eu estava fazendo a mesma coisa. O almoço durou bastante. A acompanhei até sua casa pela Via Margutta, então ela me acompanhou até o lugar onde tínhamos almoçado, então eu a acompanhei até sua casa de novo. “Amanhã?”, perguntei, ainda sem ter certeza de que não estava forçando as coisas. “Com certeza, amanhã.” Era a semana anterior ao Natal. Na tarde de terça fizemos uma coisa completamente insana: compramos duas passagens de avião e fomos para Londres.

— Que romântico!

— Foi tudo tão rápido e pareceu tão natural que nenhum de nós viu a necessidade de discutir o assunto com nossos parceiros nem de pensar neles duas vezes. Simplesmente deixamos de lado todas as inibições. Coisa que ainda tínhamos naquela época.

— Você quer dizer ao contrário de hoje?

— Eu não saberia dizer.

— É, suponho que não saberia mesmo.

A provocação implícita mostrou que a intenção era me irritar de leve. Eu ri.

Ela também, sua maneira de sinalizar que sabia que eu estava sendo dissimulado.

— De qualquer forma, terminou em questão de dias. Ela voltou para o namorado, e eu para a minha. Não ficamos amigos. Mas eu fui ao casamento e acabei convidando os dois para o meu. Eles ficaram juntos. Nós não. *Voilà*.

— Por que você deixou que ela voltasse para o namorado?

— Por quê? Talvez por nunca ter me convencido completamente do que eu sentia. Ou por não querer lutar para ficar com ela, algo que ela já sabia que eu não faria. Talvez eu quisesse estar apaixonado e temia não estar, então preferi nosso pequeno limbo em Londres a encarar o que eu não sentia por ela. Talvez eu tenha preferido duvidar a saber. Então, quanto *vous* cobra por hora?

— *Touché!*

Quando foi a última vez que falei assim com alguém?

— Então, me fale sobre a pessoa na *sua* vida — pedi. — Com certeza você está saindo com alguém especial?

— Saindo com alguém, sim.

— Há quanto tempo? — Parei de repente. — Se me permite perguntar.

— Permito. Poucos meses. — Então, dando de ombros. — Nada digno de nota.

— Você gosta dele?

— O suficiente. Nos damos bem. E temos muitos gostos em comum. Mas somos só dois colegas de quarto fingindo ter uma vida juntos. Coisa que não temos.

— Que definição! *Dois colegas de quarto fingindo ter uma vida juntos*. Triste.

— É triste. Mas o que também é triste é que, nos últimos meses, talvez eu tenha compartilhado mais com você agora do que em uma semana inteira com ele.

— Talvez você não seja do tipo que se abre.

— Mas estou conversando com você.

— Eu sou um estranho, é fácil se abrir com estranhos.

— Os únicos com quem consigo falar abertamente são meu pai e Pavlova, minha cachorra, e nenhum deles vai durar mais muito tempo. Além do mais, ele odeia meu namorado.

— Não é tão incomum para um pai.

— Na verdade, ele adorava o anterior.

— E você?

Ela sorriu, já antecipando que lançaria a resposta com uma pitada de humor.

— Não, eu não. — Ela pensou por um instante. — Ele queria casar. Eu disse que não. Foi um alívio enorme ele não ter feito um rebuliço quando terminamos. Então, menos de seis meses depois, fiquei sabendo que ele ia casar. Fiquei furiosa. Se já fiquei magoada e chorei por amor foi no dia em que fiquei sabendo que ele ia se casar com uma mulher da qual passamos horas e meses tirando sarro enquanto estávamos juntos.

Silêncio.

— Com ciúmes mesmo sem estar nem um pouquinho apaixonada... você é difícil — disse, finalmente.

Ela me lançou um olhar que era ao mesmo tempo uma repreensão velada pelo comentário e uma curiosidade desnorteada por saber mais.

— Estamos há menos de uma hora nesse trem e ainda assim você me entende totalmente. Gosto disso. Mas também devo te contar outro defeito terrível.

— Defeito?

Nós dois rimos.

— Eu nunca fico próxima de alguém com quem me relaciono. A maioria das pessoas não gosta de desfazer laços. Só que eu, aparentemente, não só desfaço como corto... provavelmente, porque nem havia laço para início de conversa. Às vezes, eu simplesmente deixo para trás todas as minhas coisas que ficaram na casa da pessoa e desapareço. Eu odeio esse processo arrastado de fazer as malas e me mudar, aquelas autópsias inevitáveis que se transformam em súplicas cheias de lágrimas para continuarmos juntos; e, mais do que tudo, odeio esse falso apego por uma pessoa que já não queremos nem que nos

toque mais, que não lembramos nem por que desejávamos. Você tem razão: não sei por que invisto nisso. Todo relacionamento novo é puramente uma irritação. Isso sem falar nos pequenos hábitos que sou obrigada a suportar. O cheiro da gaiola do passarinho. O jeito como ele gosta de empilhar os CDs. Um aquecedor velho que faz barulho no meio da noite e me acorda, mas nunca acorda ele. Ele quer fechar as janelas. Eu gosto que fiquem abertas. Eu largo as roupas em qualquer lugar; ele quer as toalhas dobradas e guardadas. Ele gosta que aperte o tubo de pasta de dente de baixo para cima, eu aperto de qualquer jeito e sempre perco a tampa, que ele sempre acha em algum lugar no chão atrás do vaso. O controle remoto tem um lugar certo, o leite precisa ficar perto do congelador, mas não perto demais, as roupas íntimas e meias devem ficar *nesta* gaveta, não *naquela*.

“Ainda assim, eu não sou difícil. Sou uma boa pessoa, na verdade, só um pouco teimosa. Mas é tudo fachada. Eu tolero tudo e todos. Pelo menos por um tempo. Até que um dia, do nada, eu percebo: “não quero ficar com esse cara, não quero ele perto de mim, preciso me afastar”. Eu luto contra esse sentimento, mas assim que o cara percebe, passa a me perseguir com olhos de cachorrinho abandonado. Quando vejo esse olhar, puf!, desapareço e imediatamente encontro alguém novo... Homens! — disse ela, finalmente, como se essa palavra resumisse todas as deficiências que as mulheres estão dispostas a ignorar, aprender, tolerar e, por fim, perdoar nos homens que elas esperam amar para sempre embora saibam que não vai ser assim. — Odeio ver qualquer pessoa magoada.

Uma sombra pairou sobre suas feições. Desejei poder tocar seu rosto, com gentileza. Ela percebeu o olhar, baixei os olhos.

* * *

Mais uma vez, reparei suas botas. Botas selvagens e indomáveis, como se tivessem sido arrastadas por trilhas íngremes até adquirir uma aparência envelhecida, desgastada pelo tempo, o que significava que ela confiava nelas. Gostava de suas coisas gastas e amaciadas. Ligava para conforto, não para aparência. As meias grossas de lã eram masculinas, provavelmente, tiradas da gaveta do homem por quem ela dizia não ter

amor. Mas a jaqueta de couro de meia-estação, estilo motociclista, parecia bem cara. Prada, talvez. Será que ela saiu correndo da casa do namorado e, na pressa, pegou a primeira coisa que viu com um “*Vou ver meu pai, te ligo hoje à noite*”? Estava usando um relógio masculino. Dele também? Ou simplesmente preferia relógios masculinos? Tudo nela sugeria algo grosseiro, rústico, bruto. Então percebi uma nesga de pele entre a meia e a barra da calça — os tornozelos eram muito delicados.

— Me fale sobre seu pai — pedi.

— Meu pai? Não anda bem, estamos perdendo ele. A doença redefiniu tudo o que eu sentia por ele. — Então ela se interrompeu. — Você ainda cobra por hora?

— Como eu disse, é mais fácil se abrir com estranhos que nunca mais vamos encontrar.

— Você acha mesmo?

— O que, se abrir para um desconhecido no trem?

— Não, que nunca mais vamos nos encontrar.

— Qual é a probabilidade?

— Verdade.

Trocamos sorrisos.

— Então, continue... sobre seu pai.

— Tenho pensado nisso. Meu amor por ele mudou. Não é mais um amor espontâneo, mas cultivado, cauteloso, de alguém que cuida. Não é pra valer. Ainda assim, somos muito abertos um com o outro, não tenho vergonha de contar nada para ele. Minha mãe foi embora há quase vinte anos e, desde então, tem sido só nós dois. Ele teve uma namorada por um tempo, mas agora vive sozinho. Uma pessoa cuida dele, cozinha, lava a roupa, limpa e arruma as coisas em casa. Hoje é seu aniversário, 76 anos. Por isso o bolo — disse ela, apontando para uma caixa branca quadrada guardada no compartimento superior. O bolo parecia constrangê-la, no entanto, talvez motivo pelo qual deu uma risadinha ao apontar para ele. — Ele disse que convidou dois amigos para o almoço, mas ainda não teve notícia deles, e eu acho que não vão aparecer, ninguém aparece ultimamente. Nem meus irmãos. Ele gosta dos profiteroles de uma loja antiga perto lá de Florença, onde eu moro. Lembranças de dias melhores, de quando ele era professor lá. Ele

não pode comer doces, é claro, mas...

Ela não terminou a frase.

O silêncio entre nós se prolongou por um tempo. Mais uma vez peguei o livro, convencido de que agora tínhamos terminado a conversa. Pouco tempo depois, com ele ainda aberto, passei a observar a paisagem toscana que se desenrolava e minha mente começou a divagar. Um pensamento estranho e disforme sobre ela ter mudado de lugar e agora estar sentada ao meu lado começou a se instalar. Eu sabia que estava pegando no sono.

— Você não está lendo — disse ela. Então, vendo que talvez tivesse incomodado, acrescentou imediatamente: — Também não consigo.

— Estou cansado de ler — confessei. — Não consigo me concentrar.

— É interessante? — perguntou, olhando para a capa.

— Não é ruim. Mas reler Dostoiévski depois de tantos anos pode ser um pouco decepcionante.

— Por quê?

— Você já leu Dostoiévski?

— Sim. Eu adorava quando tinha 15 anos.

— Eu também. A visão que ele tem da vida é muito compatível com a de um adolescente: atormentada, cheia de contradições e muita bília, peçonha, vergonha, amor, piedade, arrependimento e rancor, e os atos mais avassaladores de bondade e abnegação... tudo isso amarrado de um jeito muito irregular. Para o adolescente que eu era, Dostoiévski foi a introdução à alta psicologia. Eu achava que era uma pessoa totalmente confusa... mas todos os personagens eram tão confusos quanto eu. Eu me senti em casa. Tenho a sensação de que é possível aprender mais sobre a composição nebulosa da psique humana com Dostoiévski do que com Freud ou qualquer outro psiquiatra.

Ela ficou em silêncio.

— Eu vou ao psiquiatra — disse, finalmente, o tom de protesto quase detectável na voz.

Será que eu a ofendi mais uma vez sem querer?

— Eu também — repliquei, talvez para retirar o que pode ter parecido uma desfeita não intencional.

Ficamos olhando um para o outro. Eu gostava do sorriso caloroso e confiante; sugeria algo frágil e genuíno, vulnerável até. Não era de se

admirar que os homens de sua vida a cercassem tanto. Eles sabiam o que estavam perdendo no momento em que ela desviava o olhar. Lá se ia o sorriso, ou a languidez ao fazer perguntas íntimas enquanto encarava com aqueles olhos verdes penetrantes que nunca se abrandavam. Lá se ia um desejo inquietante por intimidade que aquele olhar arrancava de todo homem cujos olhos acabavam cruzando com os dela num lugar público, uma revelação imediata para eles de *lá se vai a minha vida*. Estava acontecendo naquele instante. Ela fazia com que a intimidade quisesse acontecer, tornava isso fácil, como se fosse inato para nós oferecê-la e como se estivéssemos ansiosos por compartilhá-la, mas percebendo que jamais teríamos coragem a não ser que fosse com ela. Eu queria abraçá-la, tocar sua mão, deixar um dedo deslizar por sua testa.

— Então, por que o psiquiatra? — perguntou ela, como se tivesse ponderado a ideia e visto que era totalmente desconcertante. — Se me permite perguntar — acrescentou, sorrindo ao parodiar minhas palavras. Claramente não estava acostumada com uma abordagem mais branda e simpática ao falar com um estranho. Perguntei por que ela ficou surpresa ao saber que eu ia a um psiquiatra.

— Porque você parece tão estável, tão... embelezado.

— Difícil dizer. Talvez porque eu nunca tenha preenchido os espaços vazios da adolescência quando descobri Dostoiévski. Um dia acreditei que isso aconteceria em algum momento; agora sequer tenho certeza de que esses espaços se preencham. Mas, ainda assim, quero entender. Alguns de nós nunca pulamos para o próximo nível. Perdemos a noção de para onde estávamos indo e, como resultado, permanecemos no ponto de partida. Envelhecemos, mas não crescemos.

— Então é por isso que você está relendo Dostoiévski?

Sorri com a pertinência da pergunta.

— Talvez porque estou sempre tentando refazer meus passos de volta ao lugar onde eu deveria ter embarcado na balsa em direção à outra margem chamada vida, mas acabei indo parar no cais errado ou, dada a sorte que tenho, pegando a balsa errada. Coisa de homem mais velho, sabe?

— Você não parece o tipo de pessoa que pega a balsa errada. Pegou mesmo?

Ela estava me provocando?

— Eu estava pensando nisso quando embarquei no trem em Gênova hoje de manhã, porque me ocorreu que talvez houvesse uma ou duas balsas nas quais eu devia ter navegado mas nunca me aventurei.

— Por que não?

Balancei a cabeça e então dei de ombros para sugerir que não sabia por que ou não queria dizer.

— Não são os piores cenários? Imaginar as coisas que poderiam ter acontecido e nunca aconteceram, mas que talvez ainda tenham chance mesmo que já tenhamos desistido de esperar?

Eu devo ter lançado um olhar completamente perplexo.

— Onde você aprendeu a pensar assim?

— Eu leio muito. — Em seguida, com um olhar constrangido: — Gosto de conversar com você. — Ela fez uma pausa. — Então, o seu casamento era a balsa errada?

Essa mulher era brilhante. E bonita. E seus pensamentos tomavam os mesmos caminhos tortuosos e vagos pelos quais os meus às vezes iam.

— No início, não — respondi —, ou, pelo menos, eu não via dessa forma. Mas depois que nosso filho foi embora para os Estados Unidos restava tão pouco que era como se a infância inteira dele não tivesse sido mais do que um ensaio geral para a separação inevitável que ainda pairava entre nós. Mal conversávamos e, quando fazíamos, não parecia ser na mesma língua. Éramos muitíssimo cordiais e gentis, mas, mesmo estando no mesmo cômodo, nos sentíamos muito sozinhos. Os dois à mesma mesa de jantar, mas não estávamos comendo juntos, dormíamos na mesma cama, mas não juntos, assistíamos aos mesmos programas, viajávamos para as mesmas cidades, tínhamos o mesmo instrutor de ioga, ríamos das mesmas piadas, mas nunca juntos, e sentávamos lado a lado em salas de cinema lotadas, mas sequer encostávamos os cotovelos. Chegou um tempo em que eu via dois namorados se beijando na rua ou até se abraçando e não sabia por que estavam fazendo isso. Estávamos sozinhos juntos... até o dia em que um de nós quebrou o prato de aperitivos.

— Prato de aperitivos?

— Desculpe, é Edith Wharton. Ela me trocou por alguém que era meu melhor amigo, e que ainda é meu amigo. A ironia é que eu não

fiquei nem um pouco triste por ela ter encontrado alguém.

— Talvez porque o libertou para encontrar outra pessoa.

— Nunca encontrei. Continuamos bons amigos, e sei que ela se preocupa comigo.

— Ela deveria?

— Não. E você, por que o psiquiatra? — perguntei, ansioso para mudar de assunto.

— Eu? Solidão. Não suporto ficar sozinha, mas não vejo a hora de ficar sozinha. Olha só para mim. Estou aqui, sozinha em um trem, feliz por estar com meu livro, longe de um homem que nunca vou amar, mas prefiro conversar com um estranho. Sem ofensas, eu espero.

Sorri de volta, *sem ofensas*.

— Tenho conversado com todo mundo ultimamente, puxo assunto com o carteiro só para tagarelar um pouco, mas nunca digo ao meu namorado como estou me sentindo, o que estou lendo, o que quero, o que odeio. De qualquer forma, ele não ia ouvir, muito menos entender. Ele não tem senso de humor. Tenho que explicar todas as tiradas para ele.

Continuamos batendo papo até o condutor vir pegar nossas passagens. Ele olhou para a cachorra, reclamou que não era permitido levar cães no trem, a não ser em caixas de transporte.

— E o que você quer que eu faça? — retrucou ela. — Que eu jogue ela para fora do vagão? Finja que sou cega? Ou saia agora e perca a festa de 76 anos do meu pai que, na verdade, não vai ser uma festa porque é o último aniversário, já que ele está morrendo? Me diga.

O condutor desejou um bom dia.

— *Anche a Lei* para o senhor também — resmungou ela, então, virando-se para a cachorra. — E você pare de chamar a atenção!

Então meu celular tocou. Fiquei tentado a me levantar para atender no espaço vazio entre os vagões, mas decidi ficar. A cachorra, agitada com o toque, agora olhava para mim com olhos escancarados e interrogativos, como se dissesse: *Agora você também com o celular?*

— Meu filho — murmurei para minha companheira, que sorriu para mim e, sem perguntar, se aproveitou da interrupção repentina para gesticular que estava indo ao banheiro. Ela me entregou a coleira e sussurrou:

— Ela não vai causar problemas.

Olhei para ela quando se levantou e, pela primeira vez, percebi que a aparência rústica não era tão desleixada quanto eu havia pensado a princípio, e que ela era, em pé, ainda mais atraente. Será que eu já havia percebido no começo e tentei afastar o pensamento? Ou realmente fui cego? Teria me agradado muito que meu filho me visse saindo do trem em sua companhia. Eu sabia que falaríamos dela a caminho do Armando's. Era capaz até mesmo de prever como ele puxaria o assunto: *Então, e a modelo com quem você estava batendo papo na Termini...*

Enquanto eu fantasiava sobre sua reação, a ligação mudou tudo. Ele estava telefonando para dizer que não ia poder me encontrar naquele dia. Soltei um *Por quê?* queixoso. Ele ia substituir um pianista que ficara doente e tinha um recital em Nápoles. Quando voltaria? Amanhã, disse ele. Eu amava ouvir sua voz. O que ia tocar? Mozart, apenas Mozart. Enquanto isso, minha companheira voltou do banheiro e reocupou o assento à minha frente em silêncio, o tronco inclinado para a frente, o que sinalizava que pretendia continuar conversando depois que eu desligasse. Olhei para ela com mais intensidade do que durante a viagem toda, em parte porque estava ocupado com outra pessoa na ligação, o que conferia ao meu olhar um ar quase desatento, inocente, vago, mas que, ao mesmo tempo, permitia-me continuar encarando aqueles olhos tão acostumados a ser encarados e que gostavam de ser encarados e, talvez, nunca adivinhassem que se eu reunia a coragem de retribuir a mirada com a mesma intensidade naquele momento, era porque, ao encará-la, eu tinha começado a nutrir a ilusão de que, aos seus olhos, os meus eram tão belos quanto.

Definitivamente, uma fantasia de homem mais velho.

Houve uma pausa na conversa com meu filho.

— Mas eu estava contando com a nossa caminhada. Por isso, peguei o trem mais cedo. Vim por sua causa, não por uma reles palestra. — Eu estava decepcionado, mas também sabia que tinha minha companheira como plateia, e talvez estivesse exagerando um pouco na atuação para ela também. Então, percebendo que minha reclamação tinha ido longe demais, me contive. — Entendo. É claro. — A garota sentada à minha diagonal lançou um olhar ansioso em minha direção. E aí deu de ombros, não para demonstrar indiferença em relação ao que estava

acontecendo entre meu filho e eu, mas querendo dizer, ao menos foi o que pensei, para deixar o pobre do garoto em paz: *Não faça com que ele se sinta culpado*. Ao dar de ombros ela acrescentou um gesto com a mão esquerda que sugeria que eu devia *Deixar para lá, superar*.

— Amanhã, então? — perguntei.

Ele viria me buscar no hotel? No meio da tarde, respondeu ele... Lá pelas quatro?

— Lá pelas quatro. — confirmei. — Vigílias, sim.

— Você ouviu o que ele disse — afirmei, voltando a falar com ela, finalmente.

— Eu ouvi o que *você* disse.

Outra provocação. E ela sorria. Parte de mim pensou que tivesse inclinado o tronco ainda mais para a frente, que tivesse pensado em levantar e sentar na poltrona ao meu lado e colocar as mãos nas minhas. Será que a ideia tinha passado por sua cabeça e eu estava me agarrando a seu desejo de fazê-lo, ou eu estava simplesmente inventando porque o desejo estava em mim?

— Eu estava ansioso por esse almoço. Queria rir com ele, ouvir sobre sua vida, seus recitais, sua carreira. Estava até querendo avistá-lo antes que ele me visse, torcendo para que tivesse um tempo para conhecer você.

— Não é o fim do mundo. Vocês vão se ver amanhã *lá pelas quatro!*

— Mais uma vez, percebi o tom de deboche em sua voz. E amei.

— A ironia, no entanto — acrescentei, mas logo mudei de ideia.

— A ironia, no entanto? — questionou ela.

Ela não desiste, não é?, pensei.

Fiquei em silêncio por um instante.

— A ironia é que não estou triste por ele não vir hoje. Tenho muito a fazer antes da palestra e talvez seja bom descansar no hotel em vez de caminhar pela cidade como fazemos quando venho só para vê-lo.

— Por que isso o surpreende? Vocês levam vidas separadas, independentemente do quanto elas se cruzem ou de quantas vigílias vocês compartilhem.

Gostei do que ela tinha acabado de dizer. Não era nada que eu já não soubesse, mas expunha um grau de consideração e cuidado que me surpreendeu e parecia não combinar com a pessoa que tinha bufado ao

sentar-se na cabine do trem.

— Como *você* sabe tanto? — perguntei, sentindo-me encorajado e encarando-a.

Ela sorriu.

— Citando alguém que conheci no trem uma vez, todo mundo é desse jeito.

Ela estava gostando disso tanto quanto eu.

Quando nos aproximamos da estação em Roma, nosso trem começou a desacelerar. Minutos depois, acelerou de novo.

— Vou pegar um táxi quando chegarmos à estação — disse ela.

— É o que vou fazer também.

Descobrimos que a casa do pai dela ficava a cinco minutos do meu hotel. Ele morava no Lungotevere e eu ia ficar na via Garibaldi, a alguns passos de onde morei anos atrás.

— Vamos rchar um táxi, então — disse ela.

Ouvimos o anúncio da estação Roma Termini e, enquanto o trem se arrastava em direção à plataforma, surgiam fileiras e mais fileiras de construções e armazéns em mau estado, cada um com seus outdoors antigos e cores desbotadas e sujas. Não era a Roma que eu amava. A visão me abalou e suscitou sentimentos ambivalentes a respeito da visita e da palestra e da perspectiva de voltar a um lugar que já guardava lembranças demais, algumas boas, a maioria nem tanto. De repente resolvi que daria a palestra naquela noite, sairia para beber algo com os velhos colegas como de praxe, então encontraria um jeito de me esquivar do convite para o jantar e arranjar algo para fazer sozinho, ou ver um filme e ficar no hotel até o dia seguinte, até meu filho aparecer às quatro.

— Pelo menos espero que tenham reservado o quarto com a sacada grande e a vista de todas as cúpulas da cidade — disse. Eu queria demonstrar, apesar da ligação do meu filho, que sabia ver o lado bom das coisas. — Vou fazer o check-in, lavar as mãos, encontrar um bom lugar para almoçar e descansar.

— Por quê? Você não gosta de bolo? — perguntou ela.

— Gosto. Você tem alguma sugestão de um bom lugar para almoçar?

— Sim.

— Onde?

— Na casa do meu pai. Venha almoçar com a gente. Nossa casa não podia ser mais perto do seu hotel.

Eu sorri, sinceramente comovido com o convite espontâneo. Ela estava com pena de mim.

— É muito gentil da sua parte. Mas acho que não devo. Seu pai está esperando por um momento especial com a pessoa que ele mais ama e você quer que eu apareça na festa dele? Além do mais, eu sou um Zé Ninguém para ele.

— Mas não para mim — disse ela, como se isso fosse me fazer mudar de ideia.

— Você nem sabe meu nome.

— Você acabou de dizer. José, certo?

Nós dois rimos.

— Samuel.

— Por favor, vamos. Vai ser muito simples e discreto, prometo.

Mas eu não podia aceitar.

— Só diga que sim.

— Não posso.

O trem finalmente parou. Ela pegou a jaqueta, pendurou a mochila nos ombros, enrolou a coleira da cachorra na mão e pegou a caixa branca do compartimento superior.

— Este é o bolo — disse ela, finalmente. — Ah, diga que sim, vamos...

Fiz que não com a cabeça para transmitir uma recusa respeitosa, mas determinada.

— Proponho o seguinte. Eu escolho um peixe e algumas folhas na Campo de' Fiori... peixe é uma coisa que eu sempre cozinho, sempre como... e, então, num passe de mágica, preparo um almoço incrível em menos de vinte minutos. Ele vai ficar feliz de ver alguém novo à porta.

— O que te faz pensar que ele e eu teremos alguma coisa para dizer um ao outro? Pode ser muito estranho. Além do mais, o que você acha que ele vai pensar?

Ela demorou um tempo para entender.

— Ele não vai pensar isso — respondeu, finalmente.

A ideia não tinha sequer passado por sua cabeça.

— Além do mais — acrescentou ela — eu tenho idade suficiente, e ele

também, para pensar o que for.

Um momento de silêncio se passou enquanto descíamos do trem para a plataforma lotada. Não pude deixar de dar uma olhada discreta e rápida em volta. Talvez meu filho tivesse mudado de ideia e quisesse me fazer uma surpresa. Mas ninguém esperava por mim.

— Escute... — de repente me ocorreu — eu nem sei como você se ch...

— Miranda.

O nome me surpreendeu.

— Escute, Miranda, é muita gentileza sua me convidar, mas...

— Somos estranhos em um vagão de trem, Sami, e sei que falar é fácil — disse ela, já inventando um apelido para mim —, mas eu me abri com você e você se abriu comigo. Não acho que um de nós dois conheça muitas pessoas com quem tenhamos sido tão sinceros. Não vamos fazer desse um daqueles momentos que acontecem e ficam no trem, como um guarda-chuva ou um par de luvas deixados para trás em algum lugar. Sei que vou me arrepender se isso acontecer. Além do mais, eu, Miranda, ficaria muito feliz.

Amei o modo como ela disse isso.

Houve um instante de silêncio. Eu não estava hesitando, mas percebi que ela havia interpretado meu silêncio como consentimento. Antes de pegar o celular para ligar para o pai, ela perguntou se eu também não teria uma ligação a fazer talvez? Seu *talvez* me comoveu, mas eu não sabia ao certo por que ou o que exatamente isso sugeria, nem queria especular para depois ver que estava errado. *Essa garota pensa em tudo*, refleti. Fiz que não com a cabeça. Eu não tinha para quem ligar.

— Pai. Vou levar um convidado — gritou ela ao telefone. Ele não deve ter ouvido. — Um convidado — repetiu, tentando evitar que a cachorra pulasse em mim. — Como assim *que tipo de convidado*? Um convidado. Ele é professor. Como você. — Ela virou para mim para garantir que tinha deduzido corretamente. Fiz que sim. Então a resposta à pergunta óbvia. — Não, você está completamente enganado. Vou levar peixe. Vinte minutos no máximo, prometo.

— Isso deve garantir um tempo para que ele vista roupas limpas — brincou ela.

Será que ela suspeitaria que, se eu já tinha resolvido cancelar o jantar

com meus colegas à noite era porque, sem admitir para mim mesmo, eu já nutria a esperança distante de comer com ela? Mas como as coisas levariam a isso?

Quando chegamos à esquina da Ponte Sisto, pedi ao motorista que parasse.

— Que tal eu deixar a mala no quarto e encontrar você no seu pai em... digamos dez minutos?

Mas ela agarrou meu braço esquerdo quando o carro estava prestes a parar.

— De jeito nenhum. Se você for um pouquinho que seja como eu, vai fazer o check-in, largar a mala no quarto, lavar as mãos, que já disse que está doido para fazer, e depois de deixar passar quinze minutos, vai ligar para dizer que mudou de ideia e decidiu não ir. Ou talvez nem ligue. Talvez, se for um pouquinho que seja como eu, vai até encontrar as palavras certas para desejar um feliz aniversário ao meu pai, com sinceridade. Somos parecidos ou não?

Isso também me tocou.

— Talvez.

— Então, se você for um pouquinho que seja como eu, provavelmente gosta de ser pego com as calças curtas, admita.

— Se somos mesmo parecidos, você já está se perguntando “Por que é que eu convidei esse cara?”.

— Então não somos parecidos.

Nós dois rimos.

Quando foi a última vez?

— O quê? — perguntou ela.

— Nada.

— Então tá!

Será que ela leu isso também?

Quando saímos do táxi, fomos até a Campo de' Fiori onde encontramos seu vendedor de peixe. Antes de ser atendida, ela pediu que eu segurasse a coleira. Eu estava relutante em me aproximar da barraca com a cachorra, mas eles a conheciam e ela disse que não seria um problema.

— De que tipo de peixe você gosta?

— Do mais fácil de preparar — respondi.

— Que tal umas vieiras também, temos muitas aqui, hein? São de hoje? — perguntou ela ao vendedor.

— Desta madrugada — respondeu ele.

— Tem certeza?

— É claro que tenho.

Eles faziam isso há anos. Quando ela se inclinou para examinar as vieiras, deu para ver suas costas. Tive um impulso de colocar o braço em volta de sua cintura, seus ombros e beijar sua nuca. Desviei o olhar em direção à loja de bebidas do outro lado.

— Seu pai gostaria de um branco seco de Friuli?

— Ele não pode beber vinho, mas eu adoraria um branco seco de qualquer lugar.

— Vou comprar um Sancerre também.

— Você não está planejando matar meu pai, está?

Com o peixe e as vieiras embalados, ela se lembrou dos vegetais. A caminho de uma loja próxima, não resisti.

— Por que eu?

— Por que você o quê?

— Por que você *me* convidou?

— Porque você gosta de trens, porque você levou um bolo hoje, porque você faz muitas perguntas, porque eu quero conhecer você melhor. É tão difícil assim?

Não a obriguei a explicar. Talvez eu não quisesse ouvir que ela gostava de mim tanto quanto gostava de vieiras ou folhas verdes.

Ela encontrou espinafre e caquis pequenos, maduros pelo cheiro e pelo toque. Seria, disse eu, a primeira vez no ano que comeria caqui.

— Então você tem de fazer um pedido.

— Como assim?

Ela fingiu irritação.

— Sempre que come uma fruta pela primeira vez no ano, você tem de fazer um pedido. Estou surpresa por você não saber disso.

Pensei por alguns segundos.

— Não consigo pensar em um pedido.

— Que vida! — foi o comentário dela, como quem quis dizer que minha vida estava tão invejavelmente nos trilhos que não havia o que desejar ou que era tão irremediavelmente desprovida de alegria que

desejar alguma coisa era um luxo que nem valia a pena considerar.

— Você precisa fazer um pedido. Pense.

— Posso conceder meu pedido para você?

— Eu já fiz um.

— Quando?

— No táxi.

— O que você pediu?

— Como esquecemos rápido das coisas... Que você aceitasse o convite para o almoço.

— Quer dizer que você desperdiçou um pedido só para que eu viesse almoçar?

— Sim. E não faça com que eu me arrependa.

Eu não disse nada. Ela apertou meu braço a caminho da loja de vinhos.

Decidi parar na floricultura também.

— Ele vai amar as flores.

— Faz anos que não compro flores.

Ela fez um gesto breve com a cabeça.

— Não são só para ele — expliquei.

— Eu sei — concordou despreocupada, quase fingindo não ter prestado atenção ao que eu disse.

* * *

A casa de seu pai era uma cobertura com vista para o rio Tibre. Ele ouviu o elevador subindo e já estava esperando à porta. Só uma delas estava aberta, então foi difícil passar com a cachorra, o bolo, o peixe e as vieiras, as duas garrafas de vinho, minha mala, a mochila dela, minha sacola de caquis e as flores — era como se todas as coisas quisessem entrar ao mesmo tempo. Ele tentou livrá-la de alguns dos pacotes. Em vez disso, ela deixou que ele pegasse a cachorra, que o reconheceu de imediato e começou a pular e esfregar o focinho nele.

— Ele ama a cachorra mais do que me ama — disse ela.

— Eu não amo a cachorra mais do que amo você. A cachorra só é mais fácil de amar.

— Sutil demais para mim, pai.

E imediatamente ela não só o beijou, como, com as mãos ainda segurando as sacolas, jogou o corpo todo contra o dele e deu um beijinho em cada bochecha. Era assim, imaginei, que ela amava: feroz, sem restrições.

Dentro de casa, ela largou as sacolas, pegou meu paletó e o estendeu com cuidado no braço de um sofá na sala. Também pegou minha mala e colocou no tapete ao lado do sofá e afofou uma almofada grande que parecia carregar a marca de uma cabeça que devia estar deitada nela momentos antes. A caminho da cozinha, endireitou dois quadros que estavam levemente tortos na parede e, então, abrindo uma porta dupla que levava ao terraço ensolarado, reclamou que a sala estava abafada demais para um dia tão bonito de outono. Na cozinha, cortou as pontas dos caules das flores e encontrou um vaso para elas.

— Amo gladiólos — disse.

— Então, você é o convidado? — disse o pai, a título de boas-vindas. — *Piacere* — acrescentou, antes de voltar ao inglês.

Depois do aperto de mão, hesitamos do lado de fora da cozinha e a vimos desembulhar o peixe, as vieiras e o espinafre. Ela vasculhou os armários, encontrou os temperos e usou o acendedor de fogão para acender a chama do forno.

— Vamos beber um vinho, pai. Você decide se prefere beber agora ou com o peixe.

Ele pensou por um instante.

— Agora e com o peixe.

— Já vamos começar com isso? — disse ela, em tom de reprovação.

Fingindo repreensão, o velho não disse nada. Depois de um tempo soltou um:

— Filhas! O que podemos fazer?

Pai e filha falavam da mesma maneira. Ele então me levou por um corredor ladeado de fotografias emolduradas de familiares do passado e atuais, todos com roupas tão formais que não consegui reconhecer Miranda em nenhuma. O pai agora vestia um plastrão colorido, sob uma camisa rosa listrada bem viva; a calça jeans tinha uma prega engomada e parecia ter sido vestida minutos antes. O cabelo branco comprido estava penteado para trás e lhe conferia a aparência de um astro de cinema envelhecido. Calçava um par de chinelos velhos e

obviamente não tivera tempo de se barbear. A filha fizera bem em ligar para avisar que teriam visita. A sala tinha a elegância simples e duradoura de uma tendência dinamarquesa que saíra de moda algumas décadas antes, mas que estava prestes a voltar. A lareira antiga fora reformada para se encaixar com a decoração, mas parecia uma remanescente esquecida dos velhos tempos do apartamento. A parede branca lisa exibia uma pequena pintura abstrata que lembrava o estilo de Nicolas de Staël.

— Gosto desse — disse, finalmente, tentando puxar assunto enquanto olhava para a paisagem de uma praia em um dia de inverno.

— Ganhei da minha esposa há alguns anos. Eu não apreciava muito ele na época, mas agora sei que é a melhor coisa que tenho.

O velho cavalheiro, concluí, jamais se recuperou do divórcio.

— Sua esposa tinha bom gosto — acrescentei, já arrependido de ter usado o passado sem saber se entrava em terreno delicado. — E esses aqui — disse, olhando para três gravuras em tom de sépia da vida romana no início do século XIX — parecem Pinelli, não acha?

— *São* Pinelli — disse o pai, orgulhoso, e talvez tenha interpretado meu comentário como desprezo.

Tinha ficado tentado a dizer “imitações de Pinelli”, mas me contive a tempo.

— Comprei para minha esposa, mas ela não gostava. Então agora estão comigo. No futuro, quem sabe, talvez ela queira de volta. Ela tem uma galeria de sucesso em Veneza.

— Graças a você, pai.

— Não, graças a ela e somente ela.

Tentei não deixar transparecer que eu já sabia que a esposa o deixara. Mas ele deve ter adivinhado que Miranda me contara sobre o casamento.

— Ainda somos amigos — acrescentou ele, à guisa de esclarecimento —, talvez bons amigos.

— E eles — acrescentou Miranda, entregando uma taça de vinho a cada um de nós — têm uma filha que sempre fica no meio. Estou te dando menos vinho do que ao nosso convidado ok, pai? — disse ela, ao lhe entregar a taça.

— Eu sei, eu sei — respondeu, descansando a mão no rosto da filha

em um gesto que transmitia todo o amor do mundo.

Não havia dúvida. Ela era amável.

— E você a conhece de onde? — perguntou ele, virando-se para mim.

— Na verdade, não a conheço — respondi. — Nos conhecemos no trem hoje, há menos de três horas.

O pai pareceu um pouco desorientado e tentava, meio sem jeito, esconder.

— Então...

— Então nada, pai. O coitado levou um bolo do filho hoje e eu fiquei com tanta pena que pensei em preparar um peixe, uns legumes, talvez uma chicória *puntarelle* murcha da geladeira, e depois devolvê-lo ao hotel, já que ele não vê a hora de tirar um cochilo, lavar as mãos e se livrar de nós.

Nós três caímos na gargalhada.

— Ela é assim. Não faço a menor ideia de como consegui colocar na face da terra essa diabinha de pavio curto.

— Isso foi a melhor coisa que já fez, velho. E você tinha que ter visto a cara dele quando percebeu que ia levar um bolo.

— Foi tão ruim assim? — perguntei.

— Ela está exagerando, como sempre — disse o pai.

— Ele está de bico desde que entrei no trem em Florença.

— Eu não estava de bico quando você entrou no trem em Florença — disse, imitando suas palavras.

— Ah, mas estava com o maior bico, sim. Antes mesmo de começarmos a conversar. Você nem quis abrir um espaço para a cachorra quando embarquei. Acha que eu não percebi?

Mais uma vez, todos rimos.

— Não ligue. Ela está sempre provocando todo mundo. É o jeito dela de se soltar.

Os olhos de Miranda estavam colados em mim. Gostei de ver que ela tentava ler minha reação ao comentário do pai. Ou talvez estivesse simplesmente me observando, e eu gostava disso também.

Quando foi a última vez?

Em outra parede da sala havia uma série de fotografias em preto e branco de estátuas antigas, todas em nuances impressionantes de sombras em preto, cinza, prateado e branco. Quando voltei a olhar para

ela, pai e filha estavam me estudando.

— São todas da Miranda. Ela que tirou.

— Então é isso que você faz?

— É isso que eu faço — disse ela, como quem pede desculpas, quase dizendo *Isso é tudo que eu sei fazer*. Eu me arrependi do modo como formulei a pergunta.

— Só preto e branco. Colorido nunca — acrescentou o pai. — Ela ama a parte de precisar viajar pelo mundo. Camboja, Vietnã, depois Laos e Tailândia, só que nunca fica satisfeita com o trabalho.

Não pude resistir.

— Será que alguém fica satisfeito com o próprio trabalho?

Miranda me lançou um sorriso simbólico de agradecimento por ter ido ao seu resgate. Mas o olhar também podia querer dizer *Boa tentativa, mas não preciso que me salvem*.

— Eu não fazia a menor ideia de que você era fotógrafa. São incríveis. — Então, ao perceber que ela não tinha aceitado o elogio, acrescentei: — São deslumbrantes.

— Viu só? Nunca fica satisfeita. Você pode bater cabeça o quanto quiser, mas ela não aceita elogios. Recebeu uma oferta maravilhosa para trabalhar em uma agência grande e...

— ... e não vai aceitar — disse ela. — Não vamos falar sobre isso, pai.

— Por quê? — perguntou ele.

— Porque Miranda ama Florença — disse ela.

— Nós dois sabemos que o motivo não tem nada a ver com essa cidade — disse o pai, em tom bem-humorado, mas lançando um olhar profundo para a filha e depois para mim. — Tem a ver com o pai dela.

— Você é tão cabeçudo, velho, que está convencido de que é o centro do universo e de que sem sua benção cada estrela do céu apagaria e viraria cinza — disse ela.

— Bem, este cabeçudo aqui precisa de um pouco mais de vinho antes de virar cinzas... o que, lembre-se, Mira, foi o que especifiquei em meu testamento.

— Calminha aí. — Miranda tirou a garrafa aberta do alcance do pai.

— O que ela não consegue entender, por causa da idade, imagino, é que depois de uma certa altura, ter que fazer dieta e cuidar do que

come...

— ... ou bebe...

— ... não adianta nada e na verdade causa mais mal do que bem. Acho que na nossa idade as pessoas deveriam poder viver o fim da vida como quisessem. Nos privar do que queremos à beira da morte parece inútil, se não perverso, você não acha?

— Eu acho que se deve sempre fazer o que se quer — respondi, ressentido por ter sido colocado na mesma faixa etária dele.

— Assim diz o homem que sabe exatamente o que quer, não é? — Foi o ataque irônico vindo da filha que não tinha esquecido nossa conversa no trem.

— Como você poderia saber se eu sei ou não o que quero? — contra-ataquei.

Ela não respondeu. Só olhou para mim e não baixou o olhar. Não ia entrar no meu joguinho de gato e rato.

— Porque eu sou igual a você — respondeu, por fim.

Ela me desvendava perfeitamente. E sabia que eu sabia disso. O que talvez não tenha adivinhado é que eu amava esse toma lá, da cá e sua relutância em deixar passar qualquer coisa que viesse de mim. Fazia com que eu me sentisse importante, o que era raro, como se nos conhecêssemos desde sempre e nossa intimidade não diminuísse de forma alguma a consideração mútua. Eu precisava acariciá-la, abraçá-la.

— A juventude de hoje é inteligente demais para tipos como a gente — interveio o pai.

— Nenhum de vocês sabe nada sobre a juventude de hoje — foi a resposta rápida que ela deu. Teria sido eu mais uma vez incluído no universo de casa de repouso do pai, mesmo antes do que minha idade permitia?

— Bem, então pode aceitar essa outra taça, pai. Porque eu te amo. E mais uma para você também, senhor S.

— Eles não servem vinho no lugar para onde eu estou indo, meu amor, branco ou tinto, ou mesmo rosé, e, sinceramente, eu quero beber o máximo que puder antes que venham empurrar minha maca. Quando essa hora chegar, eu vou esconder uma ou duas garrafas embaixo do lençol para conhecer o Nosso Senhor e dizer “Ei, olha o que eu trouxe

para você do maldito planeta Terra”.

Ela não respondeu e voltou à cozinha para pegar o almoço e trazer para a sala. Mas então mudou de ideia e disse que o tempo estava quente o bastante para comermos na varanda. Sendo assim, cada um pegou sua taça e seus talheres e foi para o terraço. Miranda abriu o peixe que tinha assado em uma frigideira de ferro, tirou as espinhas e, em outro prato, vieram o espinafre e a *puntarelle* velha, sobre os quais, depois que nos sentamos, ela salpicou azeite e parmesão fresco ralado.

— Então, conte o que você faz — perguntou o pai, virando-se para mim.

Eu contei a eles que tinha recém terminado meu livro e logo voltaria a Liguria, onde morava. Tracei um panorama muito breve da minha carreira como professor de estudos clássicos e do meu projeto atual sobre a trágica queda de Constantinopla, em 1453. Contei um pouco sobre minha vida, sobre minha ex-mulher, que agora vive em Milão, sobre meu filho que tem uma carreira em ascensão como pianista e o quanto sinto falta de acordar ao som do mar quando estou longe de casa.

A queda de Constantinopla interessou ao pai.

— Os habitantes de Constantinopla sabiam que a cidade estava condenada? — perguntou ele.

— Sabiam.

— Então por que não fugiu mais gente antes que ela fosse saqueada?

— Pergunte aos judeus da Alemanha!

Houve um instante de silêncio.

— Refere-se aos meus pais e avós e à maioria dos meus tios e tias com quem logo vou encontrar nos portões de pérola?

Eu não sabia dizer se o pai da Miranda estava jogando um balde de água fria no que eu tinha acabado de dizer, ou se era apenas mais uma referência nem tão velada assim a sua saúde decadente. De qualquer forma, eu não estava agradando.

— Saber que o fim está próximo é uma coisa — acrescentei, tentando traçar um percurso atento sobre as águas rasas. —, acreditar nisso é outra bem diferente. Jogar a vida inteira ao mar para começar do zero em terras estrangeiras pode ser um ato heroico, mas é totalmente ousado. Poucos são capazes de fazê-lo. Para onde correr quando nos

sentimos presos como se as paredes estivessem se fechando, quando a casa está pegando fogo, a única saída é a janela do quinto andar e saltar não é uma opção? Não existe outra margem. Nesses casos, algumas pessoas escolhem tirar a própria vida. A maioria, no entanto, prefere fechar os olhos e viver à espera de dias melhores. As ruas de Constantinopla transbordaram com o sangue dos esperançosos quando os turcos invadiram e saquearam a cidade. Mas estou interessado nos cidadãos que temiam o fim e fugiram, muitos para Veneza.

— Você teria deixado Berlim se vivesse na Alemanha, digamos, em 1936? — perguntou Miranda.

— Não sei. Mas alguém teria de me forçar ou ameaçar me deixar se eu não estivesse disposto a fugir. Eu me lembro da história de um violinista que se escondeu em seu apartamento no Marais, em Paris, sabendo que a polícia viria bater à sua porta em uma noite qualquer, o que de fato aconteceu. Ele até conseguiu convencê-los a deixar que levasse seu violino. Mas o instrumento foi a primeira coisa que tiraram dele a caminho do campo de concentração. E em vez de morrer na câmara de gás, o violinista foi espancado até a morte.

— Então hoje à noite você vai falar sobre Constantinopla? — perguntou ela, com um tom de quase incredulidade na voz que a fazia soar decepcionada.

Não ficou claro se a intenção era banalizar meu trabalho com o mesmo tipo de pergunta que eu tinha acabado de fazer sobre ela ou se ela estava realmente admirada, como quem diz *Que maravilhoso que esse seja o trabalho da sua vida!* E foi por isso que acabei respondendo de um jeito evasivo e brando.

— É isso que eu faço. Mas em alguns dias consigo ver minha vocação pelo que ela é: trabalho burocrático, nada mais que trabalho burocrático. Nem sempre me orgulho disso.

— Então você não passa a vida perambulando pelas Ilhas Eólias, hospedando-se em lugares como Panarea ou Salina, nadando ao amanhecer, escrevendo o dia todo, comendo frutos do mar, bebendo vinho siciliano à noite com alguém com metade da sua idade.

De onde tinha saído isso? Ela estava tirando sarro daquilo com que todo homem da minha idade sonha?

Miranda largou o garfo e acendeu um cigarro. Observei o

movimento resolutivo da mão para apagar o fósforo antes de jogá-lo em um cinzeiro. Como ela, de repente, parecia forte e invulnerável. Estava mostrando outro lado de si, um que escrutina as pessoas e faz acusações apressadas, então as afasta e nunca mais deixa que se aproximem a não ser em momentos de fraqueza, só para então jogar a distância na cara delas. Homens eram como fósforos: incandesciam e eram chacoalhados e jogados no primeiro cinzeiro que aparecesse. Fiquei observando enquanto ela dava a primeira tragada. Sim, obstinada e inflexível. Fumar com o rosto virado para o outro lado fazia com que parecesse muito distante e insensível. Do tipo que sempre consegue o que quer. Não exatamente a boa garota que não gosta de magoar as pessoas.

Era bom vê-la fumar. Bela e inalcançável; mais uma vez contive o impulso de abraçá-la e deixar que meus lábios tocassem seu rosto, seu pescoço, atrás de sua orelha. Será que ela percebia que a vontade de abraçá-la ao mesmo tempo me agitava e me desalentava, porque eu sabia que não havia lugar para mim em seu mundo? Miranda tinha me convidado pelo bem do pai.

Mas o que a fazia fumar?

Observando-a segurar o cigarro, não pude deixar de dizer:

— Como disse um poeta francês, algumas pessoas fumam para colocar nicotina nas veias, outras para colocar uma nuvem entre elas e os outros. — Mas então, achando que ela poderia interpretar aquilo como uma observação sarcástica, logo coloquei o holofote sobre mim. — Todos temos nossas maneiras de erguer biombos para manter a vida a distância. Eu uso papel.

— Você acha que eu mantenho a vida a distância? — A pergunta era franca e apressada, não um sofisma disfarçado para criar caso.

— Não sei. Talvez seguir o cotidiano com todas as suas alegrias e tristezas insignificantes seja a maneira mais certa de manter distância da vida real.

— Então talvez não exista isso de vida real. Só a bagunça usual do dia a dia... é isso que você acha?

Não respondi.

— Eu espero que haja mais do que a bagunça usual do dia a dia. Mas nunca encontrei, talvez, porque a ideia me assusta.

Continuei em silêncio.

— Nunca falo com as pessoas a esse respeito.

— Nem eu — respondi.

— Me pergunto por que nenhum de nós dois fala sobre isso.

Era a garota do trem mais uma vez. Inflexível e determinada, mas completamente à deriva.

Sorrimos sem vontade um para o outro. Então, percebendo que a conversa estava tomando um caminho estranho e desconfortável:

— Ele também gosta de trabalho burocrático — comentou ela, apontando para o pai.

Ele seguiu a deixa de imediato.

Ótimo trabalho de equipe.

— Gosto mesmo. Eu era um bom professor. Então, há mais ou menos oito anos, me aposentei. Trabalho com escritores e jovens acadêmicos, editando as dissertações que eles me passam. É um trabalho solitário, mas agradável e tranquilo. E sempre aprendo muito. Às vezes trabalho do amanhecer até a meia-noite. Então, no fim da noite, eu assisto à televisão para arejar um pouco a mente.

— O problema é que ele esquece de cobrar.

— Sim, mas eles me amam e eu aprendi a amar cada um, sempre trocamos e-mails. E, sinceramente, não faço pelo dinheiro.

— Isso é óbvio! — retrucou a filha.

— Em que está trabalhando agora? — perguntei.

— É uma dissertação bastante abstrata sobre o tempo. Começa com a história, ou parábola, como ele gosta de chamar, de um jovem piloto americano da Segunda Guerra Mundial. Ele era casado com a namoradinha da escola na cidadezinha onde cresceram. Passaram cerca de duas semanas juntos na casa dos pais dela antes de ele embarcar. Um ano e um dia depois, o avião que ele pilotava foi abatido pela Alemanha. A jovem esposa recebeu uma carta dizendo que ele era considerado morto. Não havia evidências da queda e os restos mortais também não foram encontrados. Pouco tempo depois, a mulher se matriculou em uma faculdade onde acabou conhecendo um veterano de guerra que se parecia com seu marido. Eles se casaram e tiveram cinco filhas. Ela morreu há mais ou menos uma década. Alguns anos após a morte, o lugar da queda do avião foi localizado e a placa de identificação e os restos mortais do primeiro marido finalmente foram

recuperados e confirmados por correspondência de DNA com um primo bem distante que nunca tinha nem ouvido falar daquele parente e sua esposa. Ainda assim, esse primo aceitou fazer o teste. A parte triste é que quando os fragmentos de seu corpo foram enviados de volta à sua cidade natal para um enterro apropriado, a esposa, seus pais e os pais do piloto e todos os seus irmãos já tinham morrido. Ele não tinha mais ninguém, não havia família para se lembrar dele, muito menos para chorar sua morte. A esposa nunca tinha falado dele para as filhas. Foi como se ele não tivesse existido. Com a exceção de um dia em que ela abriu uma velha caixa de recordações que continha, entre outras coisas, a carteira que ele havia deixado para trás ao partir. Quando as meninas perguntaram de quem era, a mulher foi até a sala e pegou um quadro com uma foto do atual marido, pai delas, e mostrou uma foto velha escondida por trás. Era o rosto do primeiro marido. Elas não sabiam que a mãe já tinha sido casada e ela nunca mais tocou no assunto.

“Para mim isso prova que a vida e o tempo não estão em sincronia. É como se o tempo estivesse sempre errado e a vida da esposa tivesse sido vivida na margem errada ou, pior ainda, em duas margens, e nenhuma das duas era a certa. Talvez ninguém queira admitir que leva a vida em vias paralelas, mas todo mundo vive muitas vidas, uma escondida por baixo, ou mesmo ao lado, da outra. Algumas esperam sua vez porque ainda não foram vividas, enquanto outras morrem antes que tenham se concluído. Umas ainda estão esperando para ser revividas porque não foram vividas o suficiente. Não sabemos como pensar sobre o tempo, porque ele não se entende como nós o entendemos. Ele na verdade não está nem aí para o que pensamos a seu respeito, porque ele é só uma metáfora oscilante e duvidosa para nosso modo de pensar a vida. No fim das contas, não é o tempo que é errado para nós, ou nós para ele. Talvez a própria vida seja errada.

— Por que você diz isso? — perguntou ela.

— Porque a morte existe. Porque ela, ao contrário do que todos dizem, não é parte da vida. A morte é a grande mancada de Deus, e o pôr e o nascer do sol são ele corando de vergonha e pedindo nosso perdão todo santo dia. Eu sei uma coisinha ou outra sobre esse assunto.

Ele ficou em silêncio.

— Eu amo essa dissertação — completou, por fim.

— Você fala dela há meses, pai. Alguma ideia de quando ele vai terminar?

— Bem, eu acho que o jovem autor está se batendo para organizar tudo, em parte, porque não sabe como concluir. É por isso que não para de sugerir exemplos. Um deles é sobre um casal que caiu em uma fenda em uma geleira nos Alpes Suíços em 1942. Os cadáveres congelados foram recuperados 75 anos depois, com seus sapatos, um livro, um relógio de bolso, uma mochila e uma garrafa. Eles tinham sete filhos, dos quais cinco ainda estão vivos. O desaparecimento trágico dos pais lançou uma nuvem escura e perturbadora sobre a vida da prole. Todos os anos, no aniversário do desaparecimento dos pais, eles subiam a geleira e faziam uma oração em memória. A filha mais nova tinha quatro anos na época. Testes de DNA confirmaram a identidade dos pais e garantiram algum tipo de desfecho.

— Eu odeio essa palavra: *desfecho* — disse Miranda.

— Talvez porque você deixa portas abertas em todo canto — retrucou o pai, lançando para ela um olhar oblíquo e irônico como quem diz *Você sabe exatamente do que eu estou falando*.

Ela não respondeu.

Um silêncio desconfortável se instalou entre nós.

Fingi ignorar.

— Outro conto da dissertação — prosseguiu o pai — menciona um soldado italiano que, depois de doze dias de casado, é enviado para o front russo e em pouco tempo é dado como desaparecido. Na Rússia, no entanto, ele permanece vivo e é resgatado por uma mulher com quem tem um filho. Muitos anos depois, esse homem volta para a Itália. Ele se sente sem rumo em uma terra natal que não conhece tanto quanto sua Rússia adotiva, e é para lá que acaba voltando em busca de um lar melhor. Duas vidas, dois fusos horários, nenhum dos dois era o certo.

“E tem também o conto de um homem de quarenta anos que um dia resolve, finalmente, visitar o túmulo do pai, morto na guerra pouco antes de ele nascer. O que impressiona esse filho, abismado diante das datas na lápide, é que o pai morreu aos vinte anos, metade de idade atual do filho, e que, portanto, ele tem idade suficiente para ser pai do pai. Estranhamente, ele não consegue decidir se está triste porque o pai

nunca chegou a vê-lo, porque ele mesmo nunca conheceu o pai ou porque está diante do túmulo de alguém que parece mais um filho morto do que um pai morto.”

Nenhum de nós tentou conferir uma moral a esse conto.

O pai disse:

— Acho esses contos bastante comoventes, não sei dizer por que, só que capto a sugestão de que, apesar das aparências, vida e tempo não estão alinhados e têm itinerários totalmente diferentes. Miranda está certa. O desfecho, se é que ele existe, serve à vida após a morte ou àqueles que ficam para trás. No fim das contas, os vivos é que fecharão o túmulo da minha vida, não eu. Passamos pelas sombras de quem somos e confiamos o que aprendemos, vivemos e conhecemos aos que ficam. O que mais podemos dar àqueles que amamos depois de morrer além de fotos da nossa infância, de quando ainda não éramos os pais que eles viriam a conhecer? Quero que meus sobreviventes prolonguem minha vida, não apenas se lembrem dela.

Percebendo nós dois em silêncio, o pai de repente exclamou:

— Traga o bolo, sim? Quero colocá-lo entre mim e o que me espera. Talvez Ele goste de bolo também, não acham?

— Eu trouxe um pequeno porque sabia que você comeria um maior inteiro antes que eu fosse embora no domingo.

— Como você pode ver, ela quer que eu fique vivo. Para que, eu não faço ideia.

— Se não por você mesmo, então por mim, seu velho tonto. Além do mais, não finja: já vi você olhando para as mulheres quando saímos para passear com a cachorra.

— É verdade, eu ainda me viro quando vejo um belo par de pernas. Mas, para dizer a verdade, não lembro por quê.

Todos rimos.

— Tenho certeza de que aquelas enfermeiras podem ajudá-lo a se lembrar.

— Talvez eu não queira me lembrar do que estou perdendo.

— Fiquei sabendo que existe medicação para isso.

Fiquei assistindo à briga simulada entre pai e filha. Ela saiu da sala e foi até a cozinha buscar mais talheres.

— Você acha que minha saúde dá conta de um cafezinho? —

perguntou ele, alto o bastante para ela ouvir. — Talvez um para nosso convidado também?

— Eu só tenho duas mãos, pai, duas mãos — disse ela, fingindo rosar e, em instantes, trouxe o bolo e três pratinhos, que deixou empilhados em um banco antes de voltar à cozinha. Ouvimos ela mexer na cafeteira e bater na pia o resto de café passado pela manhã.

— Na pia, não — resmungou ele.

— Tarde demais.

Olhamos um para o outro e sorrimos. Não consegui me conter:

— Ela ama você, não ama?

— Ela ama, sim. Mas não devia. Tenho sorte. Ainda assim, não acho isso bom na idade dela.

— Por quê?

— Por quê? Porque eu acho que vai ser difícil para ela. Além do mais, não precisa ser um gênio para perceber que estou atrapalhando.

Não havia o que responder.

Ouvimos que ela colocava os pratos sujos na pia.

— O que vocês dois estão cochichando? — perguntou Miranda, ao voltar para o terraço com o café.

— Nada — disse ele.

— Não minta.

— Estávamos falando sobre você — disse eu.

— Eu sabia. Ele quer netos, não quer? — perguntou ela.

— Quero que você seja feliz. Pelo menos mais feliz... e com alguém que você ama — vociferou o pai. — E sim, quero netos. É o maldito relógio. Mais um desses casos em que a vida e o tempo não se dão. E não me diga que você não entende.

Ela sorriu, querendo dizer que entendia.

— Estou batendo à porta da morte, sabia?

— Alguém já atendeu? — perguntou ela.

— Ainda não. Mas ouvi o velho mordomo gritar um “Já vou!” e, quando bati de novo, ele resmungou “Eu não disse que já vou?”. Antes que destranquem para me deixar entrar, você poderia pelo menos encontrar alguém que você ama?

— Eu digo para ele que não tem ninguém, mas ele não acredita — disse ela, virando-se para mim, como se eu estivesse mediando a

discussão.

— Como é que pode não haver ninguém? — respondeu ele, virando-se para mim também. — Sempre tem alguém. Sempre que eu ligo tem alguém.

— E ainda assim é sempre ninguém. Meu pai não entende. — Parecia achar que era mais provável que eu concordasse com ela. — O que esses homens podem oferecer eu já tenho. E tudo o que eles querem eles não merecem, ou, talvez, eu não tenha em mim para dar. Isso é o triste.

— Estranho — afirmei.

— Estranho por quê?

Ela estava sentada ao meu lado, longe do pai.

— Porque eu sou exatamente o oposto. Tenho muito pouco que qualquer pessoa possa querer a essa altura e, quanto ao que *eu* quero, eu nem saberia como dizer. Mas você já sabe de tudo isso.

Por um instante ela olhou só para mim.

— Talvez eu saiba, talvez não. — Significado: *não* vou entrar no seu jogo. Ela sabia, sabia exatamente o que eu estava fazendo antes mesmo que eu soubesse.

— Talvez você saiba, talvez não — imitou o pai dela. — Você é muito boa em encontrar paradoxos, não é? E, quando pesca um dentro da sua mala de conceitos fáceis, logo acha que encontrou a resposta. Mas um paradoxo nunca é uma resposta, é só uma verdade fraturada, um traço de significado, só que sem pernas. Tenho certeza de que nosso convidado não veio para ouvir nossa discussão. Perdoe a discórdia entre pai e filha.

Observamos enquanto ela virava a cafeteira de ponta cabeça e cobria a tampa com um pano de prato para evitar que o café espirrasse. Nem pai nem filha adoçavam o café, mas ela, de repente, percebeu que talvez eu quisesse e, sem perguntar, correu até a cozinha para pegar o açucareiro.

Eu não adoçava, mas fiquei comovido com o gesto e me servi uma colher. Então me perguntei por que tinha feito aquilo quando poderia facilmente ter dito não.

Bebemos em silêncio. Depois do café, levantei-me.

— Acho que preciso voltar para o hotel, revisar as anotações para a palestra de hoje à noite.

Ela não conseguiu resistir:

— Você precisa mesmo revisar suas anotações? Já não deu a mesma palestra várias vezes?

— Sempre tenho medo de perder o fio da meada.

— Não consigo imaginar você perdendo o fio da meada, Sami.

— Se você soubesse o que se passa na minha cabeça...

— Ah, conte — disse, dando trela, mas não sem um toque alegre de malícia, o que me surpreendeu. — Eu estava pensando em assistir... se eu estiver convidada, é claro.

— É claro que está convidada, e seu pai também.

— Ele? — perguntou ela. — Ele raramente sai de casa.

— Eu saio de casa, sim — retrucou o pai. — Como você saberia o que eu faço quando não está aqui?

Ela não esperou para responder. Foi até a cozinha e voltou com um prato com um caqui cortado em quatro. Os outros ainda não estavam bem maduros, explicou. Então saiu do terraço e voltou com uma tigela de nozes. Talvez fosse sua maneira de me segurar por mais um tempo. O pai estendeu a mão e pegou uma. Ela também, buscando o quebranozes. Ele dispensou a ferramenta, abrindo-a com as mãos.

— Odeio quando você faz isso — disse ela.

— O quê... isso?

E ele abriu mais uma, tirou a casca e me deu a parte comestível. Fiquei perplexo.

— Como você fez isso? — perguntei.

— É simples — respondeu ele. — Você não usa o punho, apenas o indicador, que posiciona perpendicularmente ao sulco das duas metades, assim, e com a outra mão você dá um tapa firme. *Voilà!* — disse ele, oferecendo o conteúdo à filha desta vez. — Tente você — continuou, oferecendo-me uma noz nova. E, de fato, abri uma noz, exatamente como ele tinha feito.

— Vivendo e aprendendo — disse ele, sorrindo. Com isso, levantou-se. — Preciso voltar ao meu piloto de avião — acrescentou, levantando e empurrando a cadeira de volta para a mesa e saindo do terraço.

— Banheiro — explicou Miranda.

Ela ergueu-me subitamente e foi direto para a cozinha. Eu também fiquei de pé e fui atrás dela, sem saber se minha presença era

requisitada. Então fiquei parado junto à porta e observei enquanto ela passava água nos pratos, um por um, e os empilhava apressadamente ao lado da pia até pedir minha ajuda para colocá-los na lava-louças. Ela encheu a frigideira de ferro com água fervendo e sal grosso e começou a limpá-la, esfregando com toda força em um ataque de mau humor contra um pedaço de pele de peixe grudado à lateral da panela, que de jeito algum se rendia à esponja de aço. Estava chateada? Na hora de lavar as taças de cristal, no entanto, foi mais branda, delicada, como se algo na idade e no formato arredondado daquelas peças a satisfizesse e a acalmasse e exigisse cautela. Não estava irritada, então. O enxágue levou alguns minutos. Quando acabou, percebi que as palmas de suas mãos e seus dedos estavam de um cor-de-rosa bem intenso, quase roxas. Eram mãos lindas. Olhou pra mim enquanto as enxugava com um pano de prato pendurado no puxador da geladeira, o mesmo que tinha usado para evitar que a cafeteira espirasse. Não disse nada. Então apertou um *dispenser* hidratante que ficava ao lado da pia e passou nas mãos.

— Você tem mãos bonitas.

Ela não respondeu. Tudo o que disse depois de uma pausa foi:

— Eu tenho mãos bonitas — ecoando minhas palavras para zombar delas ou para questionar o motivo pelo qual eu as tinha dito.

— Você não pinta as unhas — acrescentei.

— Eu sei.

Mais uma vez, eu não soube dizer se ela estava se desculpando por não usar esmalte ou me dizendo para cuidar da minha vida. O que eu queria era sugerir que ela era diferente de tantas mulheres da mesma idade que pintavam as unhas de tantas cores. Mas ela provavelmente sabia disso, não precisava que lhe dissessem. Uma conversa absolutamente besta de minha parte.

Quando terminou na cozinha, Miranda voltou para a sala de jantar e então foi até a sala de estar para pegar nossos casacos. Fui atrás dela, e foi quando me perguntou sobre a palestra.

— É sobre Fócio — contei — um antigo patriarca bizantino que mantinha um catálogo precioso dos livros chamado *Myriobiblion*, que quer dizer dez mil livros. Sem a lista dele jamais saberíamos da existência de tais obras, porque muitas desapareceram totalmente.

Será que eu a estava entediando? Talvez ela não estivesse nem me

ouvindo enquanto remexia as correspondências fechadas na mesinha de centro.

— Então é isso que coloca entre você e a vida? Dez mil livros?

Eu gostava de seu humor irônico, principalmente vindo de alguém que, apesar de ter demonstrado um cansaço evidente em relação ao mundo quando estávamos no trem, talvez preferisse câmeras, motocicletas, jaquetas de couro, *windsurf* e jovens esguios que faziam amor pelo menos três vezes por noite.

— Eu coloco tanta coisa entre mim e a vida, você não faz ideia — respondi. — Mas tudo isso talvez esteja muito além da sua compreensão.

— Não, não está. Sei um pouco do que está falando.

— É? Por exemplo?

— Por exemplo... você quer mesmo saber? — perguntou ela.

— É claro que quero saber.

— Por exemplo, não acho que você é um homem muito feliz. Mas você é como eu: algumas pessoas podem estar de coração partido não porque foram magoadas por alguém, mas porque nunca encontraram alguém importante o bastante para magoá-las. — Então, como se tivesse repensado, talvez por achar que tinha ido longe demais, ela recua. — Pode ser mais um dos paradoxos que pesquei de minha mala cheia de conceitos. Um coração partido pode ser contraído sem sintomas. Você pode nem saber que sofre disso. Isso me lembra do que dizem sobre fetos que comem seus gêmeos muito antes de nascerem. Talvez nunca encontrem vestígios do gêmeo perdido, mas aquela criança vai crescer sentindo a ausência do irmão a vida inteira... a ausência do amor. Tirando meu pai e o que você disse do seu filho, parece ter havido pouquíssimo amor verdadeiro ou intimidade nas nossas vidas. Mas quem sou eu para saber a respeito dessas coisas?

Ela hesitou por um instante muito breve e, talvez temendo que eu comesse a contra-atacar ou a levar a sério demais seu discurso, acrescentou:

— Eu sinto, no entanto, que talvez alguma parte sua não goste que alguém diga que você não é feliz. — Tentei assentir com educação, um gesto que também queria dizer *Só estou consentindo com o que você está dizendo e não vou discutir*. — Mas o bom é que... — continuou ela,

mas se conteve mais uma vez.

— O bom é que?

— O bom é que não acho que você tenha fechado o livro ou desistido de procurar. Pela felicidade, quero dizer. Gosto disso em você. Mas talvez eu esteja inventando isso tudo.

Não respondi... talvez meu silêncio fosse a resposta.

— Muito bem — foi o que ela deixou escapar enquanto me entregava meu paletó, que eu vesti. Então, mudando completamente de assunto: — Seu colarinho — disse, apontando para meu paletó.

Não ficou claro para mim o que ela queria dizer.

— Eu arrumo — falou ela, aproximando-se à minha frente. Sem pensar duas vezes, segurei suas duas mãos nas lapelas do paletó contra meu peito.

Eu não tinha planejado nada disso, simplesmente, deixei-me levar e toquei sua testa com a palma da mão. Raramente eu era tão impulsivo e, para mostrar que não queria ultrapassar nenhum limite, comecei a abotoar o paletó.

— Você não precisa ir agora — disse ela de repente.

— Mas eu deveria. Minhas anotações, minha palestra, o velho Fócio, os biombos frágeis que coloco entre mim e o mundo real, tudo isso está esperando, sabe.

— Foi especial. Para mim, quero dizer.

— Isso?

Apesar da pergunta, eu não conseguia me convencer a acreditar que sabia exatamente o que ela queria dizer. Tentei me afastar, mas acariciei sua testa mais uma vez. Então beijei sua testa. Desta vez, fiquei olhando para ela, que não desviou o olhar. E, em um gesto que me pegou completamente de surpresa mais uma vez e pareceu surgir sabe Deus de quantos anos atrás, deixei que a ponta do meu dedo tocasse seu queixo, suave, como um adulto seguraria o queixo de uma criança entre o polegar e o indicador para evitar um choro, sentindo todo o tempo, como ela também sentiu, que, se ela permanecesse imóvel, esse carinho no queixo provavelmente seria um prelúdio para o que fiz em seguida, quando permiti que meu dedo percorresse seu lábio inferior, de um lado para o outro. Ela não se afastou e continuou me encarando. Eu não sabia dizer se a tinha ofendido tocando sua testa assim ou se, pega de

surpresa, ela ainda estava pensando em como reagir. E seguia me encarando, ousada e inflexível. Acabei pedindo desculpas.

— Tudo bem — disse ela, com o início do que parecia ser um riso reprimido. Estava, eu tinha certeza, relevando aquilo tudo e encarando a situação com maturidade. Tudo o que fez no fim foi virar-se com rispidez e, sem dizer nada, pegar a jaqueta de couro que estava no sofá. O gesto foi tão brusco e firme que eu tinha certeza de que a chateara.

— Eu vou com você ao auditório.

A afirmação me desorientou. Eu estava certo de que ela não queria mais nada comigo depois do que eu tinha acabado de fazer.

— Agora?

— É claro que é agora. — Então, talvez para suavizar a virada abrupta, ela acrescentou: — Porque se eu não ficar de olho e não seguir você pela cidade sei que nunca mais vou te ver de novo.

— Você não confia em mim.

— Não sei. — Então, virando-se para o pai, que estava sentado na sala agora, disse: — Pai, vou à palestra dele, ok?

Ele ficou surpreso, e provavelmente decepcionado, por ela sair tão cedo.

— Mas você acabou de chegar. Não ia ler para mim?

— Eu leio amanhã. Prometo.

Miranda tinha desenvolvido o hábito de ler as memórias de Chateaubriand para ele. Ele lia Chateaubriand para ela no início da adolescência; agora era sua vez, explicou.

— Seu pai não ficou muito satisfeito — afirmei, quando estávamos prestes a sair. Ela fechou as portas do terraço. O cômodo escureceu de imediato, e o breu repentino lançou um ar sombrio que refletia o fim próximo do outono e o humor de seu pai.

— Não mesmo. Mas não faz diferença. Ele finge que vai trabalhar, mas tira cochilos enormes ultimamente. De qualquer forma, enquanto ele dorme eu faço compras para reabastecer a geladeira com as coisas que ele gosta. Amanhã cuido disso. As enfermeiras cuidam do resto. A funcionária dele vem hoje à tarde e passeia com a cachorra, faz comida, assiste à TV com ele e o coloca na cama.

Quando descemos e saímos do prédio, diante do Lungotevere, ela, de repente, parou e respirou fundo o ar fresco do fim de outubro. Isso me pegou de surpresa.

— O que foi isso? — perguntei, claramente me referindo ao que parecia um som pesaroso exalado dos pulmões.

— Acontece sempre que vou embora. Um alívio avassalador. Como se eu estivesse sufocando com o ar ruim lá dentro. Um dia, em breve, eu sei, vou sentir falta dessas visitas. Só espero que não me sinta culpada ou esqueça dessa necessidade tão grande de sair de lá e fechar a porta.

— Às vezes me pergunto se meu filho não tem a mesma sensação sempre que se despede de mim.

Ela não respondeu. Só continuou caminhando.

— O que eu preciso é de um café.

— Você não acabou de tomar um? — perguntei.

— Era descafeinado — disse ela. — Eu compro descafeinado para ele, e o deixo pensar que é café comum.

— Funciona?

— O suficiente. A não ser que ele saia e compre café de verdade e não me fale. Mas eu duvido. Como eu disse, eu venho todo final de semana. Às vezes, quando tenho um dia livre, pego um trem e passo a noite aqui e volto no fim da manhã.

— Você gosta de vir para casa?

— Eu gostava.

Então me peguei fazendo uma pergunta que nunca ousaria fazer.

— Você o ama?

— Ultimamente não sei dizer.

— Ainda assim, você é uma filha maravilhosa. Eu vi com meus próprios olhos.

Ela não respondeu. Um sorriso desanimado que parecia dizer *Você não viu nada* pairou sobre suas feições.

— Acho que o amor que tive um dia se esgotou. Restou só um placebo, fácil de confundir com o sentimento de verdade. A idade, a doença, talvez o início da demência fazem isso. Cuidar dele e me preocupar e ligar para ele o tempo todo quando estou longe para ter certeza de que não está faltando nada... essas muitas coisas consumiram tudo o que eu tinha para dar. Você não chamaria isso de amor.

Ninguém chamaria. Ele não chamaria.

Então, como já fizera antes, ela interrompeu o próprio fluxo.

— A garota precisa de um café! — De repente, ela acelerou o passo.
— Conheço um lugar bom aqui perto.

Enquanto caminhávamos até o local, perguntei se ela se importaria de fazer uma parada breve do outro lado da ponte.

— Quero te mostrar uma coisa.

Ela não perguntou o que ou onde e simplesmente me seguiu.

— Tem certeza de que tem tempo? Você precisa deixar a mala, lavar as mãos e revisar suas anotações — disse ela, com um sarcasmo perceptível na voz.

— Eu tenho tempo. Talvez eu estivesse exagerando mais cedo.

— Não me diga! Eu sabia que você era um vigarista.

Nós rimos.

— Ele está muito doente. E o pior é que ele sabe disso, ainda que não queira falar sobre o assunto. Embora eu não saiba dizer se é por estar assustado demais ou por estar tentando não *me* assustar. Nós dois dizemos que é para proteger o outro, mas acho que na verdade só não descobrimos uma maneira de falar a respeito e preferimos adiar o confronto até que talvez seja tarde demais. Mantemos tudo muito leve, e fazemos piada. *Você trouxe o bolo? Eu trouxe o bolo. Um pouco mais de vinho para mim? Sim, mas só mais um dedinho.* Em pouco tempo, ele não vai conseguir respirar, então se não morrer de câncer vai morrer de pneumonia. Isso sem falar da morfina, que ele já começou a tomar e que acaba causando outros problemas sobre os quais não falamos. Talvez eu tenha que vir morar com ele se nenhum dos meus irmãos fizer isso. Sempre dizemos que vamos revezar, mas quem sabe que desculpas cada um vai encontrar quando chegar a hora?

A caminho do café fizemos um ligeiro desvio e paramos no meu hotel. Eu disse que deixaria a mala na recepção. O recepcionista, que estava assistindo à televisão, disse que mandaria um dos carregadores levá-la até o meu quarto. Miranda não entrou no saguão, mas deu uma olhada na capelinha do hotel. Quando saí vi que ela usava a ponta do sapato para mexer no que aparentemente era uma pedra solta que parecia chamar sua atenção.

— Mais dois minutos e você já vai ver o que eu queria mostrar —

tranquilei-a, percebendo sua agitação. Eu queria dizer algo sobre seu pai, ou pelo menos encerrar o assunto com algumas palavras de conforto, mas não consegui pensar em algo que não fosse lugar-comum, e fiquei aliviado quando ela mudou de assunto.

— É bom que esse desvio valha a pena.

— Para mim, vale.

Em alguns minutos chegamos a um prédio em uma esquina. Parei diante dele e fiquei em silêncio.

— Não me diga... Uma vigília! — Ela lembrava. — Onde? — perguntou.

— Lá em cima. Terceiro andar, com os janelões.

— Boas lembranças?

— Não, especialmente. Eu só morava aqui.

— E?

— Se eu fico no mesmo hotel sempre que estou em Roma é porque fica a alguns passos deste prédio — contei, apontando para as janelas lá em cima, que claramente não eram limpas ou substituídas havia décadas. — Eu amo perambular por aqui. É como se eu ainda estivesse lá em cima, ainda lendo grego antigo, ainda dando notas aos trabalhos dos alunos. Aprendi a cozinhar neste prédio. Aprendi até a pregar botões aqui. Aprendi a fazer meu próprio iogurte, meu próprio pão. Aprendi o I Ching. Tive até meu primeiro animal de estimação porque a senhora francesa do andar de baixo não queria mais seu gato, e ele gostava de mim. Tenho inveja do jovem que vive lá em cima mesmo que ele não seja feliz aqui. Gosto de vir até tarde da noite, às vezes, quando está escuro. Fico observando e se uma luz se acende nas minhas antigas janelas, meu coração dispara.

— Por quê?

— Porque parte de mim, provavelmente, não desistiu de querer voltar os ponteiros do relógio. Ou não aceitou que eu segui em frente... se é que segui de fato. Talvez tudo o que eu queira seja me reconectar com a pessoa que eu era e que perdi de vista quando virei as costas para me mudar daqui. Talvez eu nunca queira ser quem eu era naquele tempo, mas gostaria de rever esse eu, por um minuto que seja, só para descobrir quem é essa pessoa que ainda nem deixou a esposa que ainda não conheceu e que está longe de saber que vai ser pai um dia. O jovem

lá em cima não sabe nada disso, e parte de mim quer atualizá-lo e dizer que ainda estou vivo, que não mudei e que estou aqui fora neste momento...

— ... comigo — interrompeu ela. — Quem sabe a gente pode subir para dar um oi. Estou louca para conhecê-lo.

Eu não soube dizer se ela estava aprofundando a piada ou se estava sendo inexplicavelmente séria.

— Tenho certeza de que ele adoraria abrir a porta e ver você esperando no corredor — admiti.

— Você me deixaria entrar? — perguntou ela.

— Você sabe a resposta!

Ela esperou que eu dissesse mais alguma coisa, talvez, para esclarecer o que queria dizer. Mas eu não disse.

— Foi o que pensei.

— *Você* teria entrado? — perguntei, finalmente.

Ela pensou por um segundo.

— Não — respondeu.

— Por que não?

— Gosto mais de você mais velho.

Um silêncio repentino caiu sobre nós.

— Resposta melhor? — perguntou ela, enlaçando meu braço em um gesto que podia muito bem significar que mesmo nas piadas havia sinceridade e confiança entre nós.

— Sou muito mais velho do que você, Miranda.

— A idade é o que é. Beleza? — declarou ela, quase antes de eu terminar de dizer minha frase.

— Beleza. — Eu sorri. Nunca tinha usado essa palavra assim antes.

— Então, alguma vez você já entrou no prédio ou subiu? — Ela estava mudando de assunto.

Faz sentido, pensei.

— Não, nunca.

— Por que não?

— Não sei.

— A senhorita Margutta te magoou tanto assim?

— Acho que não. O prédio tem muito pouco a ver com ela. Outras garotas vieram aqui, no entanto.

— Você gostava delas?

— Só o suficiente. Eu me lembro de um dia específico em que estava com gripe e tinha cancelado todas as minhas aulas. Foi um dos meus dias mais felizes aqui. Eu estava com febre e não tinha comida em casa. Uma garota que era minha aluna soube da minha situação e me trouxe três laranjas. Ficou um tempo, acabou me dando uns beijos, depois foi embora. Um tempinho depois, outra garota me trouxe canja, uma terceira veio e preparou uma bebida quente com tanto conhaque para nós três que eu acho que fui o homem com febre mais feliz do mundo. Uma das duas acabou morando comigo por um tempo.

— E agora eu é que estou aqui com você. Você pensou nisso?

Havia algo estranhamente tenso em sua voz, e eu não soube dizer por quê. Achei que estivesse confidenciando meu passado, como estávamos fazendo desde a viagem de trem juntos. Então dei uma risada leve que percebi ter soado um pouco forçada.

— Qual é a graça?

— Nenhuma, é que você não era nem nascida quando eu morava aqui.

Nenhum de nós perguntou por que essa questão tinha surgido.

Ela tirou uma máquina fotográfica pequena da bolsa.

— Vou pedir a essas pessoas que tirem uma foto de nós dois, para que você saiba que eu existi e que não fui reduzida a uma lembrança passageira como a garota das três laranjas cujo nome e sobrenome você jamais lembraria.

Seria um frenesi de vaidade feminina? Não condizia com ela.

Ela parou um casal de turistas americanos que estava saindo de uma loja e, entregando a câmera, pediu à garota loura que tirasse uma foto nossa em frente ao prédio.

— Assim não — disse ela —, quero um abraço. E me dê sua outra mão. Você não vai morrer por isso.

Ela pediu à garota que tirasse mais uma foto *para garantir*.

Depois de vê-la apertar o botão mais algumas vezes, ela agradeceu e pegou a câmera de volta.

— Vou te mandar as fotos logo para que você não se esqueça da Miranda. Promete?

Prometi.

— A Miranda se importa tanto assim?

— Você ainda não entendeu, né?

— Eu entendi, sim. — Eu estava prestes a dizer mais, porém, decidi que talvez tivesse compreendido errado e estivesse completamente enganado.

— Quando foi a última vez que você esteve com uma garota da minha idade que não é exatamente feia e que está tentando desesperadamente te dizer uma coisa que deveria ser bem óbvia a essa altura?

Suspeitei que ela fosse dizer algo do tipo, então por que a pergunta me assustou e me fez torcer para ter entendido errado?

Seja clara, Miranda, ou repita.

Eu não fui clara o suficiente?

Então repita.

As palavras eram vagas o bastante para que não soubéssemos o que o outro queria dizer ou o que nós mesmos queríamos dizer, mas ambos tivemos a sensação, sem saber o motivo, de que captávamos os significados ocultos exatamente por serem tácitos.

Naquele exato momento eu tive uma ideia maravilhosa. Peguei o celular e perguntei se ela precisava fazer alguma coisa nas próximas duas ou três horas.

— Estou livre — respondeu —, mas você não tem coisas para fazer, anotações para revisar, roupas para pendurar, isso para não falar das mãos que precisa lavar?

Eu não tinha tempo para explicar e liguei para um amigo que era um arqueólogo famoso em Roma.

— Preciso de um favor — disse, quando ele atendeu —, e preciso para hoje.

— Estou muito bem, e obrigado por perguntar — respondeu ele, com o bom humor de sempre. — Então, como posso ajudar?

— Preciso de permissão para visitar a Villa Albani. Para dois.

Ele hesitou por um instante.

— Ela é bonita?

— Absolutamente.

— Eu nunca entrei na Villa Albani — disse ela. — Eles nunca deixam ninguém entrar.

— Você vai ver. — Então, enquanto esperava que ele retornasse a ligação, prossegui: — O cardeal Albani construiu a *villa* no século XVIII e acumulou uma coleção enorme de estátuas romanas sob o cuidado de Winckelmann, e eu quero que você veja essas estátuas.

— Por quê?

— Bem, você me deu peixe e nozes, e você ama estátuas, então vou te mostrar o baixo-relevo mais lindo que você já viu. É de Antínoo, amante do imperador Adriano. Depois vou te apresentar à minha preferida: uma estátua de Apolo matando um lagarto, atribuída a Praxíteles, talvez o maior escultor de todos os tempos.

— E meu café?

— Temos bastante tempo.

Meu celular tocou. Nós conseguíamos estar na *villa* dentro de uma hora? A visita não duraria mais que uma hora também, porque o vigia precisava sair mais cedo.

— É sexta-feira — explicou meu amigo.

Encontramos um táxi esperando ao lado da ponte e em segundos estávamos correndo para a *villa*. No táxi, ela virou-se para mim.

— O que te fez querer fazer isso?

— É meu jeito de mostrar que estou feliz por ter ouvido você.

— Apesar dos seus resmungos?

— Apesar dos meus resmungos.

Ela não disse nada, olhou pela janela por um tempo, então virou-se para mim de novo.

— Você me surpreende.

— Por quê?

— Eu não esperava que você fosse do tipo que pula de uma coisa para a outra por impulso.

— Por quê?

— Porque você tem esse jeito meio moderado, calmo, equilibrado...

— Chato, você quer dizer.

— De jeito nenhum. As pessoas confiam em você e querem se abrir com você, talvez porque gostem de quem são quando estão na sua companhia... como agora neste táxi.

Estendi a mão, segurei a sua, então soltei.

Chegamos em menos de vinte minutos. O vigia fora avisado de nossa

chegada e esperava no portãozinho com os braços cruzados, quase autoritário e hostil. Finalmente me reconheceu e sua atitude, à princípio de desconfiança, mudou para um respeito cauteloso. Entramos na *villa* e subimos e avançamos por várias salas até ficarmos diante da estátua de Apolo.

— Esse é Apolo, o matador de Sauróctono de lagartas. Vamos caminhar pela galeria e, se der tempo, ver os painéis etruscos.

Ela ficou olhando para a estátua, disse que tinha certeza de que já tinha visto antes, mas não aquela.

Passamos com pressa pelo restante até chegar ao Antínoo. Ela não poderia ter ficado mais impressionada com sua beleza.

— É incrível.

— Eu não disse?

— *Sono senza parole*, estou sem palavras — disse ela em italiano.

Nós dois estávamos. Ela me abraçou, ficou olhando por um tempo, então sem pensar acariciou minhas costas uma vez. E nos afastamos.

Um tempinho depois, virei-me para ela e, apontando para o busto de um corcunda, sussurrei em seu ouvido que ela poderia tirar algumas fotos com sua câmera minúscula se eu conseguisse distrair o vigia, já que não era permitido. Lembrei que ele uma vez me contou sobre a mãe doente, então afastando-o dali, perguntei como a mãe tinha lidado com a cirurgia. O objetivo era sugerir *delicatezza* uma vez que eu perguntava em *sotto voce* pra que Miranda não ouvisse. Ele reconheceu minha discrição e explicou que *purtroppo* era *mancata*. Eu ofereci minhas condolências e para garantir que se mantivesse de costas para Miranda, expliquei que minha mãe também tinha morrido.

— Só temos uma — disse ele.

Assentimos e nos solidarizamos.

De volta ao Sauróctono para uma última olhada, expliquei que a mesma estátua estava no Louvre e no Museu do Vaticano, mas que essa e a de Cleveland são as únicas em bronze.

— Mas esta não é em tamanho natural — disse o guia. — A de Cleveland, segundo me disseram, é mais bonita.

— É sim — confirmei.

Então ele nos incentivou a atravessar o jardim italiano que levava a outra galeria cheia de estátuas. Em dado momento no jardim, nos

posicionamos para contemplar a fachada e a arcada magnífica do palácio neoclássico, um dia considerado o mais belo de seu tempo.

— Acho que não vamos ter tempo de ver os painéis etruscos — disse ele —, mas *in compenso* talvez a *signorina* queira tirar algumas fotos destas estátuas, já que — acrescentou com um sorriso malicioso e cheio de si — gosta tanto de tirar fotos.

Todos sorrimos uns para os outros. Ele nos levou pelo jardim até os portões de saída, apontando para o que disse serem os sete pinheiros mais antigos de Roma. Quando ele apertou o botão para abrir o portão automático, um cavalheiro idoso que estava na calçada olhou para nós e não pode deixar de dizer ao vigia:

— Minha família vive em Roma há sete gerações e nenhum de nós jamais pode entrar nessa *villa*.

O vigia retomou a aparência autoritária e respondeu que era *vietato*, proibido, deixar qualquer um entrar. O portão se fechou atrás de nós.

Antes de fazer sinal para outro táxi, ela disse que queria tirar uma foto minha no portão.

— Por quê? — perguntei.

— Porque sim.

Então, percebendo que eu parecia desanimado.

— Pode desfazer essa carranca. — E depois, reagindo a meu sorriso:

— E sem sorriso falso de Hollywood... por favor!

Ela tirou algumas fotos. Mas não ficou feliz.

— Por que você franziu a testa?

Eu não sabia que tinha franzido a testa, respondi. Mas eu sabia, sim.

— E pensar que hoje de manhã você *me* acusou de estar triste!

Nós dois rimos.

Ela não parecia esperar um comentário meu. Nem eu a forcei a explicar. Mas, como ela foi se afastando, uma consciência perturbadora começou a surgir lentamente: um dia, isso também vai ser uma vigília e será chamada de *Desfaça a carranca!* Havia algo de acolhedor, reluzente e íntimo sempre que ela me cutucava assim. Ela me lembrava alguém que entra na sua vida do nada, como fez na sala do apartamento de seu pai, e vai logo afofando as almofadas, abrindo as janelas, arrumando dois quadros tortos que você não enxerga mais, embora estejam no mesmo lugar há anos e, com um pé habilidoso,

desfaz as ondulações de um tapete antigo, só para lembrá-lo, depois de colocar flores em um vaso que estava vazio havia tanto tempo, caso você ainda esteja tentando minimizar sua presença, que você jamais ousaria pedir por mais do que uma semana, um dia, uma hora daquilo. Havia chegado perto de alguém tão real, pensei. Muito perto.

Era tarde demais?

Cheguei tarde demais?

— Pare de pensar — disse ela.

Estendi a mão e segurei a sua.

* * *

No Caffè Trilussa, pretensioso e lotado, do qual ela gostava, encontramos uma mesinha quadrada e bamba e sentamos um de frente para o outro. Atrás dela havia um daqueles aquecedores de ambiente externo a todo vapor. Ela apreciava calor, disse, acrescentando como era estranho que apenas algumas horas antes estivesse quente o bastante para comer no terraço do pai. Neste momento, ela queria algo quente para beber. Quando o garçom veio, ela pediu dois americanos duplos.

O que é um americano, eu ia perguntar, mas me detive. Demorei um pouco para perceber por quê.

— Um americano é uma dose de espresso despejado em uma xícara de água fervente. Um americano duplo é água fervente com duas doses de espresso.

Ela abaixou a cabeça e olhou para a mesa tentando abafar uma risada.

— Como você sabia que eu não sabia o que era um americano?

— Eu só sabia.

— *Eu só sabia* — repeti.

Eu amava isso. Acho que nós dois amávamos.

— É porque seu pai não saberia, então você desconfiou que eu também não soubesse?

— Errado! — disse ela, adivinhando de imediato o motivo de eu ter perguntado aquilo. — Não tem nada a ver com isso, senhor. Eu já disse.

— Então, por quê?

De repente, seu sorriso debochado desapareceu por completo.

— Eu conheço você, Sami, por isso. Olho para você agora e é como se eu te conhecesse desde sempre. E tem mais uma coisa, já que estamos no assunto e só eu estou falando.

Aonde ela estava querendo chegar com aquilo?

— Não quero parar de conhecer você. Esse é o resumo da ópera.

Fiquei olhando para ela mais uma vez, ainda sem saber ao certo o que tudo aquilo queria dizer. *Só não me faça ter esperança, Miranda, não faça.* Eu nem queria tocar no assunto com ela porque só isso já seria ter esperança.

O garçom trouxe as duas xícaras.

— Um americano — disse ela, adotando o tom brincalhão de momentos antes — é para pessoas que querem um espresso, mas gostam de café americano. Ou simplesmente para quem quer um espresso que dura mais...

— Volte ao que você estava dizendo antes — interrompi.

— O que eu estava dizendo? — Ela estava me provocando. — Que conheço você desde sempre? Ou que não quero parar de conhecer você? As duas coisas andam juntas.

Quando tudo isso tinha acontecido? No trem, no táxi, no apartamento do pai, na cozinha, na sala, do lado de fora da Villa Albani, quando falamos da srta, Margutta, ou ou quando passamos pela minha antiga casa? Por que eu sentia que ela estava brincando comigo enquanto parte de mim sabia que ela não estava fazendo isso nem um pouco?

Ela devia saber o que eu estava sentindo; deveria estar claro desde o início para uma criança de 6 anos. Mas para Miranda, quando? Alguns minutos atrás, em um momento excêntrico que poderia facilmente esmorecer no instante em que eu o tomasse por real? Então o pensamento ressurgiu Anos atrás, em um prédio a menos de três quadras dali, eu lia críticos bizantinos, perdido no mundo da Constantinopla pré-islâmica, e o esperma das gônadas de seu pai que se transformaria em Miranda ainda nem tinha sido liberado. Fiquei olhando para ela. O sorriso que deu foi hesitante e forçado, destoava da garota confiante, obstinada e inflexível que sabia tudo sobre café americano. Eu poderia ter perguntado *Qual é o problema?* Mas resisti. Tudo o que ela fez ao final de uma pausa desconfortável na qual

nenhum de nós disse nada foi balançar a cabeça levemente, como se discordasse de si mesma e descartasse uma ideia boba que sabia que era melhor não compartilhar. Eu já tinha visto Miranda fazer isso quando sentou à minha frente no trem. Agora ela olhava para a xícara. O silêncio me incomodava.

Olhávamos um para o outro, mas não dizíamos nada. Eu sabia que se dissesse mais uma palavra o feitiço seria quebrado, então ficamos ali, em silêncio e encarando, como se ela também não quisesse romper o encanto. Eu queria perguntar *O que você está fazendo na minha vida? E pessoas tão jovens e bonitas assim existem mesmo? São mesmo reais fora dos filmes e revistas?*

De repente, o verbo do grego antigo οψίζω, *opsizo*, surgiu em minha mente. Tentei resistir à ideia de compartilhar, mas foi mais forte do que eu. Expliquei que *opsizo* significava chegar tarde demais ao banquete, ou logo antes da saideira, ou se banquetear hoje com o peso de todos os anos desperdiçados.

— E o que você quer dizer com isso?

— Nada.

— Exatamente.

Ela me cutucou, querendo dizer *Não pense nisso!* Então apontou para uma mulher que estava sentada sozinha em outra mesa.

— Ela não para de olhar para você.

Eu não acreditei, mas gostei da ideia. Outra pessoa quebrava a cabeça com um jogo de palavras cruzadas.

— Ela não está progredindo — disse Miranda — talvez eu deva ajudar com uma dica; terminei o meu hoje de manhã na estação. Aliás, aquela lá olhou pra você de novo. À sua direita, um pouco atrás.

— Por que é que eu nunca percebo essas coisas?

— Talvez porque você não seja o tipo de pessoa que vive no presente. Isto aqui, por exemplo, é o presente — disse ela, aproximando-se e beijando meus lábios. Não foi um beijo pleno, mas demorado, e ela deixou que sua língua tocasse meus lábios. — E você tem um cheiro bom — disse.

Muito bem, voltei a ter 14 anos de idade, pensei.

Mais tarde, enquanto fazia uma descrição pungente do saque de Constantinopla pelos otomanos para a plateia, lembrei de como ela segurou minha mão enquanto caminhávamos pelas ruas estreitas do Trastevere, como se tivesse medo de me perder na multidão, quando eu é que temia que ela a qualquer momento me soltasse e escapulisse. Pensei no modo como ela se enterrou em meus braços, quando, finalmente, a abracei ao sairmos do Caffè Trilussa e como colocou as duas mãos em meu peito como se estivesse lutando contra meu abraço e me empurrando. Percebi que era só o jeito dela de se entregar antes que eu me deixasse levar e a beijasse. Eu não beijava uma mulher havia muito tempo, com certeza, não com tanta paixão, e estava prestes a contar isso a ela quando ela disse:

— Continue me abraçando, Sami, só continue me abraçando e me beije.

* * *

Que mulher.

Enquanto ainda falava da perda inimaginável de tantas obras do catálogo de livros de Fócio, eu guardava o melhor de nosso dueto para o final.

— Tive uma ideia — disse a ela.

— O quê?

— Venha ficar comigo. Tenho uma casa na praia. — A ideia me surgiu de repente enquanto conversávamos e despejei nela sem pensar. Nunca disse nada nem parecido com isso em toda minha vida. Sua resposta foi mais surpreendente e desconcertante do que o que eu tinha acabado de dizer.

— Isso é ridículo. Meus amigos achariam absurdo. Vão pensar que eu enlouqueci.

— Eu sei. Mas você quer?

— Quero.

Então, no que de início pareceu ser uma hesitação de sua parte:

— Por quanto tempo?

E isto também eu nunca tinha dito antes, mas sabia que cada palavra era verdadeira:

— O tempo que você quiser, enquanto você viver.

Nós rimos. Rimos porque nenhum dos dois acreditava que o outro estava falando sério. Eu ri porque sabia que eu estava.

Então, sem perder a linha de raciocínio enquanto falava para a plateia sobre os livros que a humanidade perdera para sempre, imaginei como ela ficaria com o rosto corado, os joelhos nus separados, como ela me guiaria com a mesma mão que eu tinha segurado e que logo cheiraria a salmoura depois de nadar no Tirreno pouco antes do meio-dia, todos os dias.

— Vamos fazer o seguinte — disse ela enquanto subíamos a Via Garibaldi. — Eu sento nos fundos em algum lugar invisível da plateia e espero, porque tenho certeza de que todo mundo vai querer falar com você e fazer perguntas sobre a palestra e seus outros livros, então vamos sair de fininho e jantar em algum lugar onde sirvam um bom vinho, porque quero um muito bom esta noite. Depois do jantar, vamos beber alguma coisa em um bar que eu conheço e você vai me contar tudo o que já me contou sobre todo mundo da sua vida e eu vou te contar tudo o que você quer saber sobre mim. Em seguida, vou acompanhar você até o seu hotel ou você pode me acompanhar até a casa do meu pai. É melhor eu já ir te avisando: eu sou horrível na primeira vez.

Eu a admirei por dizer algo que a maioria das pessoas não discute nem depois do fato.

— Quem não é horrível na primeira vez?

— Como você saberia?

Isso fez com que nós dois ríssemos.

— Por que você é horrível? — perguntei.

— Eu demoro um tempo para me acostumar com alguém. Talvez seja por nervosismo, embora eu não me sinta assim com você... o que por si só me deixa bem nervosa. Não quero ficar tensa.

— Miranda — disse, quando paramos no minúsculo *tempietto* de San Pietro em Montorio, e eu a abracei enquanto olhávamos a obra-prima de Bramante. — Isso é real?

— Me diga você, mas tem que ser agora. Eu não preciso de provas, e nem você. Mas não quero surpresas. E não quero me magoar.

— Beleza — peguei-me dizendo. Isso fez com que nós dois ríssemos.

— Então tudo bem.

Quando chegamos ao saguão, fomos interrompidos pelo diretor que queria me acompanhar até um camarim improvisado. Nos separamos de repente. Ela fez sinal de que estaria esperando por mim do lado de fora após a palestra.

* * *

Aconteceu logo depois que guardei as páginas de volta na pasta fina de couro. Apertei a mão do anfitrião, então de outro professor e de todos os especialistas, colegas e estudantes ansiosos que vieram até o tablado depois da palestra. Mas meu comportamento tinha a intenção de demonstrar pressa. Um dos colegas mais velhos, que percebeu que eu estava ansioso para ir embora, fez menção de me acompanhar para fora, mas acabou me encurralando na porta para perguntar se eu poderia ler o boneco de seu próximo livro sobre Alcibíades e a expedição siciliana. Nossos tópicos eram mais próximos do que poderia parecer, disse ele.

— Você não tem ideia do quanto nossos interesses são parecidos — continuou.

Eu poderia apresentá-lo a meu editor? É claro, respondi. Assim que me livre dele fui detido por uma senhora que disse ter lido todos os meus livros. A mulher tinha, embora eu contasse os minutos e os centímetros entre nós, o péssimo hábito de falar cuspiando.

Finalmente consegui sair do auditório e ir até onde sabia que Miranda estava esperando. Ela, no entanto, não estava lá.

Desci correndo a escadaria principal, mas também não a encontrei no saguão, então subi as escadas até o segundo andar de novo e caminhei pelo espaço ao redor do auditório. Ninguém. Nenhum de nós dois tinha pensado em trocar telefones. Como não? Abri a porta pesada de metal do auditório. Alguns estudantes ainda conversavam perto da porta, todos claramente prestes a ir embora, enquanto dois zeladores já recolhiam copos de papel vazios e lixo dos corredores. Perto da porta estava outro zelador com um molho de chaves enorme, parecendo prestes a perder a paciência enquanto esperava que todos, incluindo o reitor, saíssem para que a equipe pudesse fazer seu serviço.

De volta do lado de fora do auditório e percebendo que ninguém me

observava, cheguei a abrir a porta do banheiro feminino e chamar seu nome. Ninguém respondeu. Teria ido até o banheiro do subsolo? Fui até lá e estava totalmente escuro.

Ao sair do prédio, percebi a silhueta escura de um grupo de pessoas reunidas em frente ao café da esquina. Ela devia estar lá dentro. Não estava. Eu quis culpar o colega exigente e a senhora afetada que tagarelou e cuspiu sem parar. Eu disse à Miranda que sairia em no máximo dez minutos. Eu tinha calculado tão mal assim? Ou a culpa era minha por não ter conseguido dizer não às pessoas que pediam por um autógrafo?

Vi o mesmo homem com o molho de chaves sair do prédio com o passo arrastado e trancar uma das saídas. Fiquei tentado a perguntar se ele tinha visto uma jovem procurando seu — como eu deveria dizer? — seu pai?

Será que eu devia checar a casa de seu pai?

Então finalmente me ocorreu. Por que eu não pensei nisso antes? Miranda tinha desaparecido. Mudado de ideia, fugido. Exatamente como tinha confessado apagar pessoas sem sinal ou aviso. Puf! e, em suas próprias palavras, ela desaparecia!

A coisa toda foi uma fantasia. Eu inventei tudo. O trem, o peixe, o almoço, o *tempietto* de Bramante, o jovem piloto de avião, o casal suíço que caiu na fenda e de quem não mais se ouviu falar até que a filha fosse mais velha do que eles haviam sido, os gregos que previram o fim de Bizâncio, fugiram para Veneza e transmitiram seu grego para as gerações seguintes até que ninguém mais se lembrasse por que algumas palavras gregas haviam penetrado em seu veneziano... tudo, tudo irreal. *Que idiota!*

A palavra saltou até meus lábios e eu a ouvi da própria boca. Me fez querer rir. Repeti a palavra. *Ee-jit*. Um pouco menos engraçado na segunda vez, menos ainda na terceira. *O que você estava pensando?* Eu conseguia ouvir meu filho dizendo isso quando nos encontrássemos no dia seguinte e eu contasse a ele sobre a garota no trem chamada Miranda, que me levou até a casa de seu pai e me fez querer coisas que eu achava que tinham sumido para sempre da minha vida.

Já estava bastante escuro e me peguei seguindo o único caminho que eu conhecia, descendo o Gianicolo, e acabei passando em frente ao meu

antigo prédio, como se isso pudesse redefinir minha rota, trazer-me de volta ao planeta e me fazer lembrar de quem eu era. Ali estava ele, antes do que eu esperava, envelhecido e pendendo contra o tempo, como eu e todas as minhas vigílias bobas. Isso também me fez querer rir. Todos esses anos e você ainda não aprendeu nada, não é, ainda esperando que ela apareça na sua porta, dizendo *Aqui estou eu, toda sua*.

Ee-jit. É claro que ela fugiu.

Em dois anos, quando eles me convidarem de novo, vou passar por este lugar e rir da pessoa que eu esperava ser, da vida que eu sonhava em compartilhar na minha casa na praia. *Só vigílias, agora*. Por um instante eu quis dizer a ela *Estou pronto para largar tudo. Não me importa onde, quando ou por quanto tempo você vai querer. Não me importa*.

Aqui, esta noite, me tornei uma subtração.

Não conseguia nem sentir raiva, dela ou de mim. No lugar, ressentimento. Ressentimento não por ela ter mentido, ou me enganado, ou deixado por um instante suas fantasias à solta para que aticassem as minhas, tudo para depois arrancá-las, mas por ela ter mudado de ideia... e quem poderia culpá-la por isso? Ressentimento porque eu tinha lhe dado minha confiança, e não havia como tomá-la de volta. Ela a esmagou e lançou na corredeira sem pensar duas vezes, no sentimento ou em mim. Eu queria de volta o eu que eu era naquela manhã no trem, e queria que a coisa toda se apagasse... nada daquilo tinha acontecido. *Ee-jit*. É claro que tinha.

Depois disso, fiquei pensando, vamos apagar as luzes, trancar as portas, fechar as cortinas e aprender a nunca mais ter esperança. Não nesta vida.

Eu não precisei atravessar a ponte. Tudo o que fiz foi olhar pra cima, para o último andar do prédio de seu pai, e ver que todas as luzes estavam apagadas. *Não está em casa. Imaginei*.

Ela sabia que eu viria e não voltou de propósito. Então caminhei de volta até o hotel. Antes de entrar percebi que meu plano original não era tão ruim afinal. Comer alguma coisa, assistir a um filme, beber alguma coisa, dormir... e ir embora de Roma depois de ver meu filho. Deixar isso para trás.

Mas, ainda assim! Triste como as coisas acabaram.

Eu estava prestes a dizer ao recepcionista do hotel que queria que me acordassem às 7h30 quando vi Miranda. Estava sentada em uma das muitas mesas ao longo do corredor comprido que ficava além do saguão, folheando uma revista.

— Por um segundo eu pensei que você tinha decidido fugir. Então esperei. Nunca mais vou permitir que você saia de vista.

Em vez de falar, eu só a abracei.

— Eu pensei...

— Idiota! — disse ela. Então, suavizando o tom: — Mas você me encontrou.

Entreguei minha pasta de couro ao recepcionista e saímos.

— Você me prometeu um jantar.

— Então vamos jantar.

— Aonde você costuma ir depois de uma palestra aqui?

Eu disse o nome. Ela conhecia o lugar e amava. Eles nos deram uma mesa afastada em um canto, e o vinho era abundante, não o melhor, mas conseguimos esvaziar mais de uma garrafa. Depois, passamos pelo meu antigo prédio mais uma vez. Quando olhei para cima, vi uma luz acesa no terceiro andar.

— Dói? — perguntou ela.

— Não.

— Por que não?

Lancei a ela um olhar de *você está bisbilhotando* e sorri.

Ela pegou a câmera grande e começou a tirar fotos rápidas do prédio, da minha janela onde a luz estava acesa.

— O que você acha que ele está fazendo lá em cima?

— Ah, eu não sei.

Mas eu achava o seguinte: o rapaz lá em cima está esperando, ainda esperando. Como ele poderia saber anos atrás que você ainda não tinha nascido? Em noites de inverno, quando eu cozinhava lá em cima e de vez em quando olhava pela janela da cozinha, eu estava esperando, mas era sempre outra pessoa que batia à minha porta. Em seminários, quando acendia um cigarro — e naqueles anos a gente podia fazer isso — eu esperava que você abrisse a porta. Em um cinema lotado, em bares com amigos, em todos os lugares, eu esperava. Mas não conseguia encontrá-la, e você nunca veio. Eu torcia para esbarrar com você em

tantas festas, e, às vezes, quase achava que tinha, mas nunca era você, que tinha dois anos na época e, enquanto pedíamos uma segunda rodada de bebidas, seus pais liam a segunda história para você dormir. E sempre, como sempre, o relógio corre. No fim, parei de esperar, porque parei de acreditar que você entraria em minha vida e porque não confiava mais que você existisse. Todo o resto aconteceu em minha vida — a senhorita Margutta, meu casamento, a Itália, meu filho, minha carreira, meus livros — mas você, não. Parei de esperá-la e aprendi a viver sem você.

— O que você queria tão desesperadamente naqueles anos?

— Alguém que me conhecesse completamente, que fosse eu e você.

— Vamos entrar — disse ela.

Por um instante pensei que ela quisesse que subíssemos e tive uma visão perturbadora do morador atual.

— Melhor não.

— Eu quis dizer no saguão.

Ela não esperou que eu respondesse e abriu a porta grande de vidro.

Comentei que o saguão ainda tinha o mesmo cheiro, quase três décadas depois, uma mistura de areia suja de gato, mofo e painéis de madeira apodrecendo.

— Saguões nunca envelhecem, você não sabia? Fique ali — disse ela, tirando mais fotos de mim no saguão. Enquanto se afastava para me enquadrar, eu me senti ficando mais próximo dela.

— Você se mexeu.

— Miranda — falei, finalmente. — Nunca uma coisa assim aconteceu comigo. E o mais assustador é o seguinte.

— O quê? Esse momento?

— Eu poderia ter perdido nosso trem e nunca sabido o quanto eu estava morto durante toda minha vida.

— Você só está com medo.

— De quê?

— De que tudo isso se perca amanhã. Não precisa ser assim.

Desta vez, parado em meu antigo saguão cujo cheiro eu conhecia tão bem, eu quis dizer a ela o quanto era estranho estar de volta aqui e sentir que os anos que passaram eram simplesmente uma terra de ninguém, de alegrias tão pequenas e triviais que eram como uma

ferrugem sobre a minha vida. *Quero raspar essa ferrugem, começar aqui de novo e refazer a coisa toda com você.*

Eu não disse minha frase, mas fiquei ali.

— O que foi?

Balancei a cabeça. Em vez da minha frase, citei Goethe: *Tudo em minha vida até agora foi mero prelúdio, atraso, passatempo, desperdício de tempo, até que conheci você.*

Ela abaixou a câmera enquanto eu me aproximava. Sabia que eu ia beijá-la e se encostou contra a parede.

— Me beije, só me beije.

Segurei seu rosto com as duas mãos e aproximei meus lábios dos dela, beijando-a com gentileza, e então com toda a paixão e o desejo que eu vinha tentando reprimir desde o almoço, desde que a vi passando água nos pratos, desde que ela inclinou o tronco para a frente enquanto conversava com o vendedor de peixe e me fez querer beijar seu rosto, seu pescoço, seus ombros. Pensei que ia me lembrar de uma garota que beijara anos antes naquele mesmo saguão, mas me veio apenas o fedor inextinguível do carpete embolorado que pairava no ar. *Saguões nunca envelhecem. Nós também não, pensei. Ah, mas nós envelhecemos, sim. Só não amadurecemos.*

— Eu sabia que seria assim — disse ela.

— Assim como?

— Não sei. — E depois de um instante: — De novo.

E como eu não reagia rápido o bastante, ela me puxou para si e, sem se conter, beijou-me com a boca tão aberta que fiquei atordoado. Suas mãos estavam pressionadas contra os dois lados do meu rosto até que, em um ato completamente inesperado, uma delas segurou em concha onde eu estava ficando duro.

— Eu sabia que ele ia gostar de mim.

* * *

Deixamos meu prédio antigo, caminhamos por entre vendedores ambulantes que pareciam nunca dormir. As ruelas estavam agitadas e eu gostava das multidões festivas e dos restaurantes e enotecas superlotados, cada um com suas lâmpadas de aquecimento

infravermelhas.

— Amo essas ruelas estreitas à noite — disse ela. — Eu cresci aqui.

Eu a abracei com ambos os braços e a beijei mais uma vez. Estava amando conhecer sobre sua vida. Disse a ela que queria saber de tudo.

— Eu também — confessou. E um instante depois: — Mas existem coisas que talvez você não queira saber... sobre mim, quero dizer — acrescentou. As palavras abafaram a alegria e o calor do momento. O que ela estava dizendo? — Eu não devia, mas preciso te contar uma coisa que nunca contei a ninguém porque nunca conheci a pessoa que me quisesse como eu sou, ou melhor, como eu vim a ser. E quero que você saiba logo, porque vou ser obrigada a esconder, até de você, se eu não falar agora. Depois deste segredo, não tenho nada a esconder. Você não tem um mistério assim, um que seja um fardo tão grande que é como um muro impossível de derrubar? Eu quero que o meu caia antes de dormir com você — repetiu ela.

— É claro que eu tenho um segredo. Todos nós temos — afirmei. — Cada um de nós é como uma lua que revela apenas algumas faces para a Terra, mas nunca a esfera completa. A maioria de nós nunca chega a conhecer aqueles que entenderiam nosso eu por inteiro. Eu mostro às pessoas apenas a fatia de mim que acredito que elas vão entender. E as faces que mostro variam de acordo com a pessoa. Mas tem sempre uma de escuridão que guardo para mim.

— Quero conhecer essa face de escuridão, me conte agora. Você primeiro, porque a minha é muito pior do que qualquer coisa que você possa dizer.

Talvez tenha ajudado que estivesse escuro quando conversamos e, conforme nos aproximávamos da Basílica de Santa Maria em Trastevere, contei a ela sobre a senhorita Margutta.

— Então, nossa primeira e única vez foi em um hotel velho e barato em Bloomsbury. Tiramos a roupa assim que entramos no quarto. Era fim da tarde. Nos abraçamos, nos beijamos, nos abraçamos mais uma vez, e, mesmo estando bem difícil, persistimos, achando que, se o desejo nos escapava, era só por um instante e logo voltaria. Mas isso não aconteceu. Eu era jovem e cheio de vigor, então fiquei tão perplexo quanto ela. Ela tentou muitas coisas, mas todas pareciam estranhas, e minhas tentativas também não conseguiam excitá-la. Alguma coisa não

se encaixava e, embora tenhamos discutido o que poderia ser, nenhum de nós sabia dizer o motivo. No cair da noite vestimos nossas roupas e passeamos pelas ruas de Bloomsbury como duas almas perdidas, ambos fingindo estar com fome e procurar por um lugar para comer. Em vez disso, bebemos muito. Quando voltamos para o quarto, nada tinha mudado entre nós. Acabamos conseguindo, mas foi um sexo por persistência, não desejo, e, para completar, na hora do suposto êxtase, chamei o nome da mulher com quem eu estava saindo na época. Tenho certeza de que nós dois ficamos aliviados por voltarmos às nossas casas em Roma dois dias depois. Ela tentou muito, muito que continuássemos amigos, mas eu a evitei, a sangue frio, talvez por não ser capaz de encarar que eu a tinha decepcionado, ou, talvez, por saber que eu tinha manchado minha amizade com ela e com o homem que se tornaria seu marido. Anos mais tarde, a senhorita Margutta, já muito doente e claramente morrendo, tentou algumas vezes entrar em contato comigo, mas evitei todas as vezes e nunca respondi. Nunca vou superar isso.

Ela ouviu mas não disse nada.

— Você quer um sorvete? — perguntei.

— Muito.

Entramos na sorveteria. Ela pediu toranja e eu pistache. Era óbvio que ela queria perguntar mais sobre o que eu havia acabado de contar, mas eu queria saber a sua história.

— Sua vez — pedi.

— Promete que não vai me odiar depois?

— Eu nunca vou odiar você.

Quando saíamos da loja, ela disse que amava aquilo, como o dia tinha terminado, como tínhamos nos conhecido, a palestra, o jantar, as bebidas, o pai e agora isso.

— Aconteceu quando eu tinha 15 anos — começou ela. — Meu irmão, dois anos mais velho que eu, recebeu um amigo uma tarde, e os dois estavam assistindo TV no quarto dele. Eu me juntei a eles com meu jeito intrometido de irmã mais nova, sentei na cama com eles como fazia quando não queria ficar sozinha na sala, e assistíamos tranquilamente quando meu irmão colocou o braço sobre meus ombros, como fazia às vezes. Mas então o outro garoto fez a mesma coisa. Aos poucos, a mão do garoto desceu do meu ombro até embaixo da minha

camiseta, e meu irmão, provavelmente achando que era um toque inocente que acabaria assim que eu dissesse alguma coisa, pegou em meus seios, mais como uma brincadeira que qualquer outra coisa, ou talvez para destacar que não havia nada de estranho ou chocante no que estávamos fazendo. Eu não me opus e nenhum dos dois parou. Então o amigo abriu a calça, e ainda seria só uma brincadeira ousada não fosse o fato de que meu irmão, que provavelmente não queria ser ofuscado, fez o mesmo. Eu agi como se a coisa toda fosse natural, dei um passo adiante e pedi aos dois que se deitassem ao meu lado, nós três aconchegados, ainda assistindo à TV. Eu confiava em meu irmão e me sentia segura e sabia que ele jamais deixaria que aquilo acontecesse, mas eu não impedi que o amigo tirasse minha calça. Ele não hesitou, e de repente estava em cima de mim. Terminou em segundos. Agora vem a parte que eu jamais vou superar. Parecia um jogo tão bobo que eu disse a meu irmão que era a vez dele, e até zombei dele por hesitar. Foi quando percebi, e não antes, que a coisa toda com o amigo tinha sido só uma artimanha da minha parte, porque eu queria meu irmão, queria que ele fizesse amor comigo, não apenas me comesse, porque seria a coisa mais natural entre nós, e talvez fazer amor fosse isso. Até o amigo insistiu. *Não quero, ela é minha irmã.* Nunca vou esquecer as palavras dele. Ele levantou, fechou a calça, deitou de novo na cama e continuou assistindo à TV. Desde então, meu irmão não fica sozinho comigo e, quando temos companhia e precisamos nos sentar no mesmo sofá, ele faz questão de sentar no lado oposto. Nunca falamos sobre esse episódio e até hoje eu sei que é algo que se impõe entre nós sempre que nos cumprimentamos com um beijo ou nos despedimos com um abraço, o que evitamos quando possível. Sei que ele nunca se perdoou, nem a mim. Mas *eu* é que nunca o perdoei. Eu estava oferecendo tudo que eu era, porque eu venerava meu irmão. E aí? Chocado? Com nojo?

— Não.

Ela jogou fora o que restava do sorvete.

— Odeio a casquinha — disse.

Então, mudando de assunto, quando nos aproximamos do hotel.

— Isso não é coisa de uma noite só.

— Para mim, também não.

— Só estou falando — acrescentou ela. — Preciso fazer uma ligação.

Você não?

Fiz que não.

— O que vai dizer a ele?

— A quem? Meu pai? Ele está dormindo há muito tempo.

— Seu namorado!

— Não sei, não importa. Não tem ninguém para quem você precise ligar?

Fiquei olhando para ela.

— Já faz muito tempo que não.

— Só para ter certeza.

— Vamos para o meu hotel.

Ela terminou a ligação em menos de trinta segundos.

— Breve e superficial — comentei.

— Como o sexo com ele. Ele disse que não estava surpreso. Não deveria estar. Foi isso. Eu disse a ele *Sem discussão*.

Eu gostei do *Sem discussão*. Um dia ela usaria *Sem discussão* comigo também.

Assim que entramos no meu quarto, vi minha mala no apoio de bagagem ao lado de uma mesa estreita. Era o único assento no quarto. Lembrei-me de fazer a mala pela manhã, bem cedo, naquela que de repente parecia outra vida. Lembrei-me de onde ela ficou perto do sofá na casa do pai dela. O carregador deve ter trazido durante a tarde e deixado ali. Uma olhada em volta revelou que o quarto era muito menor, embora eu sempre pedisse por ele. Pedi desculpas à Miranda e expliquei que gosto de ficar nesse quarto sempre que venho a Roma por causa da sacada. Tem literalmente sete vezes o tamanho do quarto. A vista da cidade é maravilhosa. Abri a persiana e saí para a sacada. Ela veio atrás de mim. Fazia muito frio, mas a vista era como a do apartamento de seu pai, deslumbrante. Todos os domos das igrejas de Roma brilhavam, expostos. O quarto parecia menor do que eu me lembrava, e mal havia espaço para andar em volta da cama larga. Não havia nem luz suficiente. Mas nada me incomodava. Eu gostava dele assim. Lancei um olhar de soslaio para ela; nada parecia incomodá-la.

Eu queria abraçá-la, então tive uma ideia peculiar. Eu não tiraria a roupa ainda. Nem arrancaria as dela como fazem nos filmes.

— Quero ver você nua, só quero ver. Tire a camisa, a blusa, a calça,

a calcinha, a bota.

— Até a bota? E a meia? — brincou ela. Mas me deu ouvidos e, sem resistir, tirou a roupa até ficar totalmente nua, descalça no carpete púido que devia ter no mínimo vinte anos.

— Gostou? — perguntou ela.

— Meu Deus!

Como nosso quarto ficava de frente para o pátio e exposto a todos os outros quartos do hotel, pensei que os outros hóspedes poderiam ver. *Que vejam.*

— Não me importo que vejam. Você se importa?

Ela também não se importava. E, colocando as duas mãos na nuca, fez uma pose que destacava os peitos. Não eram grandes, mas eram firmes.

— Agora é a sua vez.

Hesitei.

— Não quero constrangimento, não quero segredos. Quero tudo exposto esta noite. Nada de banho, de escovar os dentes, de enxaguante bucal, de desodorante, nada. Eu te contei meu segredo mais profundo, e você me contou o seu. Quando terminarmos, não deve haver qualquer barreira entre nós, ou entre nós e o mundo, porque quero que ele nos conheça pelo que somos juntos. Do contrário, não faz sentido, e eu posso voltar para o meu pai agora mesmo.

— Não volte para o seu pai.

— Não vou voltar para o meu pai — disse ela, e nós dois sorrimos e depois gargalhamos. Ofereci a ela meu pulso esquerdo, e ela me ajudou a tirar as abotoaduras. Eu não pedi que fizesse isso, mas ela adivinhou. Tive a sensação de que já tinha feito isso com outros homens. Não me importei.

Quando estava completamente nu, me aproximei dela e pela primeira vez senti sua pele, seu corpo inteiro contra o meu.

Isso é o que eu sempre quis. Isso e você. Então, ao ver que eu hesitava, ela pegou minha mão direita e colocou entre suas pernas, dizendo:

— É sua, eu já disse, não quero nenhuma sombra sobre nós, nem hesitações. Não estou fazendo promessas, mas vou até o fim com você. Me diga que vai fazer o mesmo, me diga agora, e não tire a mão. Se não

estiver pronto para ir até o fim...

— ... você vai voltar para o seu pai. Eu sei, eu sei.

Falar assim me excitava.

— Olhe só esse farol... — disse ela.

Gostei desse modo de chamá-lo.

Tirei a mala do apoio de bagagem, sentei no banquinho, e imediatamente ela veio e sentou no meu colo e permitiu que eu a penetrasse lentamente, um figo maduro que se abria até o fim sem rasgar.

— Melhor agora? — perguntou ela, enquanto nos abraçamos com força. — Eu vou te contar qualquer coisa que queira saber, qualquer coisa. Mas não se mexa. — E dizendo isso ela me apertou, o que me fez puxá-la ainda mais para perto. Ela estava me provocando e, segurando minha cabeça e me encarando como tinha feito no café, finalmente disse. — Só para você saber, eu nunca em toda minha vida fiquei tão próxima de alguém. E você?

— Nunca.

— Que mentiroso — falou, e me apertou mais uma vez.

— Se fizer isso mais uma vez, não vou conseguir me concentrar em nada do que disser.

— O quê? Isso?

— Eu avisei.

— Ela só estava dizendo oi.

Mas, incapazes de conter o desejo, começamos a fazer amor de verdade, e findamos descobrindo que na cama era mais confortável.

— Isto é tudo o que tenho, tudo o que sou — disse ela.

Depois, enquanto continuávamos, acariciei seu rosto e sorri para ela.

— Estou me segurando — contei.

— Eu também — disse ela, sorrindo, e, depois de se tocar, colocou a mão úmida em meu rosto, em minha bochecha e na minha testa. — Quero que você fique com meu cheiro. — E então tocou meus lábios, minha língua, minhas pálpebras, e eu a beijei profundamente na boca, um sinal que ambos entendemos, pois era, desde o início dos tempos, a oferta de um humano para outro humano.

— Onde inventaram você? — perguntei, quando já descansávamos. O que eu quis dizer foi que eu não sabia o que era a vida antes disso.

Por isso, Goethe mais uma vez.

* * *

— Espero que tenham gostado do espetáculo — disse em direção à janela, quando, um pouco mais tarde, olhou para fora e viu que a persiana tinha ficado aberta. Dei de ombros. Nenhum de nós se importava.

Eu estava prestes a me mexer.

— Ainda não. Quero que a gente fique assim. — Ela olhou para a esquerda. Não tínhamos percebido que a luz de um poste brilhava vermelha e verde dentro do nosso quarto.

— Parece um filme *noir*.

— Sim, mas eu não quero que isso vire um daqueles filmes de Hollywood em que o sóbrio professor volta manso e reprimido para a vida que deixou para trás e tudo o que ele compartilhou com a mulher anônima no trem foi um tremor superficial que não passaria nem por um batimento cardíaco.

— Nunca!

Ela parecia chateada e achei que havia lágrimas em seus olhos.

— Tudo o que tenho é seu. Não é muito, eu sei — disse ela. Deixei que minha mão limpasse as lágrimas da lateral de seu rosto.

— Tudo o que você tem eu nunca tive. O que mais posso querer? A pergunta devia ser: por que sou eu o que você quer, quando poderia ter algo muito melhor? Filhos, por exemplo?

— Bem, não é uma pergunta difícil. Eu quero um filho. Mas quero um filho seu e de mais ninguém... mesmo que a gente nunca mais se encontre depois deste fim de semana, ou depois da casa da praia, ou sei lá. Acho que eu tive certeza em frente à Villa Albani... talvez antes.

— Quando?

— Logo depois que você quase me beijou, mas se conteve.

— Eu me contive?

— E como!

A ideia de um filho tomou conta.

— Também quero um filho seu. E quero agora. — Então me detive.
— Mas eu não devia ser assim ousado.

— Vá em frente, seja ousado, pelo amor de Deus!

— Sou egoísta o suficiente para aceitar tudo o que você está oferecendo.

— Você é capaz de fazer uma loucura então? — perguntou ela. — Porque eu sou.

— O que você quer dizer com *fazer uma loucura*?

— Fazer nesta vida tudo o que não pode na sua outra vida monótona, cotidiana, estéril? Quer fazer tudo isso comigo?

— Sim. Mas você poderia largar tudo... seu pai, seu trabalho? — perguntei, quase ciente de que parecia alguém procurando por desculpas para evitar tomar uma decisão.

— Estou com minhas duas câmeras. Só preciso disso. O restante eu compro em qualquer lugar.

Ela perguntou se eu estava com sono. Não estava. Se eu queria dar uma caminhada? Adoraria, respondi. A Via Giulia vazia é um sonho.

— Tem uma enoteca à direita no fim da rua.

— Banho? — perguntei.

— Nem ouse!

Nos vestimos rápido. Ela estava com a mesma roupa do trem. Eu tinha trazido uma calça de sarja, que fiquei feliz em vestir.

Quando saímos do hotel, a rua estava quase deserta.

— Amo a Roma fantasma, assim vazia.

— Faz lembrar de alguma coisa?

— Na verdade, não. E você?

— Não. E nem quero me lembrar.

Estávamos de mãos dadas.

— Como você quer que seja a sua nova vida?

Eu não sabia o que dizer.

— Quero que seja com você. Se as pessoas que conhecemos não nos aceitarem como somos, nos livramos delas. Quero ler todos os livros que você já leu, ouvir as músicas que você ama, voltar aos lugares que você conhece e ver o mundo com seus olhos; aprender tudo que você valoriza, começar a vida com você. Quando for à Tailândia, eu vou junto, e vou dar uma palestra, você vai estar na última fila, como estava hoje... e não ouse desaparecer de novo.

— O mundo segundo você e eu. Vamos passar o resto da vida em um

casulo? Podemos ser tão bobos assim?

— Está se referindo ao que acontece quando acordarmos disso? Não faço ideia. Mas quero mudar muitas coisas em mim mesmo.

— Por exemplo?

Eu sempre quis uma jaqueta de couro igual à dela. E sempre quis roupas que não dessem a impressão de ter saído da missa e tirado a gravata a caminho do campo de golfe. E queria que meu apelido virasse meu nome mesmo; e o que ela achava de eu raspar a cabeça e usar brinco? Acima de tudo, eu queria escrever uma história... talvez um romance.

— Qualquer coisa!

— Não quero acordar disso.

Subíamos a Via Giulia. Miranda tinha razão. Estava deserta e eu estava amando o silêncio absoluto, o reflexo da pavimentação de sanpietrini à noite e um ou dois postes derramando sua luz alaranjada escassa sobre Roma. Meu filho falou uma vez sobre a cidade à noite. Eu nunca a tinha visto assim.

— Então, quando você soube... sobre mim? — perguntou ela.

— Eu já disse.

— Diga de novo.

— No trem. Notei você imediatamente, mas não quis olhar. A postura de mau humor era uma farsa. E você?

— No trem também. *Eis um homem que conhece a vida*, pensei, eu não queria parar de conversar.

— Mal sabia você...

— Mal sabia eu que estaria caminhando por essa rua ainda molhada com você.

— As coisas que você diz. Estou com seu cheiro em todo o corpo.

Ela se aproximou do meu pescoço e o lambeu.

— Você me faz amar quem eu sou. — Então, depois de pensar um pouco: — Espero que nunca chegue o dia em que você me faça odiar quem eu sou. Me conte mais uma vez quando soube sobre nós.

— Houve mais um momento na barraca de peixes — continuei —, quando você estava apontando o peixe que queria e tinha inclinado o corpo para frente. Foi quando olhei para o seu pescoço, seu rosto, sua orelha, e me peguei querendo tocar em cada parte de sua pele exposta,

do eterno para cima. Cheguei a pensar em você nua fazendo amor comigo. Então afastei a ideia... *de que me adianta*, pensei.

— Então qual é o apelido pelo qual você quer ser chamado?

— Não é Sami — disse.

Então contei a ela. Ninguém me chamava assim desde que eu tinha 9 ou 10 anos, exceto parentes mais velhos e primos distantes, alguns dos quais ainda estavam vivos. Quando escrevo para eles, ainda assino assim. Do contrário, eles não saberiam quem eu sou.

* * *

Depois que retornamos, a sensação me vinha em ondas naquela noite. Ainda era irreal — e não havia nada comparável —, irreal porque eu sabia que febres assim nunca duram, irreal porque fazia tudo à minha volta parecer igualmente frágil, minha vida, meus amigos, parentes, meus trabalhos, eu mesmo.

Estávamos deitados bem próximos um do outro.

— Um corpo só — disse ela.

— Exceto na hora de comer ou ir ao banheiro — acrescentei.

— Nem assim! — brincou ela.

E, enlaçados com uma coxa entre as pernas do outro, fechei os olhos por um instante. Comecei a ver como aquilo era completamente diferente de tantas mulheres que conheci na vida e como nossos corpos podiam ser maleáveis a tudo que pedíssemos e buscássemos deles, desde que pedíssemos e buscássemos. Ao lembrar os anos de minha vida o que mais me intrigava era a distância que percorremos para trancar nossas portas depois de mal deixá-las entreabertas na primeira noite com um estranho. Ela estava certa em relação a isso: quanto mais conhecemos alguém, mais fechamos a porta entre nós — não o contrário.

— O que me assusta — comecei a falar, os olhos ainda fechados.

— O que te assusta? — Ela já parecia zombar do que eu ia dizer.

— De nós dois... — retomei, mas ela me impediu de imediato.

— Não diga, não diga — gritou, de repente se libertando de meu abraço e enfiando a mão quase com violência em minha boca.

De início, não tive certeza, mas instantes depois, enquanto apreciava a agilidade de seu gesto, senti gosto de sangue.

— Me desculpe, me desculpe, eu não quis ser rude nem machucar você — exclamou ela.

— Fique tranquila.

— Como assim?

Eu contei a ela que havia sangue na minha boca, o que me fazia lembrar de uma briga com um colega no jardim de infância, quando senti um gosto estranho e soube pela primeira vez que devia ser sangue.

— Gosto do sabor por sua causa.

E, de repente, percebi: eu estava sozinho havia tanto tempo, mesmo quando pensei o contrário, e o gosto de algo tão real quanto sangue era muito, muito melhor do que o gosto de nada, de anos desperdiçados e estéreis.

— Então me bata — disse ela, de repente.

— Ficou louca?

— Quero que você me bata.

— Por quê? Para ficarmos quites?

— Não, porque eu quero que você bata na minha cara.

— Para quê?

— Só me bata, pelo amor de Deus, e pare de fazer tantas perguntas. Você nunca bateu em alguém antes?

— Não — assumi, quase me desculpando por não machucar uma mosca, imagine outro ser humano.

— Então faça isso! — E com essas três palavras ela acertou o rosto com selvageria com a palma da mão. — É assim que se faz. Agora, me bata!

Imitei o gesto e dei um tapinha suave em seu rosto.

— Mais forte, muito, muito mais forte, com a palma e as costas da mão.

Então bati nela uma vez, o que a assustou, mas Miranda imediatamente virou o rosto, indicando que eu devia bater do outro lado também, o que eu fiz, e ela disse:

— De novo.

— Eu não gosto de machucar as pessoas.

— Sim, mas agora somos tão próximos quanto pessoas que viveram trezentos anos juntas, é a sua linguagem também, goste você ou não. Você ama o gosto, eu amo também, agora me beije.

Ela me beijou e eu a beijei.

— Eu machuquei você?

— Não importa. Você ficou duro?

— Sim.

— Ótimo. Meu farol — ela arfou abaixando a mão e me segurando com firmeza. — É assim que vamos ser mesmo quando estivermos completamente vestidos e embelezados em público, você dentro de mim, todo esperma e sumos.

“E não se engane, isso não é sexo de lua de mel — disse ela, quando nos sentamos na enoteca que tinha ficado de me mostrar. Encontramos uma mesa no canto e pedimos duas taças de vinho tinto. Depois, um prato de queijos de cabra e, quando terminamos, uma travessa de frios. Em seguida, mais duas taças de vinho. — É assim que eu quero que sejamos sempre.

— Doze horas atrás éramos desconhecidos. Eu era um homem quase pegando no sono e você a moça com o cachorro.

Olhei em volta. Nunca estivera ali antes.

— Me diga alguma coisa, qualquer coisa.

— Quero voltar aqui amanhã à noite com você.

— Eu também — disse ela.

Nenhum de nós disse mais uma palavra. Estávamos entre os últimos a sair antes do lugar fechar.

* * *

Havia pouquíssimos hóspedes no hotel nessa época do ano, e os funcionários de paletó branco na manhã seguinte estavam ocupados confabulando e brincando uns com os outros enquanto uma música brega tocava alto ao fundo.

— Eu odeio música de fundo e odeio essa tagarelice deles — disse ela, apontando para os funcionários.

Não hesitou em virar para um dos garçons para perguntar se podiam falar mais baixo. Ele ficou surpreso com a queixa, mas não respondeu ou se desculpou; simplesmente se acovardou e voltou para onde outros funcionários riam alto. Ficaram quietos imediatamente.

— Passei a odiar este hotel — disse —, mas venho aqui sempre que

estou em Roma por causa da sacada do quarto. Em dias quentes, amo sentar embaixo do guarda-sol para ler. À noite, bebo alguma coisa com amigos na minha sacada ou no terraço grande lá em cima, acima do terceiro andar. É o céu.

Depois do café da manhã, atravessamos a ponte e estávamos prestes a ir em direção a Aventine, mas mudamos de ideia e voltamos pelo Lungotevere. Era sábado de manhã, ainda bem cedo, e a cidade estava muito silenciosa.

— Tinha um cinema aqui.

— Fechou há muito tempo.

— E tinha uma loja de quinquilharias por aqui em algum lugar. Comprei um joguinho de gamão uma vez, feito na Síria, todo incrustado de madre-pérolas em mosaico. Um amigo pegou emprestado e acabou quebrando ou perdendo... nunca mais vi o jogo.

Ela buscou minha mão quando nos aproximamos da Campo de' Fiori. Perto dali, o vendedor de peixe estava ocupado preparando a loja. O estabelecimento de vinhos ainda não estava aberto. Parecia fazer muito tempo desde que tínhamos estado ali para comprar peixe.

— Vamos passar a semana aqui — disse ela ao pai, quando ele abriu a porta para nós, com sacolas de comida suficiente para três semanas.

— Que bom! — gaguejou ele, mal disfarçando a alegria. — E o que vocês vão fazer durante uma semana inteira?

— Não sei. Comer, tirar fotos, visitar você, ficar juntos.

— Passear — acrescentei. Estava claro que seu pai tinha entendido que éramos amantes e não estava chocado, ou, pelo menos, fingiu não estar. Dava para ler em seu rosto: *Ontem vocês eram estranhos em um trem e mal se tocavam... agora você está comendo minha filha. Que ótimo! Ela nunca vai mudar.*

— Onde você vai ficar? — perguntou ele a Miranda.

— Com ele. Fica a cinco minutos a pé daqui, então você vai me ver mais do que jamais esperou.

— E isso é ruim?

— É ótimo. Mas posso deixar a cachorra com você?

— E o seu trabalho?

— Eu só preciso de uma câmera. Além do mais, estou cansada da costa leste. Quem sabe eu não descubro partes de Roma ou do norte da

Itália pelos olhos *dele*. Ontem fomos à Villa Albani, que eu nunca tinha visto antes.

— Também quero levar você ao Museu Arqueológico em Nápoles. A estátua de Dirce sendo amarrada a um touro por dois irmãos precisa da câmara de uma especialista.

— Quando vamos a Nápoles?

— Se você quiser, amanhã — respondi. — Eu só dou aula quinta à noite.

— Mais passeios de trem. Perfeito. — Ela parecia realmente radiante.

Quando Miranda saiu, seu pai me confidenciou:

— Ela não é tudo que aparenta, viu? Ela é impulsiva, tem sempre uma tempestade tomando forma dentro da cabeça, mas é mais delicada que a porcelana mais frágil. Por favor, seja bom para ela, e seja paciente.

Não havia o que responder. Fiquei olhando para o pai e então sorri. Por fim, coloquei minha mão sobre a dele. A intenção era tranquilizá-lo, um gesto que transmitisse calor, silêncio e amizade. Eu esperava que não soasse paternalista.

O almoço foi tranquilo e, praticamente, uma extensão do café da manhã. Miranda fez uma omelete grande e perguntou como o pai queria a dele. — Pura. Talvez com alguns temperos? — Ele gostava de temperos.

— E não uma omelete seca, por favor. Gennarina faz uma horrível.

Tinha esquentado e almoçamos no terraço mais uma vez.

— E as nozes? — perguntou ele, depois.

— As nozes, é claro.

Ela voltou lá para dentro, trouxe uma tigela grande com elas e depois entrou na biblioteca, onde encontrou o livro que estava procurando. Avisou que ia ler por vinte minutos.

Eu nunca tinha lido Chateaubriand, mas, ao ouvi-la, decidi que era isso que eu queria pelo resto da vida. Todos os dias, logo após o almoço, enquanto tomávamos café, como agora, se ela quisesse e não estivesse ocupada, vinte minutos da prosa desse grande francês deixariam meu dia perfeito.

Quando terminamos o café, seu pai não nos acompanhou até a porta; em vez disso, ficou no terraço, sentado à mesa, e nos observou

indo embora.

— Não deve ser fácil para ele — ponderei, quando ela fechou a porta.

— É péssimo, na verdade. E fechar a porta ao sair é sempre uma agonia.

A caminho da Piazza San Cosimato, ela olhou para o céu que escurecia e disse:

— Parece que vai chover, vamos voltar.

Era cedo demais para voltar ao hotel, então entramos em uma loja grande de utilidades domésticas.

— Vamos comprar duas canecas idênticas, uma com as suas iniciais e uma com as minhas — disse ela.

Ela insistiu em comprar as canecas, a minha com um M grande, a dela com um S grande. Mas não estava satisfeita.

— Que tal tatuagens? Quero você gravado para sempre no meu corpo. Como uma marca-d'água. Quero um farolzinho. E você?

Pensei por um instante.

— Um figo.

— Tatuagens, então? Eu conheço um lugar.

Olhei para ela. *Por que não estou nem hesitando?*

— Em que lugar do corpo? — perguntei.

— Perto do... você sabe.

— Do lado esquerdo ou do lado direito?

— Direito.

— Direito então.

Ela ficou em silêncio por um instante.

— Está rápido demais para você?

— Eu amo que está rápido demais. Vai doer?

— Não sei. Nunca fiz uma tatuagem. Nunca nem furei as orelhas. O que eu sei é que quero que nossos corpos nunca mais sejam os mesmos.

— Vamos assistir enquanto o outro é tatuado — falei. — Depois, quando eu encontrar o Criador e ele pedir que eu tire a roupa e fique exposto e ele vir essa tatuagem de figo à direita da minha genitália, o que você acha que ele vai dizer? “Professor, o que é isso perto do seu bingolim?” “Uma tatuagem”, eu vou responder. “É um figo, não é?” “Sim, senhor.” “E o motivo para desfigurar o corpo que levou nove

longos meses para fazer foi?” “Paixão é o motivo.” “Sim, e?”. “Eu queria um sinal gravado em meu corpo para mostrar que queria mudar tudo. Porque pela primeira vez na vida eu sabia que não haveria arrependimentos. Talvez também tenha sido meu jeito de marcar o corpo com algo que eu sempre temi que, do contrário, pudesse desaparecer com a mesma facilidade com que surgiu. Então gravei esse símbolo em mim como lembrança. Se puder tatuar minha alma com o nome dela, faça isso agora mesmo. Sabe, Deus, posso chamá-lo assim?, eu estava prestes a desistir, a seguir como alguém que tinha aceitado sua pena e se acovardava diante de sua sina subalterna e insignificante, vivendo como se a vida fosse uma grande sala de espera muito abaixo da temperatura ambiente, quando, de repente, surgiu essa bela comutação, sei que estou usando palavras grandiosas, mas creio que o Senhor me entende, e a via escura, silenciosa, lamacenta, estreita e pobre que era minha vida de repente se transformou em uma mansão imensa diante de um campo aberto com vista para a praia e cômodos espaçosos com janelas grandes e abertas que nunca crepitam e nunca balançam ou se fecham quando uma brisa do mar sopra pela casa que nunca viu a escuridão desde o dia em que o Senhor acendeu o primeiro fósforo e soube que a luz era boa.”

— Temos aqui um comediante! O que Deus faz depois?

— Ele me deixa entrar, é claro. “Pode entrar, bom homem”. Mas então eu pergunto “Perdão, Nosso Senhor, mas de que me serve o céu agora?”. “O céu é o céu. Não fica melhor do que isto. Você tem ideia do que as pessoas abrem mão para viver aqui? Ou prefere dar uma olhada na alternativa? Posso mostrar. Na verdade, podemos descer até lá e eu mostro onde você poderia, simplesmente, ser espetado e assado por ter rabiscado essa besteira na sua você sabe onde. Mas você está de bico... Por quê?” “Por que, Senhor? Porque eu estou aqui e ela está lá.” “O quê? Você quer que ela morra também para que vocês possam deitar e rolar e se divertir no meu reino?” “Não quero que ela morra.” “Está com ciúme? Medo de que ela encontre outra pessoa? Porque ela vai encontrar outra pessoa.” “Também não me importo.” “Então o que é, meu bom homem?” “É que eu amaria ter mais uma hora, uma mísera hora entre os milhões, trilhões e zilhões de horas da eternidade para estar com ela, uma partícula minúscula de nada do tempo infinito. Não

custa nada ao Senhor, só quero voltar àquela noite de sexta na nossa enoteca, de mãos dadas sobre a mesa onde nos serviam queijos e vinhos à medida que o lugar esvaziava, e somente amantes e amigos muito próximos ficam para trás. Tudo o que quero é uma chance de dizer a ela que o que aconteceu entre nós, se tivesse durado vinte e quatro horas, teria valido a espera dos incontáveis anos que se passaram, antes mesmo de a evolução começar, e que se seguirão depois que nosso pó não seja mais nem pó. Até o dia, após quadrilhões de anos em algum outro planeta em uma constelação distante, em que um Sami e uma Miranda acontecerem novamente. Desejo a eles o melhor. Mas por enquanto, bom Deus, tudo o que eu peço é mais uma hora.” “Mas você não vê?”, ele vai dizer. “Não vejo o quê?” “Que já teve uma hora. E eu não lhe dei apenas uma, eu lhe dei vinte e quatro. Você tem ideia de como foi difícil permitir que seus órgãos fizessem o que não costumam conseguir fazer na sua idade, imagine então duas vezes?” “Correção: foram três vezes, bom Senhor, três vezes.” Ele para por alguns segundos. “Além do mais, se eu lhe der uma hora agora, você vai querer um dia, e se eu lhe der um dia, você vai querer um ano. Conheço seu tipo.” Neste momento, Deus parece ter me oferecido mais tempo. Não é oficial, e Ele vai negar se eu contar a alguém mais além de você. Você vai amar minha casa na praia. Todos os dias vamos fazer caminhadas longas no campo, nadar e comer frutas, muitas frutas. Vamos assistir a filmes antigos e ouvir música. Vou até tocar piano para você na saleta e deixá-la ouvir inúmeras vezes aquele momento maravilhoso na sonata de Beethoven, quando, de repente, a tempestade diminui no primeiro movimento e tudo o que ouvimos é o som gotejante de notas muito, muito lentas, e então o ressurgir do silêncio que precede a tempestade. Vamos ser como Mirra e Cíniras, mas Cíniras não vai tentar matar a filha por ter dormido com ele, e ela não fugir da cama do pai e se transformar em árvore, e se tivermos sorte, em nove meses, como Mirra, você vai dar à luz Adônis.

— *Eu sou do meu amado, e meu amado é meu.* E quanto tempo esse idílio vai durar?

— Precisamos saber? Não há limites.

O tatuador estava com a agenda lotada. Então desistimos da ideia. Em vez da tatuagem, passeamos sem destino até decidirmos voltar para

o hotel. Em nosso quarto:

— Não consigo acreditar no quanto você é linda. Me diga do que gosta em mim... gosta de alguma coisa? — perguntei.

— Não sei. Se eu pudesse abrir seu corpo e entrar nele e te costurar de volta pelo lado de dentro, eu faria, para embalar seus sonhos tranquilos e deixar que você sonhe os meus. Eu seria a costela que ainda não me criou, feliz por esperar e, como você disse, ver o mundo pelos seus olhos, não pelos meus, e ouvi-lo repetir meus pensamentos e achar que são de fato seus. — Ela sentou-se na cama e começou a abrir meu cinto. — Eu não faço isso há algum tempo.

Então ela abriu meu zíper e tirou a roupa, e olhou no fundo dos meus olhos de um jeito que dizia que se o amor nunca existiu neste planeta, ele estava nascendo neste quarto de hotel, minúsculo e fajuto, de frente para uma rua estreita e tantas janelas por onde as pessoas são convidadas a espiar para dentro.

— Me beije agora — disse ela, lembrando-me do quanto eu era sortudo por, de repente, testemunhar esse momento bruto, selvagem, desganhado e enérgico em minha vida. Após um beijo longo, ela olhou para mim com algo que beirava a provocação. — Agora você sabe. Acredita em mim? — finalmente perguntou. — Eu te dei tudo o que eu tenho e o que não dei não significa nada, nada. A questão é: o que mais eu terei a oferecer na próxima semana e será que você vai querer?

— Então me dê menos. Eu aceito metade, um quarto, um oitavo. Preciso continuar?

E um pouco depois:

— Não posso voltar para a minha vida. E não quero que você volte para a sua, Sami. A única lembrança boa que eu tenho da casa do meu pai é de você nela. Quero voltar àquele momento em que você segurou minha mão enquanto eu arrumava seu colarinho pensando *Este homem gosta de mim, ele gosta sim, então por que não me beija logo?* E em vez do beijo, vi você se debater até tocar minha testa, como uma criança, e pensei *Ele acha que sou muito nova*.

— Não, eu que sou muito velho... foi isso que pensei.

— Você é tão bobo. — Ela se levantou e tirou o papel que embrulhava as duas canecas. — São lindas.

— Eu tenho a casa, você tem as canecas, o resto são detalhes. Todos

os dias no almoço vamos comer as mesmas coisas simples: tomates, cortados em quatro, com o pão rústico que eu amo assar, manjerição, azeite de oliva fresco, uma lata de sardinhas, a menos que você asse um peixe para nós, berinjelas frescas do jardim e, para sobremesa, figos frescos no fim do verão e caquis no outono, frutos silvestres no inverno e o que mais der em árvores... pêssegos, ameixas e damascos. Não vejo a hora de tocar a sonata de Beethoven para você. Vamos passar o tempo assim, até você ficar entediada e cansar de mim. E, se antes disso, você esperar um filho, vamos ficar juntos muito mais tempo, até o meu acabar, e aí saberemos. E não haverá arrependimentos da minha parte, e nem da sua, porque, assim como eu, você saberá que, independentemente, do tempo que você me deu, minha vida inteira, desde a infância, os anos de escola, universidade, meus anos como professor, escritor e todo o resto que aconteceu era para me levar até você. E isso é o suficiente para mim.

— Por quê?

— Porque você me fez amar isso aqui, só isso aqui. Eu nunca fui fã do planeta Terra, e não dava muita importância a essa coisa chamada vida, mas a ideia de comer tomates com sal e azeite no almoço e beber um vinho branco gelado enquanto sentamos pelados em nosso terraço ao sol do meio-dia olhando o mar, arrepiava minha espinha neste instante.

Então uma ideia passou pela minha cabeça.

— Se eu tivesse trinta anos, isso aqui seria mais tentador?

— Nada disso teria acontecido se você tivesse trinta anos.

— Você não respondeu minha pergunta.

— Se você tivesse a minha idade, eu fingiria que sou feliz, fingiria amar a minha carreira, a sua carreira, a nossa vida, mas seria uma farsa, a mesma que emprego com todo mundo que eu conheço. Meu problema é descobrir como se vive sem fingir... e isso é difícil e assustador para mim, porque meu comportamento está sempre direcionado a quem eu deveria ser, não a quem eu sou, ao que eu deveria ter, não ao que eu nunca soube que almejava, à vida como eu a reconheci, não à vida que me permiti pensar que era só um sonho. Você é oxigênio para mim, e eu tenho vivido de metano.

Ficamos deitados sobre a colcha que ela disse que provavelmente nunca tinha sido lavada.

— Você tem ideia de quantas pessoas já deitaram nisso tão nuas e suadas quanto estamos agora?

Rimos da ideia. Sem dizer nada, tomamos banho pela primeira vez desde que nos conhecemos no trem e nos vestimos para encontrar Elio.

* * *

Elio estava em pé na entrada do hotel. Nos abraçamos e, quando o soltei, ele percebeu que a pessoa ao meu lado não era uma estranha que saía do hotel ao mesmo tempo que eu. Miranda logo estendeu a mão e os dois se cumprimentaram.

— Miranda — disse ela.

— Elio.

Eles sorriram um para o outro.

— Ouvi muito sobre você — disse ela. — Tudo o que ele faz é falar de você.

Ele riu.

— Ele exagera, há tão pouco para dizer.

Enquanto saíamos do pátio, Elio me lançou um olhar discretamente interrogativo que queria dizer *Quem é ela?* Ela interceptou o olhar questionador e disse imediatamente:

— Sou a pessoa com quem ele dormiu depois de conhecer no trem ontem.

Embora um pouco desconfortável, Elio riu. Então ela acrescentou:

— Se você estivesse esperando por ele na Termini ontem eu não estaria aqui te contando isso. — Ela imediatamente pegou a câmera e pediu que ficássemos ao lado do portão. — Por favor — disse.

— Ela é fotógrafa — expliquei, quase me desculpando.

— Então, o que fazemos? — perguntou meu filho, um pouco perdido sobre como proceder.

Miranda avaliou a situação imediatamente.

— Sei que vocês dois têm suas vigílias a fazer, então não quero me intrometer — disse ela, enfatizando a palavra *vigília* para demonstrar que já conhecia nossa linguagem de pai e filho. — Mas posso ir junto e juro que não vou dizer uma palavra.

— Mas prometa não rir de nós — disse Elio — porque nós *somos*

ridículos.

Foi o jeito como andávamos, juntos mas não juntos, que permitiu que um toque de estranheza se impusesse entre nós. Eu tentava acompanhar os passos dela sem deixar que Elio pensasse que seu lugar em minha vida estava alterado ou diminuído por aquela presença; mas então, alguns passos adiante, me peguei caminhando muito mais perto dele, quase a ponto de negligenciá-la. Fiquei muito preocupado com a ideia de que talvez a presença dela o ressentisse caso ele quisesse conversar sobre coisas pessoais importantes. Talvez ele não estivesse pronto para conhecê-la ainda, e, certamente, não tão de repente. Elio deve ter percebido meu desconforto e, com muito tato, começou a caminhar à nossa frente. Eu sabia que ele estava fazendo de propósito, quase renunciando sua posição em favor dela, porque normalmente caminhávamos ombro a ombro. Se havia tensão entre nós três, a atitude dele ajudou a dissipá-la e restaurou a sensação alegre de intimidade que sentíamos ao atravessar a ponte juntos.

Tínhamos falado de ir andando até o Cemitério Protestante, mas o céu estava nublado e a hora avançava. O cemitério é perfeito em uma manhã ensolarada e tranquila no meio da semana, afirmei, não em uma tarde agitada de sábado. Então decidimos repetir nossa caminhada pela via Giulia e fomos em direção a um café que todos conhecíamos.

No caminho perguntei a Elio o que ele tinha tocado na noite anterior, e ele contou que foram os concertos em Mi bemol maior e Ré menor de Mozart com uma orquestra de Liubliana. Teve que praticar a noite toda antes do concerto e durante o próprio dia do evento. Mas tudo correu muito bem. Ele tinha que estar em Nápoles para mais um concerto domingo à tarde.

— Então, com qual vigília vamos começar hoje? — perguntou Miranda. — Ou vai ser uma surpresa?

Mais uma vez me preocupei. As vigílias deviam ser celebradas apenas entre nós dois, não com uma terceira pessoa. Então, para aliviar o clima, eu disse a Elio que tinha roubado e já tinha feito uma vigília com a Miranda: o apartamento do terceiro andar na Roma Libera onde morei quando era um jovem professor.

— A garota das três laranjas? — perguntou ele.

Nós três rimos.

— Não tinha outra vigília na Via Margutta? — perguntou Miranda.

— Sim, mas não vamos fazer hoje.

— Na verdade, o café aonde estamos indo é quase uma vigília — disse Elio.

— De quem? Sua ou do Sami? — perguntou ela.

— Bem, não temos certeza — respondi. — No início era do Elio, então por eu voltar tanto aqui com ele, tornou-se minha também, e no fim nossa. Então dá para dizer que sobrescrevemos as memórias um do outro. É por isso que vir aqui tem um significado a mais, um significado extra que nem o professor em mim sabe explicar. Agora, Miranda, você está nessas vigílias também.

— Viu, é isso que eu amo nele — disse ela, falando com Elio —, a capacidade de distorcer qualquer coisa como se a vida fosse feita de pedaços de papel sem significado que se transformam em pequenos origamis no momento em que ele começa a dobrá-los. Você é assim também?

— Sou filho dele. — Elio assentiu quase constrangido.

O Caffè Sant'Eustachio estava tão cheio que não conseguimos uma mesa e decidimos tomar nosso café no bar. Elio acrescentou que, em todos os anos que vinha aqui, nunca conseguira se sentar. Os turistas passam horas ocupando todas as mesas, lendo mapas e guias. Ele insistiu em tentar. Enquanto Elio deslizava entre a multidão de clientes que esperavam para pedir ou pagar no caixa, ela se aproximou de mim e perguntou:

— Acha que eu deixei ele chocado?

— Nem um pouco.

— Acha que ele está incomodado com a minha presença?

— Não vejo por quê. Há tempos ele enche meu saco para encontrar alguém depois do divórcio.

— E você encontrou alguém?

— Acho que sim. Ela disse que vai ficar comigo.

— Quem vai ficar com você? — perguntou Elio, trazendo um recibo e tentando chamar a atenção de um dos homens atrás das máquinas de espresso.

— Ela.

— Você disse no que ela está se metendo?

— Não. Ela logo vai ficar horrorizada.

Segundos depois, três xícaras foram colocadas no balcão à nossa frente.

— Três anos atrás eu vim aqui tentando ter uma vigília particular com uma garota e foi um desastre — disse Elio.

— Por quê? — perguntou Miranda.

Ele explicou que, enquanto tentava sentir a presença dela no café como algo significativo, principalmente porque o lugar já trazia a marca de outros acontecimentos em sua vida, eles discutiram. Ela dizia que não tinha nada de especial no tipo de café que eles prepararam aqui; ele respondeu dizendo que não era sobre o café, mas sobre o local em que se bebia o café. A discordância não só arruinou a vigília, mas fez com que ele a odiasse. Acabaram o mais rápido que puderam, saíram em direções opostas e nunca mais se viram.

— Mas alguns anos atrás foi aqui que eu tive a primeira ideia de como seria minha vida como artista vivendo entre artistas. Meu pai e eu viemos aqui sempre que ele está em Roma.

— Seus anos como artista têm sido como você esperava? — perguntou Miranda.

— Bem, como eu sou supersticioso, é melhor dizer isso com cuidado — respondeu ele —, mas têm sido muito animadores... os como pianista, quero dizer. O resto, bem, não falemos sobre o resto.

— Mas é exatamente do resto que eu quero saber — falei, percebendo que quase ecoava as palavras do pai de Miranda. A essa altura, ela reconheceu que a conversa estava ficando muito pessoal e pediu licença para procurar o banheiro.

— O resto, pai — continuou ele —, é um livro fechado ultimamente. Mas a primeira vez que vim aqui eu tinha 17 anos e estava com pessoas que liam muito, amavam poesia, estavam envolvidas com o cinema e sabiam tudo o que há para saber sobre música clássica. Eu fui admitido nesse clã, e em todas as férias que tive da escola e depois da universidade, eu vinha a Roma para ficar com elas e aprender o máximo que podia sobre a vida nas artes.

Eu não disse nada, mas ele percebeu meu olhar.

— Mais do que minha amizade com elas, você, acima de qualquer pessoa, fez de mim o que sou hoje. Nunca tivemos segredos, você sabe

sobre mim, e eu sei sobre você. Nisso eu me considero o filho mais sortudo do mundo. Você me ensinou a amar, a amar os livros, a música, as ideias belas, as pessoas, o prazer, até a mim mesmo. Melhor do que isso você me ensinou que só temos uma vida e que o tempo está sempre contra nós. Isso eu sei, por mais jovem que eu seja. Eu só me esqueço das lições às vezes.

— Por que você está me dizendo isso? — perguntei.

— Porque eu enxergo você agora... não como meu pai, mas como um homem apaixonado. Nunca vi você assim. Fico muito feliz, quase com inveja. Você está tão jovem de repente. Deve ser o amor.

Se ainda não tinha me ocorrido até então, agora eu sabia que era o pai mais sortudo do mundo. As pessoas se amontoavam à nossa volta, algumas tentando abrir caminho até o balcão. Mas nenhuma parecia se intrometer em nosso momento íntimo. A mesma conversa tranquila que teríamos em frente à lareira estávamos tendo em um dos cafés mais agitados de Roma.

— O amor é fácil — falei. — É a coragem para amar e para confiar que importa, e não é todo mundo que tem ambos. O que talvez você não saiba é que me ensinou muito mais do que eu ensinei! Essas vigílias, por exemplo, podem não ser nada mais do que meu desejo de seguir seus passos, de compartilhar com você toda e qualquer coisa e estar na sua vida como quero que você sempre esteja na minha. Eu o ensinei a guardar os momentos em que o tempo para, mas eles significam muito pouco se não ecoarem em alguém que você ama. Assim ficam em você e infestam toda a sua vida, ou, se tiver sorte, e pouquíssimas pessoas têm, você conseguirá transmiti-los em algo que as pessoas chamam de arte, no seu caso a música. Acima de tudo foi sempre a sua coragem que eu invejei, o quanto você confiava em seu amor pela música e mais tarde em seu amor por Oliver.

Naquele momento, Miranda estava de volta entre nós e me abraçou.

— Eu nunca tive essa confiança em meus amores ou, se puder acreditar, em meu trabalho — continuei —, mas a encontrei quase sem querer no instante em que essa mocinha me convidou para almoçar ontem, enquanto tudo o que eu dizia a ela era *Não, obrigado, eu não posso, não, não...* Mas ela não acreditou em mim, e não deixou que eu me enrolasse de volta em minha pequena concha.

Estava contente por termos conversado.

— Como você disse, nunca tivemos segredos, você e eu. Espero que nunca tenhamos.

Saímos do Sant'Eustachio depois de tomarmos o café em três goles e fomos em direção a Corso.

— Para onde vamos agora? — perguntou Miranda.

— Acho que para a Via Belsiana — respondi, lembrando-me de que Elio e eu sempre acabávamos na Via Belsiana para fazer o que chamávamos de caminhada *Se o amor* até uma livraria, em homenagem a um livro de poesia publicado dez anos antes.

— Não, Via Belsiana hoje não. Quero te levar a um lugar onde nunca te levei antes.

— É recente então? — perguntei, esperando que ele me falasse sobre seu último romance.

— Não tem nada de recente. Mas marca um momento breve em que segurei a vida nas mãos e nunca mais fui o mesmo. Às vezes acho que minha vida parou aqui e só vai recomeçar neste lugar.

Ele pareceu absorto em seus pensamentos.

— Não faço ideia se a Miranda está a fim de fazer isso e talvez você também não esteja. Mas já confidenciamos o suficiente para não parar agora. Então me deixem levar vocês até lá. É uma caminhada de dois minutos.

Quando chegamos à Via della Pace achei que ele estivesse prestes a nos levar a uma das minhas igrejas favoritas da área. Em vez disso, assim que vimos a igreja, ele virou à direita e nos encaminhou à Via Santa Maria dell'Anima. Então, depois de alguns passos, e exatamente como eu tinha feito com Miranda no dia anterior, ele parou em uma esquina onde um poste muito antigo tinha sido incorporado a um muro.

— Nunca te contei isso, pai, mas eu estava completamente bêbado uma noite, tinha acabado de vomitar em frente à estátua de Pasquino e não poderia estar mais atordoado. Aqui, encostado contra este muro, eu soube, por mais bêbado que estivesse, que essa, com Oliver me abraçando, era a minha vida, que tudo o que tinha acontecido antes com outras pessoas não era nem um esboço grosseiro ou a sombra de um rascunho do que estava acontecendo naquele momento. Dez anos depois, quando olho para este muro e este poste velho, estou com ele de

novo e juro, nada mudou. Em trinta, quarenta, cinquenta anos não vai ser diferente. Conheci muitas mulheres e ainda mais homens em minha vida, mas o que está gravado neste muro ofusca todas as pessoas que conheci. Quando venho aqui, posso estar sozinho ou com pessoas, com vocês, por exemplo, mas sempre estou com ele. Se eu ficasse olhando para este muro durante uma hora, estaria com ele durante uma hora. Se eu falasse com este muro, ele responderia.

— O que ele diria? — perguntou Miranda, completamente envolvida na ideia de Elio com o muro.

— O que ele diria? Sem sombra de dúvida: “Procure por mim, me encontre”.

— E o que você diz?

— Eu digo a mesma coisa. “Procure por mim, me encontre”. E nós dois ficamos felizes. Agora você sabe.

— Talvez você precise de menos orgulho e mais coragem. Orgulho é o apelido que damos para o medo. Houve um tempo em que você não tinha medo de nada. O que aconteceu?

— Você está errado a respeito dessa coragem — disse Elio. — Eu nunca tive coragem nem de ligar para ele ou de escrever, quanto mais visitá-lo. Tudo o que faço quando estou sozinho é sussurrar seu nome no escuro. Mas aí rio de mim mesmo. Só rezo para nunca sussurrar seu nome quando estiver com outra pessoa.

Miranda e eu ficamos em silêncio. Ela foi até ele e beijou seu rosto. Não havia o que dizer.

— Sussurrar o nome de alguém só aconteceu comigo uma vez, mas acho que me marcou para a vida toda — contei, virando-me para Miranda, que logo entendeu.

— No caso dele... posso contar? — perguntou ela, dirigindo-se a mim.

Assenti.

— No caso do seu pai, ele sussurrou o nome de outra mulher para a mulher com quem estava dormindo — explicou Miranda. — Que famílias estranhas essas a que nós pertencemos!

Não havia nada a acrescentar.

Minutos depois decidimos ir beber uma taça de vinho no Sergetto's.

Chegamos no momento em que a enoteca estava abrindo e pudemos

escolher nossa mesa, então ficamos na mesma da noite anterior.

— Estão vendo? Eu também peguei o vírus da vigília — disse Miranda.

Gostei do fato de que nem todas as luzes estavam acesas; o ambiente à meia-luz fazia parecer que era mais tarde. O homem atrás do balcão nos reconheceu de imediato e perguntou se queríamos o mesmo tinto. Conferi com Elio se também queria um Barbaresco. Ele assentiu, então nos lembrou que à noite ia dirigir de volta até Nápoles com um amigo. Tinha vindo até Roma para me ver.

— Que tipo de amigo? — perguntei.

— Um amigo que tem um carro — respondeu ele, com um olhar seco e balançando a cabeça, o que queria dizer que eu estava totalmente enganado.

Quando o vinho chegou, o garçom foi mais uma vez até o balcão e pegou aperitivos para nós.

— Por conta da casa — disse.

— Deve ser porque eu dei uma boa gorjeta ontem à noite. Provavelmente, fomos os últimos a sair.

Brindamos à nossa felicidade.

— Nunca se sabe, talvez a gente vá ao concerto de amanhã depois de irmos ao Museu Arqueológico... se é que vamos.

— Por favor, por favor, apareçam lá. Vou deixar dois ingressos para vocês na bilheteria. — Então ele vestiu o suéter e se levantou. — Vou dizer só uma coisa. Você me ensinou isso anos atrás, agora é minha vez: tenho inveja de vocês. Por favor não estraguem tudo.

Eu estava com as duas pessoas que mais importavam no mundo.

Nos despedimos com um beijo. Então eu voltei a me sentar de frente para Miranda.

— Acho que estou extremamente feliz.

— Eu também. Podemos fazer isso pelo resto da vida.

— Podemos.

— Se o tempo continuar bom, qual é a primeira coisa que você quer fazer semana que vem, quando estivermos na praia?

— Quero pegar um táxi na estação de trem, ir para casa, colocar roupas de banho, descer as pedras e mergulhar com você.

— Deixei minha roupa de banho em Florença.

- Tem bastante lá em casa. Melhor ainda: vamos nadar nus.
- Em novembro?
- Em novembro. A água ainda está quente.

Cadenza

— Você está vermelho — disse ele.

— Não estou não.

Ele lançou um olhar entretido e descrente do outro lado da mesa.

— Tem certeza?

Pensei por alguns segundos, mas me entreguei:

— Acho que estou. Não estou?

Eu era jovem o bastante para odiar que me decifrassem tão rápido, principalmente, durante um silêncio constrangedor com alguém que tinha quase o dobro da minha idade, mas, ao mesmo tempo, eu também tinha vivência suficiente para aceitar que um rubor dissesse algo que eu estava relutante em revelar. Então olhei para ele.

— Você também está vermelho.

— Eu sei.

Isso foi mais ou menos duas horas depois.

Eu o conheci durante o intervalo de um concerto de música de câmara na Igreja de Santa U. na Margem Direita. Era um domingo no início de novembro, não fazia frio nem calor, apenas mais uma noite nublada de outono que começou cedo demais e pressagiou os longos meses de inverno que estavam por vir. Muitos espectadores já estavam sentados dentro da igreja, ainda de luvas; outros não tinham tirado o casaco. Mas, apesar do friozinho, havia algo aconchegante no ar e as pessoas caminhavam em silêncio entre os bancos, claramente ansiosas pela música. Era minha primeira vez ali e eu tinha escolhido um lugar no fundo, caso a música não fosse do meu agrado e eu quisesse sair sem incomodar.

Estava curioso para ouvir aquela que poderia ser a última apresentação do Quarteto Floriano. O membro mais jovem devia ter quase 80 anos. Eles tocavam naquela igreja regularmente, mas eu nunca os tinha visto ao vivo, e só os conhecia das gravações raras e esgotadas e de algumas apresentações disponíveis na internet. Tinham acabado de tocar um quarteto de Haydn e, após o intervalo, executariam o Quarteto em Dó Sustenido Menor de Beethoven. Ao contrário dos demais ali presentes — e não havia mais do que quarenta pessoas

naquele domingo —, cheguei tarde e comprei meu ingresso com uma das freiras que estavam sentadas em uma mesinha na entrada. Quase todos tinham comprado pelos correios e entraram na igreja segurando comprovantes enormes. Alguém pedira que as pessoas segurassem esses papéis abertos enquanto uma freira idosa e corcunda copiava diligentemente o nome completo de cada um com uma caneta-tinteiro antiga verde. Ela tinha pelo menos 80 anos e devia fazer aquilo havia décadas, provavelmente com a mesma caneta e a mesma caligrafia arcaica e trêmula. Os números minúsculos do código de barras do ingresso provavelmente refletiam a imagem jovem que a igreja queria projetar nos novos paroquianos, mas a velha irmã sofria para copiá-los antes de carimbar cada comprovante. Ninguém reclamou do ritmo lento, mas houve alguns sorrisos indulgentes entre aqueles cujos papéis não tinham sido validados.

Durante o intervalo, entrei na fila da cidra quente perto da entrada, que a mesma freira agora servia meticulosamente com uma concha que ela mal conseguia erguer. Todos doaram muito mais que o 1 euro escrito em um papel no quadro de avisos próximo ao tonel. Eu nunca fui fã de cidra quente, mas todos pareciam ser, então fiquei ali e, quando chegou minha vez, coloquei cinco euros na tigela, ao que ela agradeceu com entusiasmo. A velha era esperta. Ela percebeu que era minha primeira vez na igreja e perguntou se eu tinha gostado do Haydn. Respondi com um sim entusiasmado.

Ele estava à minha frente na fila e, depois que paguei pela cidra, simplesmente virou-se e perguntou:

— Por que alguém da sua idade está interessado no Quarteto Floriano? Eles são tão velhos. — Então, percebendo que a pergunta tinha sido aleatória, acrescentou: — O segundo violino... deve ter mais de 80 anos. Os outros não devem ser muito mais jovens do que isso.

Ele era alto, magro e estava vestido com elegância, com uma cabeleira grisalha que chegava até a gola do blazer azul.

— Tenho interesse no violoncelista e percebi que, como há rumores de que eles vão viajar este ano antes de uma possível separação, nossos caminhos talvez nunca mais se cruzem. Então aqui estou eu.

— Um jovem como você não tem coisa melhor para fazer?

— Um jovem como eu? — perguntei, com um tom surpreso e

irônico.

Um momento de silêncio constrangido pairou entre nós. Ele deu de ombros, provavelmente, seu jeito de pedir desculpas sem dizer nada, e pareceu prestes a se virar e ir até a área próxima aos dois portais onde algumas pessoas fumavam e outras conversavam e esticavam as pernas.

— Os pés sempre ficam frios dentro da igreja — disse ele, quando se virou e foi em direção à porta. Uma frase descartável, apenas para concluir a conversa.

Então, percebendo que talvez o tivesse esnobado com meu tom, perguntei:

— Você é fã do quarteto?

— Na verdade, não. Não sou nem fã de música de câmara. Mas os conheço bem porque meu pai amava música clássica e financiava os concertos deles aqui. Hoje em dia, quem faz isso sou eu, embora, sinceramente, prefira *jazz*. Mesmo assim, venho porque costumava acompanhá-lo nas noites de domingo quando era jovem. Ainda venho a cada duas semanas para ficar aqui sentado, ouvindo, imagino que estou de novo com meu pai por um instante... com certeza, tudo isso deve parecer um motivo bobo para sentar e ouvi-los tocar.

Que instrumento o pai dele tocava? Perguntei.

Piano.

— Ele nunca praticava em casa. Mas, aos fins de semana, quando ficávamos no campo, ele ia até a outra extremidade da casa no meio da noite e, do meu quarto no andar de cima, eu ouvia o piano como se tocado por um pária furtivo que parava no instante em que ouvisse passos rangendo nas tábuas do assoalho. Ele nunca falava sobre o piano, e minha mãe também nunca abordava o assunto. O melhor que aprendi a fazer pela manhã foi dizer que tinha sonhado mais uma vez que o piano tinha tocado sozinho. Acho que ele queria ter seguido carreira como pianista profissional, assim como tenho certeza de que queria que um dia eu também amasse música clássica. Meu pai era do tipo que raramente impunha suas opiniões aos outros, imagine então falar com um estranho... um homem completamente diferente do filho, como tenho certeza de que você já percebeu. — Ele riu. — E, por ser muito cheio de dedos para me convidar para vir com ele aos domingos, provavelmente, estava conformado em vir sem companhia. Mas minha

mãe não queria que ele saísse sozinho à noite, então pedia que eu o acompanhasse. Com o tempo, acabou se tornando um hábito. Depois do concerto, ele comprava um doce para mim. Sentávamos juntos em um lugar perto daqui e, quando fiquei um pouco mais velho, saíamos para jantar. De qualquer forma, ele nunca falava do tempo em que foi pianista e, além do mais, minha cabeça estava em outro lugar naquela época. As noites de domingo estavam sempre reservadas à lição de casa de última hora, então vir aqui com ele significava que eu teria que ficar acordado até tarde fazendo algo que poderia ter terminado muito antes. Mas eu ficava feliz por estar com ele, mais do que gostava da música em si e, como você pode ver, continuo preso à rotina. Falei demais, não falei?

— Você toca? — perguntei, para que ele soubesse que a conversa não me incomodava.

— Na verdade, não. Segui a tradição da família. Meu avô era advogado, meu pai era advogado, eu virei advogado. Meu pai não queria ter sido, nem eu, mas... É a vida! — Ele deu um sorriso melancólico. Era a segunda vez que sorria e, então, dava de ombros. Era um sorriso largo, afetuoso e repentino, que pegava de surpresa, mas, dada a ironia que sublinhava seu *É a vida!*, havia pouca alegria nele. — E qual instrumento *você* toca? — perguntou ele, virando-se para mim de repente.

Eu não queria que nossa conversa terminasse e fiquei surpreso ao perceber que ele também não.

— Piano — respondi.

— Vocação ou distração?

— Vocação. Espero.

Ele pareceu pensar por um instante.

— Não desista, meu jovem, não desista.

Ao dizer isso, pousou um braço sábio, gentil e paternalista em meus ombros. Não sei por quê, mas toquei a mão repousada em mim. Aconteceu tão naturalmente que olhei para ele e ambos sorrimos, o que permitiu que a tal mão, que, muito provavelmente, teria sido retirada, ficasse ali por mais um instante. Ele se virou, mas então olhou para mim mais uma vez e veio essa vontade súbita de me lançar contra ele e colocar meus braços em sua cintura por baixo do paletó. Ele deve ter

sentido algo parecido porque, no silêncio constrangedor que surgiu logo após sua última frase, ele me analisou, e eu retribuí, totalmente destemido, até que, de repente, percebi que talvez eu tivesse interpretado mal todos os sinais e comecei a querer desviar o olhar. Gostei de ver que seu olhar continuava em mim, fazendo com que eu me sentisse belo e desejável, um olhar gentil, de carícia, algo que eu queria manter e do qual não queria fugir a não ser para me enterrar em seu peito. Gostei da promessa da gentileza e sinceridade em seu olhar.

Mas então, para oferecer uma justificativa apressada para nossos sorrisos, ele disse:

— Você vem pela música e eu venho pelo meu pai. Ele morreu há quase trinta anos, mas nada mudou por aqui. — Ele riu. — A mesma sidra, os mesmos aromas, as mesmas velhas freiras, as mesmas noites sufocantes de novembro. Você gosta deste mês?

— Às vezes, mas nem sempre.

— Eu também. Não gosto nem de igreja, embora eu goste de vir aqui em noites como esta... e, bem, *me voici*, aqui estou eu.

Senti que ele estava ficando sem ter o que dizer e que se esforçava para manter a conversa fluindo. Silêncio. Mais uma vez, o sorriso caloroso e atraente, uma mistura de sabedoria, ironia e só uma pitada de tristeza para me lembrar de que nada era em vão nesse homem gentil e, possivelmente, infeliz.

Quando vimos os membros do quarteto se arrastando de volta aos assentos para executar Beethoven, ele perguntou onde eu estava sentado. Não entendi o motivo do questionamento, mas apontei para a ponta de um dos últimos bancos, onde tinha deixado a mochila e a jaqueta.

— Escolha inteligente. — Ele entendeu por quê. — Mas não saia de fininho — acrescentou.

Achei que ele estivesse me pedindo para dar mais uma chance ao quarteto antes de optar por uma saída apressada, mas eu já tinha mudado de ideia depois do Haydn e não tinha intenção de ir embora antes do fim. Para esclarecer as coisas, perguntei sem rodeios:

— Quer que eu espere por você? — A entonação da minha voz talvez tenha saído totalmente errada. Parecia que eu estava perguntando a uma pessoa mais velha se ela precisava de alguém para segurar a porta

enquanto ela se enrolava com o andador. Então repeti: — Vou esperar lá fora.

Ele não disse nada; apenas assentiu. Não foi um gesto afirmativo, de quem quer dizer sim; foi um aceno pensativo, distraído e melancólico de alguém que costuma escolher não acreditar em uma só palavra do que ouve.

— Sim, por que não? Espere por mim — disse ele finalmente. — Me chamo Michel. — Eu disse o meu nome. E apertamos as mãos.

Eu tinha certeza de que ele ia sair no fim do primeiro movimento, mas meia hora depois, exatamente como tínhamos prometido, nos encontramos na escadaria da igreja. Tive a sensação de que ele tinha esquecido do nosso encontro. Ele estava conversando com um casal, e os três pareciam prestes a sair para algum lugar. Assim que me viu, no entanto, ele se virou e terminou apressadamente a conversa, cumprimentando os dois em despedida. Pedi desculpas por não me apresentar. Eu estava ocupado colocando o cachecol em volta do pescoço, meu jeito de evitar o pedido de desculpas. Percebi que eu tentava parecer surpreso por ele ter esperado ou por ter lembrado que prometemos nos encontrar. Ou será que fizera essa sugestão apenas para se despedir mais uma vez antes que cada um seguisse seu caminho?

Em vez disso, ele sugeriu que fôssemos comer alguma coisa rápida em um bistrô do outro lado da ponte. Eu disse que trancara minha bicicleta dobrável ali perto, e perguntei se ele importava se eu a destrancasse e a empurrasse? De maneira alguma. Era por volta das dez de uma noite de domingo e as ruas estavam quase desertas.

— E você é meu convidado — acrescentou, para me assegurar de que não era preciso me preocupar com dinheiro. Aceitei. A caminhada foi prazerosa, especialmente, porque tinha chovido durante o concerto e os paralelepípedos brilhavam sob a luz dos postes.

— Parece uma foto de Brassai — disse.

— Parece mesmo, não é? — acrescentou ele. — E o que você faz além de tocar piano?

Percebi que ele tinha o costume de começar algumas frases com *e*, talvez para suavizar uma transição brusca, ou até inexistente, entre assuntos não relacionados, principalmente, ao abordar tópicos um pouco mais profundos, mais pessoais. Eu disse a ele que dava aulas no

conservatório. Se eu gostava de dar aulas? Muito. Então eu disse que uma vez por semana também tocava de graça, só por diversão, em um piano bar de um hotel de luxo. Ele não perguntou o nome do local. *Cheio de dedos*, pensei, ou apenas seu jeito de mostrar que não era do tipo que provoca, ou que se importa.

Quando chegamos à ponte, vimos dois artistas brasileiros, um homem e uma mulher, cantando para um grupo grande reunido à sua volta. A voz do homem era aguda, a da mulher, rouca. Cantavam lindamente juntos. Parei de empurrar a bicicleta e fiquei ali um instante, segurando o guidão com uma das mãos apenas. Ele ficou ali também, segurando a outra ponta como se estivesse me ajudando a manter a bicicleta estável. Percebi que estava levemente constrangido. Quando os jovens cantores terminaram, todo mundo na ponte aplaudiu e gritou vivas, e os dois se lançaram em mais um dueto. Eu queria ouvir ao menos um pedaço e não me mexi; assim que recomeçaram, no entanto, decidimos nos afastar e, ao chegar à margem oposta, ouvimos a multidão aplaudir outra vez ao final da segunda canção. Ele viu que eu me virei e se virou também. O cantor deixou o violão de lado e a cantora passeava pela multidão carregando um chapéu. Eu conhecia aquela canção? Ele perguntou. Sim, eu disse. E ele?

— Talvez, acho que sim.

Mas percebi que, exatamente do mesmo modo com que parecia deslocado ouvindo música brasileira tocada em uma ponte, imagine só, ele não fazia ideia de qual música era aquela.

— É sobre um homem que volta do trabalho e pede à amada que se vista e saia para dançar com ele. Há uma explosão tão grande de alegria na rua que acaba contagiando a cidade inteira.

— Bela canção — disse. Eu queria que ele se sentisse mais à vontade, então apertei seu ombro por dois segundos.

Quando entramos no bistrô, contudo, ele já estava completamente confortável. O lugar era mesmo pequeno, como ele avisara, mas também parecia bastante exclusivo. Eu devia ter imaginado. O casaco *forestière* azul marinho, o lenço grande de estampa leve e os sapatos Corthay eram sinais claros. Comer alguma coisa rápida virou um jantar de menu completo. Ele pediu um *single malt*, Caol Ila era seu favorito, disse. Perguntou se eu queria um. Respondi que sim, mas não fazia a

menor ideia do que queria dizer *single malt*. Deu para ver que ele percebeu, talvez já tivesse passado por isso muitas vezes. Eu gostei do jeito dele, mas, ao mesmo tempo, fazia com que eu me sentisse inquieto. Ele explicou o cardápio.

— Eles não servem muitas carnes. Mas a adega é boa, e gosto de como preparam os vegetais. O peixe também é muito bom. — Ele fechou o cardápio assim que o abriu. — Sempre peço a mesma coisa, então nem me dou o trabalho de olhar.

Esperou que eu escolhesse, mas não consegui decidir. Acabei por fazer algo completamente impulsivo.

— Escolhe por mim — pedi. Amei a ideia, e ele pareceu amar também.

— Fácil. Vou escolher o meu de sempre para você também.

Ele chamou o garçom e fez o pedido. Então, depois de beber um gole do uísque, disse que seu pai, quem o apresentara ao restaurante, também tinha o hábito de pedir a mesma coisa.

— Ele era diabético — explicou —, então aprendi a evitar os mesmos alimentos. Nada de açúcar, arroz, macarrão e pão, e manteiga só raramente — explicou, enquanto passava manteiga e jogava uma pitada de sal no pequeno *pain Poilâne*, rindo ao levá-lo à boca. — Nem sempre sigo os passos dele, mas sua sombra é difícil de evitar. Eu sou cheio de contradições.

Houve uma pausa. Ele continuou falando dos hábitos alimentares do pai, mas eu estava mais interessado em ouvir sobre as contradições, já que talvez me dissessem mais sobre quem era aquele homem e como se via. Ele mesmo parecia hesitar entre se abrir ou seguir falando sobre comida e dieta. Houve um momento de leve tensão, como se ambos tivéssemos percebido que estávamos só jogando conversa fora e que poderíamos facilmente ficar presos em um papo furado. Para vencer o constrangimento, contei a ele sobre meus dois tios-avôs, que nunca conheci, mas que tinham fama de serem padeiros muito habilidosos e abriram três padarias em Milão. Acabaram sendo presos como socialistas durante a guerra.

— Foram parar em Birkenau. Minha mãe sempre falava deles quando eu era criança. Assim como o seu pai, esses tios lançam sombras pesadas sobre a família da minha mãe.

— Que tipo de sombra? — perguntou ele, sem entender o que eu quis dizer.

— Ela faz bolos maravilhosos.

Ele deu uma risada sincera. Fiquei feliz por ele ter entendido a piada.

— Mas eu entendo. Algumas sombras nunca vão embora — acrescentei.

— Exato. A do meu pai nunca me deixou. Ele morreu dois anos depois que eu herdei o escritório. Eu tinha a sua idade na época.

Mas então ele se interrompeu mais uma vez, e pensou por um tempo, como se tivesse percebido uma conexão inesperada entre o que tinha acabado de dizer e o que, sem que eu soubesse, devia estar pesando em sua cabeça.

— E você sabe que provavelmente tenho o dobro da sua idade.

Foi nesse momento que fiquei vermelho. Criou-se um instante de tensão e constrangimento, em parte, porque ele estava abordando um assunto que parecia completamente prematuro e muito próximo daquilo que tivemos o cuidado de evitar até então, colocando pingos nos Is que sequer tinham sido escritos ainda e que deveriam permanecer invisíveis, ao menos, por mais um tempo. Aquilo me deixou sem saber o que dizer e, enquanto buscava as palavras certas, o rubor deve ter revelado meu desconforto. Talvez fosse o jeito com que ele trouxe o assunto à tona, um modo de me fazer dizer algo que aliviasse a ansiedade dele. Eu lutava em vão na tentativa de interromper o silêncio. Até que finalmente:

— Você não aparenta a idade que tem — falei, tentando dar uma resposta evasiva.

— Não foi o que eu quis dizer. — Veio a réplica rápida.

— Eu sei o que você quis dizer. — E, para mostrar que não havia mal-entendidos entre nós: — Eu não estaria sentado aqui com você, não é?

Eu estava ficando vermelho de novo? Eu esperava que não. O silêncio que, de repente, pairou sobre nós não o desagradou, e ele assentiu mais uma vez, o mesmo aceno melancólico e pensativo, seguido de um balanço de cabeça muito sutil, nunca indicando negação, mas algo que beirava a incredulidade e um espanto sem palavras em relação ao modo como a vida simplesmente se desenrola às vezes.

— Não era minha intenção deixá-lo constrangido.

Ele estava se desculpando.

Ou talvez não.

Foi minha vez de balançar a cabeça.

— Nenhum constrangimento. — Então, depois de uma pausa breve:

— Você é que está ficando vermelho agora — disse.

Ele contraiu os lábios. Segurei sua mão do outro lado da mesa por um instante em um gesto amigável, esperando que ele não se sentisse mal com minha atitude. Ele não se moveu.

— Você não acredita em destino, acredita?

— Não sei — respondeu. — Nunca parei para pensar nisso.

Era o tipo de conversa que não era tão oblíqua quanto eu gostaria. Era possível ver para onde estava indo, e a sinceridade não me incomodava; mas eu também não precisava que a questão fosse discutida tão abertamente. Talvez ele fosse de uma geração que busca tópicos difíceis de discutir, enquanto eu, de uma que nem pronuncia o que é minimamente óbvio. Eu estava acostumado ao tipo de abordagem direta que exige zero palavras, ou só um olhar ou uma mensagem apressada. Por outro lado, o discurso velado me deixava à deriva.

— Então, se não foi o destino, o que levou você ao concerto esta noite?

Ele refletiu um pouco a respeito da pergunta e, então, desviando o olhar para baixo, e com o garfo ainda não usado na mão, começou a desenhar na toalha de mesa. Criava leves sulcos com curvas repentinas e irregulares ao redor do prato de pão. Pareceu tão impressionado com o pensamento que tive certeza de que não estava mais pensando na minha pergunta, o que era bem-vindo, uma vez que eu esperava que ele desistisse da nossa troca cautelosa. De repente, ele levantou o olhar e afirmou que a resposta para minha pergunta não poderia ser mais simples.

— Qual é? — perguntei, certo de que ele diria algo sobre o pai.

Em vez disso:

— Você.

— Eu?

Ele assentiu.

— Sim, você.

— Mas você não sabia que ia me encontrar.

— Um detalhe insignificante. O destino funciona para a frente e para trás, e cruza de um lado para o outro sem dar a menor importância para o modo com que avaliamos seus propósitos com nossos antes e depois.

Tentei absorver.

— Profundo demais para mim.

Houve outro instante de silêncio entre nós.

— Meu pai acreditava no destino, sabe? — continuou ele.

Que alma generosa, pensei. Ele percebeu que eu queria contornar o assunto e reverteu a conversa de volta ao pai com habilidade. Só que eu não estava ouvindo... e isso ele também percebeu. Parou de falar. Provavelmente, ainda considerava como abordar o que havia de tácito entre nós, o que explicava o modo com que me observou fixamente, e então desviou o olhar. O que me pegou de surpresa, no entanto, foi o que ele disse depois, quando levantamos e estávamos prestes a ir embora.

— Vou ver você de novo? Eu gostaria.

Sua pergunta me pegou de surpresa. Sussurrei a resposta, apressado.

— Sim, claro. — Deve ter soado totalmente falso. Eu esperava dele algo muito mais ousado do que uma despedida.

— Mas só se você quiser — acrescentou.

Olhei para ele.

— Você sabe que sim. — E não era o uísque ou o vinho falando.

Ele assentiu, sua marca registrada. Não estava convencido, mas também, não estava descontente.

— Mesma igreja, mesmo horário domingo que vem.

Não me arrisquei a falar mais nada. *Então a noite de hoje não está nos planos*, pensei.

Fomos os últimos a sair do restaurante. Ficou claro pelo modo como perambulavam ao nosso redor que os garçons não viam a hora de fechar.

Na calçada, nos abraçamos como por instinto. Mas foi um gesto improvisado e desajeitado, mais para uma contingência do que para o aconchego prolongado que eu esperava encontrar em seus braços mais cedo, quando nos conhecemos durante o intervalo do concerto. Ele já

estava me soltando. Mais uma vez senti o impulso de me jogar contra ele e envolver seu corpo com os braços, e, embora eu tenha me contido em relação a isso, na afobação do momento, sem querer acabei dando um beijinho abaixo de cada orelha dele, em vez de nas bochechas. Definitivamente, o uísque e o vinho. Tenho certeza de que ele deve ter percebido. Mas gostei de ter feito o que fiz. Então pensei melhor. *Isso foi estranho*. Mais estranho ainda quando vi os três garçons olhando pela janela por trás das cortinas abertas de musselina. Eles o conheciam bem e devem ter testemunhado cenas parecidas muitas vezes.

Ele me acompanhou até onde eu deixara a bicicleta presa e ficou assistindo enquanto eu abria a tranca, o tempo todo tagarelando sobre o tamanho diminuto do meu veículo, dizendo que estava pensando em comprar uma igualzinha. Mas então, antes de se retirar, ele deixou a mão por um longo momento em meu rosto — o que me deixou completamente atônito, abalado e tomado pela emoção. O gesto me pegou de surpresa. Eu queria que nos beijássemos. *Apenas me beije, vamos, pelo menos para me ajudar a superar a sensação de estar tão visivelmente aflito*.

Observei ele dar meia-volta e ir embora.

Não se faz uma coisa dessas e vai embora, pensei, *ainda mais com tanta firmeza*. Eu queria que ele colocasse a outra mão em meu rosto e o segurasse, que me deixasse ser o mais jovem de nós dois, e então me beijasse calorosamente na boca. A sensação era como se tivéssemos acabado de passar a noite juntos e ele, de repente, tivesse parado de falar comigo e desaparecido.

O impacto ficou comigo a noite toda, e eu despertava aos solavancos. A noite era uma criança, podíamos ter ido a outro lugar beber mais. Eu poderia ter corrido atrás dele e me oferecido para pagar alguma coisa em um café ali perto — só para ficarmos mais tempo juntos, sem precisar nos despedir tão cedo. Mas algo me impediu e, no fim, outra voz em minha cabeça me lembrou que eu não estava exatamente descontente com o desfecho de uma noite de domingo que do contrário teria sido maçante e, para a qual, não havia sido planejado nada minimamente parecido com isso. Talvez ele tenha percebido que, às vezes, é melhor interromper as coisas quando estão perfeitas em vez de seguir em frente e vê-las azedar.

Conduzi minha bicicleta naquela noite adorável de novembro: as ruas de paralelepípedo desertas e reluzentes, o efeito Brassai que tínhamos comentado, o beijo desajeitado sob suas orelhas e o fato de ter metade da idade dele, tudo isso fazia meu espírito flutuar e me deixava bem feliz. Talvez ele entendesse as coisas melhor do que eu jamais seria capaz; e, se assim fosse, ele então sabia de algo que eu mal estava começando a perceber. Talvez eu não estivesse pronto, não mais do que ele estava, não nesta noite, nem na seguinte, nem mesmo na outra semana; e foi quando me dei conta de que talvez ele não fosse ao concerto no domingo seguinte, não porque não quisesse, mas por já ter percebido que, na próxima vez, eu é que encontraria um motivo de última hora para não aparecer.

* * *

Duas noites depois, eu terminava uma *master class* dedicada ao último movimento da Sonata em Ré Menor de Beethoven, quando, de repente, à porta, lá estava ele, parado com as mãos não nos bolsos da calça, mas do blazer azul, parecendo um pouco desajeitado para um homem tão elegante, e, no entanto, nem um pouco desconfortável. Ele manteve a porta aberta para o grupo de seis ou sete pessoas que saíam da sala e, ao ver que elas saíam sem fazer menção a segurar a porta ou agradecer, deu um sorriso largo e agradeceu pela gorjeta. Eu devia estar radiante. Que jeito adorável de surpreender alguém.

— Então você não está chateado?

Fiz que não com a cabeça, *Como se você precisasse perguntar.*

— O que estava planejando fazer depois da aula?

— Eu geralmente tomo um café ou um suco em algum lugar.

— Se importa se eu for junto?

— *Se importa se eu for junto?* — imitei.

Levei-o ao meu café favorito, onde costumo ir depois de dar aula, às vezes na companhia de algum um colega ou aluno, para assistir às pessoas andando apressadas pelas calçadas ao final do dia — gente cumprindo tarefas de última hora, algumas procurando um jeito de evitar ir para casa e se fechar para o mundo, outras simplesmente correndo de uma esquina à outra de suas vidas. As mesas à nossa volta

estavam cheias. Por algum motivo que nunca consegui definir, gosto quanto as pessoas ficam meio amontoadas, quase ombro a ombro com estranhos.

— Você realmente não se incomodou por eu ter vindo? — perguntou ele, mais uma vez.

Sorri e fiz que não com a cabeça. Disse a ele que ainda não tinha me recuperado da surpresa.

— Surpresa boa, então?

— Muito boa.

— Se não encontrasse você no conservatório — disse ele —, eu ia procurar em todos os hotéis de luxo com um piano bar. Muito simples.

— Levaria um bom tempo.

— Dei a mim mesmo quarenta dias e quarenta noites, então tentaria o conservatório. Mas decidi vir aqui primeiro.

— Mas não combinamos de nos encontrar no próximo domingo?

— Eu não tinha certeza.

O fato de eu não contestar ou dizer alguma coisa para negar sua suposição deve ter confirmado a suspeita. O silêncio quanto ao concerto do domingo seguinte nos fez rir sem jeito.

— Tenho ótimas lembranças do domingo passado — assumi por fim.

— Eu também — disse ele, e acrescentou: — Quem era a pianista adorável com quem você estava tocando?

— É uma aluna do terceiro ano, da Tailândia. Muito, muito talentosa.

— O jeito como vocês se olhavam durante a execução claramente sugeria que existe algo mais do que afinidade entre professor e aluna.

— Sim, ela veio até aqui só para estudar comigo. — Eu percebi aonde ele estava querendo chegar e balancei a cabeça zombando da insinuação.

— E posso perguntar o que você vai fazer mais tarde?

Direto ao ponto, pensei.

— Hoje à noite, você diz? Nada.

— Alguém como você não tem um amigo, um parceiro, alguém especial?

— Alguém como eu? — Íamos mesmo repetir a conversa de domingo?

— Quis dizer jovem, brilhante, claramente fascinante, para não dizer muito atraente.

— Não tenho ninguém — falei, e desviei o olhar.

Eu estava mesmo tentando ignorá-lo? Ou só não queria demonstrar que estava gostando disso?

— Você não sabe receber elogios muito bem, não é?

Olhei para ele e balancei a cabeça mais uma vez, mas sem humor desta vez.

— Então, ninguém, ninguém?

— Ninguém — confirmei.

— Nem algo casual...?

— Eu não faço nada casual.

— Nunca? — Ele pareceu quase perplexo.

— Nunca.

Então percebi que meu tom havia endurecido. Ele estava tentando falar de forma divertida, me cutucar, quase me provocar, e eu estava saindo como mal-humorado, sisudo e, pior de tudo, hipócrita.

— Mas já deve ter havido alguém especial.

— Houve.

— Por que acabou?

— Éramos amigos, passamos a amantes, então ela me deixou. Mas continuamos amigos.

— Já teve um ele?

— Sim.

— E como acabou?

— Ele casou.

— Ah, o casamento de fachada!

— Na época eu achei que fosse, mas eles estão juntos há anos. Estavam juntos antes de ele se envolver comigo.

De início, ele não disse nada, mas pareceu questionar a coisa toda.

— E vocês continuaram amigos?

Eu não tinha certeza se queria que ele perguntasse, mas amava ser cutucado.

— Não nos falamos há muito tempo, e não sei se somos amigos, mas, ao mesmo tempo, tenho certeza de que sempre seremos. Ele me entendia perfeitamente, e tenho a sensação de que ele sabe que não é

por indiferença que deixo de escrever. Acho que ele sabe que parte de mim ainda se importa e sempre vai se importar. E eu sei que o mesmo vale para ele e que é por isso que ele também nunca escreve. Saber isso é o suficiente para mim.

— Mesmo que ele tenha se casado?

— Mesmo que ele tenha se casado — repeti. — Além do mais — acrescentei, como se isso dissipasse qualquer ambiguidade —, ele é professor nos Estados Unidos, e eu estou em Paris... está meio que resolvido, não? Não nos vemos, mas ele está sempre lá.

— Não me parece nada resolvido, se quer mesmo saber. Por que você não foi atrás dele, mesmo que esteja comprometido? Por que desistiu tão fácil?

O tom quase crítico em sua voz não passou despercebido. Por que ele estava me censurando? Não estava interessado, era isso?

— Além do mais, quanto tempo faz? — perguntou ele.

Eu sabia que minha resposta iria deixá-lo completamente perplexo.

— Quinze anos.

De repente, ele parou de falar e ficou em silêncio. Como eu esperava, ele não havia imaginado que tantos anos poderiam ter passado e eu ainda estivesse preso a alguém que se tornara uma presença invisível.

— Está no passado — menti, tentando consertar.

— Nada que está no coração pode estar no passado. — Mas então ele perguntou de imediato: — Você ainda pensa nele, não pensa?

Assenti em silêncio porque não queria dizer que sim.

— Sente falta dele?

— Quando estou sozinho... às vezes, sim. Mas não é uma intromissão, não me deixa triste. Passo semanas sem pensar nele. Em certos momentos, eu tenho vontade de contar as coisas para ele, mas sempre acabo adiando, sensação que já me dá algum prazer, embora a gente nunca chegue a se falar de fato. Eu aprendi tudo com ele. Meu pai sempre me disse que não deve haver tabus na cama; ele me ajudou a abandonar esses tabus. Foi meu primeiro.

Michel balançou a cabeça e seu sorriso franco me tranquilizou.

— Quantos depois dele?

— Não muitos. Todos de curta duração. Homens e mulheres.

— Por quê?

— Talvez porque eu nunca relaxe ou me deixe levar. Depois do instante de paixão, sempre volto ao meu eu autônomo.

Ele bebeu um gole do café.

— Em algum momento você vai precisar ligar para ele. O momento vai aparecer. Sempre aparece. Mas talvez eu não devesse estar falando isso.

— Por que não?

— Ah, você sabe.

Gostei do que ele havia dito, mas isso nos deixou mudos.

— O eu autônomo, então... — falou finalmente, encenando o que acabara de se passar entre nós.

— Meu pai também dizia isso, porque eu nunca conseguia decidir nada, o que fazer da vida, onde morar, onde estudar, quem amar. Então ele disse “fique com a música. Mais cedo ou mais tarde, o restante virá”. Meu pai começou a carreira aos 32 anos... então ainda tenho algum tempo, se estivermos medindo pelo relógio dele. Somos muito próximos, desde que eu era bebê. Minha mãe era terapeuta em um hospital e meu pai filólogo. Como ele escrevia a tese em casa, ficava responsável pelas fraldas e todo o resto. Tínhamos empregados, mas eu estava sempre com meu pai. Foi ele quem me ensinou a amar música... ironicamente, a mesma peça que eu estava ensinando quando você chegou esta tarde. Ainda ouço a voz dele quando ensino essa.

— Meu pai também decifrou a música para mim. Mas eu não era bom aluno.

Gostei dessa convergência repentina de coincidências, embora também estivesse relutante em levá-las muito a sério. Ele me admirou sem dizer nada. Mas então disse algo que me pegou de surpresa mais uma vez:

— Você é tão bonito.

Foi completamente espontâneo, de modo que, em vez de reagir, eu me vi tentando mudar de assunto. Contudo, ao fazer isso me ouvi resmungar algo ainda mais espontâneo.

— Você me deixa nervoso.

— Por que você diz isso?

— Não sei. Talvez porque eu não sei o que você quer de verdade, ou se quer que eu pare e não faça mais nada.

— Deveria estar muito claro a essa altura. Nesse caso, eu é que deveria estar nervoso.

— Por quê?

— Porque provavelmente sou só uma fantasia para você, ou talvez apenas alguns degraus a mais de algo casual.

Eu ri da ideia.

— A propósito — hesitei antes de dizer, mas foi mais forte do que eu —, não sou muito bom com começos.

Ele riu.

— Está dizendo isso para o meu próprio bem?

— Talvez.

— Bem, mas voltando ao que eu estava dizendo: você é incrivelmente bonito. E o problema é que ou você sabe disso e sabe do poder que tem sobre os outros ou precisa fingir não saber... o que faz de você não só difícil de decifrar, mas, para alguém como eu, perigoso.

Tudo que fiz foi assentir, apático. Eu não queria que ele sentisse que o que tinha acabado de dizer era inapropriado. Então fiquei olhando para ele, sorri e, em outra ocasião, teria até tocado suas pálpebras antes de beijá-las.

Quando escureceu, as luzes do nosso café e do que ficava ao lado foram acesas. A claridade lançava um brilho luminoso e irregular sobre suas feições e, pela primeira vez, percebi seus lábios, sua testa e seus olhos. *Ele* é que é bonito, pensei. Eu devia ter dito isso, e era o momento certo. Mas fiquei calado. Não queria repetir o que ele tinha acabado de dizer porque teria soado como uma tentativa forçada, calculada, de estabelecer um equilíbrio entre nós. Mas eu amava seus olhos. E eles ainda estavam em mim.

— Você lembra meu filho — disse ele, finalmente.

— Somos parecidos?

— Não, mas têm a mesma idade. Ele também amava música clássica. Eu o levava aos concertos de domingo, como meu pai fez tantas vezes comigo.

— E não leva mais?

— Não. Ele mora na Suécia a maior parte do tempo.

— Mas vocês são próximos?

— Eu gostaria que fôssemos. Meu divórcio estragou as coisas entre

nós, embora eu tenha certeza de que ela não fez nada para prejudicar nosso relacionamento. Ele sabia a meu respeito, é claro, e acho que nunca me perdoou. Ou usou isso como desculpa para se virar contra mim, algo que ele esperava fazer desde os 20 anos, sabe Deus por quê.

— Como eles descobriram?

— Ela descobriu primeiro. Um fim de tarde ela chegou em casa e me encontrou ouvindo *jazz* e bebericando uma dose. Eu estava sozinho e só de olhar para mim e para a minha expressão ela soube que eu estava apaixonado. Intuição feminina clássica! Ela colocou a bolsa sobre a mesinha, sentou-se ao meu lado no sofá e até estendeu uma das mãos e deu um gole na minha bebida. “Eu conheço ela?”, perguntou, depois de um silêncio bem, bem longo. Eu sabia exatamente o que ela queria dizer e não havia por que negar. “Não é ela”, respondi. “Ah”, foi o que ela retrucou. Ainda me lembro dos últimos resquícios de sol no carpete e nos móveis, do cheiro amadeirado do uísque e do gato deitado ao meu lado. Até hoje a luz do sol na sala de casa me faz lembrar daquela conversa. “Então é pior do que eu pensava”, disse ela. “Por quê?”, perguntei. “Porque contra uma mulher eu ainda tinha chance, mas contra quem você é eu não posso fazer nada. Não posso mudar você.” E assim terminaram quase vinte anos de casamento. Meu filho ia descobrir logo, e não deu outra.

— Como?

— *Eu* contei. Achei que ele entenderia. Mas não.

— Sinto muito — foi tudo o que consegui dizer.

Ele deu de ombros.

— Não me arrependo dessa reviravolta em minha vida, mas me arrependo de perdê-lo. Ele nunca me liga quando está em Paris, quase nunca escreve e não atende quando eu ligo. Minha esposa é mais minha amiga agora do que quando éramos casados. É a vida, não é?

Ele olhou para o relógio. Já era hora de ir?

— Então não foi um erro eu ter procurado você? — perguntou ele pela terceira vez, talvez porque amasse me ouvir dizer que, com certeza, não tinha sido. E eu gostava de dizer isso a ele.

— Não foi um erro.

— E você não ficou chateado comigo na noite passada? — perguntou ele.

Eu sabia exatamente a que ele se referia.

— Talvez sim... um pouco.

Ele sorriu. Percebi que ele estava ansioso para sair do café, então me aproximei, meu ombro tocando o seu. Foi quando ele me abraçou e me puxou mais para perto, quase pedindo para que eu descansasse a cabeça em seu ombro. Eu não sabia se a intenção era me tranquilizar ou simplesmente animar um jovem que se abriu e falou algumas palavras comoventes para um homem mais velho. Talvez fosse o prelúdio de um abraço de despedida. Então, temendo a inevitável separação, deixei escapar:

— Não vou fazer nada hoje à noite.

— Eu sei. Você disse.

Ele deve ter percebido que eu estava nervoso ou que seu tom não tinha sido o esperado.

— Você é incrível e... — Ele não terminou a frase.

Quando estava prestes a pagar a conta, segurei sua mão. Então, sem soltá-la, fiquei olhando para ela.

— O que você está fazendo? — perguntou, quase em tom de reprovação.

— Pagando.

— Não, você estava olhando para a minha mão.

— Não estava — protestei. Mas eu estava.

— Isso se chama idade — disse ele. Então, um instante depois. — Você não mudou de ideia, mudou? — Ele mordeu o lábio superior, mas soltou em seguida. Estava esperando pela minha resposta.

Não consegui pensar em nada, mas sentindo que ainda era necessário dizer alguma coisa, qualquer coisa:

— Não vamos nos despedir ainda. — Percebi que isso poderia ser entendido como um pedido para estender aquele momento no café, optei então por algo mais ousado. — Não me deixe ir para casa esta noite, Michel. — Sei que fiquei vermelho, e já estava procurando um jeito de pedir desculpas e retirar o que havia dito quando ele veio ao meu resgate.

— Eu estava aqui me esforçando para conseguir pedir a mesma coisa, mas, mais uma vez, você foi mais rápido do que eu. A verdade é que — prosseguiu — não faço isso com frequência. Na verdade, não faço isso

há muito, muito tempo.

— Isso? — perguntei, com um leve tom de gracejo na voz.

— Isso.

Saímos logo depois. Acho que caminhamos com minha bicicleta por uns bons vinte ou trinta minutos até a casa dele. Ele se ofereceu para pagar um táxi, eu disse que não, que preferia caminhar; além do mais, a bicicleta não era tão fácil assim de dobrar e motoristas de táxi sempre reclamavam.

— Eu gosto da sua bicicleta. Amo o fato de você ter um modelo desse. — Então, interrompendo a si mesmo: — Estou falando besteira, não estou?

Caminhávamos lado a lado a menos de meio metro de distância e nossas mãos roçando uma na outra. Então estendi a minha e segurei a dele por um instante. Isso quebraria o gelo, pensei. Mas ele continuou em silêncio. Mais alguns passos na rua de paralelepípedo e larguei sua mão.

— Eu amo isso — confessei.

— Isso? — provocou ele. — Está falando do efeito Brassai?

— Não, você e eu. É o que devíamos ter feito duas noites atrás.

Ele olhou para a calçada, sorrindo. Será que eu estava apressando as coisas? Eu gostava do fato de que aquela caminhada era uma repetição da noite anterior. A multidão e a cantoria na ponte, as ardósias reluzentes, a bicicleta com a mochila amarrada que eu logo trancaria em um poste e seu comentário sobre querer comprar uma igual.

Como um halo que se lançava sobre a nossa noite, eu ainda me surpreendia ao perceber que, desde o momento em que nos conhecemos, estávamos pensando a mesma coisa e que temer que não estivéssemos, ou sentir que com isso constrangíamos o outro, simplesmente acontecia porque tínhamos aprendido que não podíamos confiar que alguém fosse capaz de pensar ou se comportar como nós. Foi por isso que hesitei tanto com ele e desconfiei de todos os meus instintos; e não poderia ter ficado mais feliz quando vi a facilidade com que tínhamos derrubado alguns de nossos biombos. Como foi maravilhoso dizer o que eu estava pensando desde o domingo anterior: *Não me deixe ir para casa esta noite*. Como foi maravilhoso ele ter percebido que fiquei vermelho domingo à noite e ter me feito querer

admitir que tinha ficado vermelho, para só então assumir que ele também tinha ficado da mesma forma. Será que duas pessoas que tinham passado menos de quatro horas juntas podiam guardar tão poucos segredos uma da outra? Perguntei a mim mesmo qual era o enigma que eu guardava em meu cofre de falsidades covardes.

— Eu menti quando disse que nunca faço nada casual — confessei.

— Eu imaginei — respondeu ele, quase desconsiderando o esforço por trás da minha confissão.

Quando finalmente entramos em um daqueles elevadores parisienses sem espaço nenhum entre nós, perguntei:

— Agora você vai me abraçar?

Ele fechou as portas estreitas do elevador e apertou o botão do seu andar. Ouvi o estalo alto do motor e a tensão quando o elevador começou a subir. De repente ele não só me abraçou, mas colocou as duas mãos em concha em meu rosto e me beijou profundamente na boca. Fechei os olhos e retribuí o beijo. Estava esperando por isso havia muito tempo. Tudo o que me lembro de ouvir foi o barulho do elevador muito antigo rangendo e cambaleando até o andar dele enquanto eu desejava que aquele ruído nunca acabasse e o destino nunca chegasse.

Então, quando ele fechou a porta do apartamento, foi minha vez de beijá-lo, exatamente como ele tinha feito. Eu sabia que ele era mais alto, e sentia que era mais forte. Só queria que ele soubesse que eu não estava me segurando e que nem ia me segurar.

— Acho que precisamos é de uma boa bebida. Eu tenho uns *single malt* maravilhosos. Você gosta de *single malt*, não gosta?

A pergunta sobre o uísque me pegou de surpresa, principalmente porque eu estava prestes a largar a mochila e tirar o casaco e a blusa, e pedir a ele que me abraçasse mais uma vez. Meu coração estava acelerado, mas, de repente, me senti constrangido, ainda que nada daquilo fosse estranho para mim. Eu queria que ele parasse de ficar para lá e para cá. Mas não disse nada e tirei lentamente a mochila das costas, colocando-a em cima de uma poltrona.

— Quer tirar o casaco? — perguntou ele.

— Daqui a pouco.

— Gosto da sua mochila — disse ele, virando-se para o outro lado.

— Foi presente. De um amigo — e porque vi hesitação em seu rosto

—, só amigo.

Ele apontou para o sofá para que eu me sentasse e disse que já voltava com os copos. Obedeci. Não sei por que senti frio, então voltei a ficar de pé enquanto ele estava no vestíbulo e me encostei contra o aparelho de calefação. Sentindo que o calor era insuficiente, encostei os braços também.

— Você está bem?

— Sim, só com frio — disse. Eu quase não lhe contei que estava perto de congelar.

— Vou fechar a janela então. — E fechou.

Eu queria gelo no uísque?

Fiz que não com a cabeça.

Mas não me afastei de onde estava e continuei com as duas mãos e a frente do corpo coladas nele. Ele colocou os copos sobre a mesinha de centro, aproximou-se de mim por trás e começou a massagear meus ombros. Amei o modo como ele pressionou minha nuca e meus ombros.

— Melhor? — perguntou.

— Mais — respondi. E então, sem saber por quê: — Eu disse que fico nervoso.

— Por minha causa?

Dei de ombros, sabendo que ele entenderia isso como um *não sei, talvez não seja você, ou a noite, quem sabe, só não pare de fazer o que está fazendo*.

Ele tinha mãos fortes, e sabia — como eu queria que soubesse — que eu estava cedendo aos poucos, a cada vez que ele apertava a área no topo da minha nuca, lançando arrepios altamente estimulantes por toda a minha coluna. Quando terminou, ele me abraçou e pressionou o peito contra minhas costas, as duas mãos apertando minha barriga. Eu não me importaria se ele descesse as mãos, mas ele não fez isso, embora eu soubesse que a ideia tinha passado por sua cabeça, porque senti um milissegundo de hesitação. Com gentileza, ele me levou até o sofá.

Começou, então, o preparo do uísque, serviu um pouco em cada copo, mas, de repente, lembrou-se de algo e correu até a cozinha, voltando com duas tigelas, uma com castanhas e a outra com biscoitinhos salgados. Ele se sentou na outra extremidade do sofá, encostamos nossos copos, fizemos um brinde e veio o primeiro gole. Ele

queria saber o que eu achava. Eu não sabia o que eu achava. Então disse que ainda era novo no mundo dos *single malts*, mas que começara a gostar. Ele ofereceu a tigela de castanhas, observou enquanto eu pegava algumas e colocou-a de volta sobre a mesinha sem pegar nenhuma. Dei mais um gole e disse a ele que ainda estava com frio.

— Será que, em vez disso, posso tomar uma xícara de chá?

Que tipo de chá eu queria, ele tinha tantos, disse. Qualquer um, respondi, só quero algo quente. A caminho da cozinha, ele tocou meu rosto e a lateral do meu pescoço. O gesto me fez lembrar da minha mãe, de quando durante um mal-estar ela verificava se eu não estava com febre. Mas o dele não tinha sido um toque de febre, e eu sorri. Em minutos, imediatamente depois do apito do micro-ondas, ele estava de volta e eu segurava uma xícara quente com ambas as mãos.

— Bem melhor — falei, quase rindo de tão feliz que o chá me fez sentir.

Mais uma vez ele se levantou e colocou uma música.

Ouvi por um tempo.

— Brasileira?

— Exato. — Ele parecia muito satisfeito consigo mesmo. Tinha comprado o CD no dia anterior.

Pelo meu sorriso, ele soube que eu tinha deduzido o motivo da compra.

Eu entendia português? Ele perguntou.

Um pouco, e ele?

Nem uma palavra.

Isso nos fez rir. Estávamos os dois nervosos.

Conversamos principalmente sobre parceiros anteriores. O dele era chef de um restaurante três estrelas, que acabou se mudando para Montreal havia anos.

— O seu? — perguntou ele. — E não estou perguntando do Casamento de Fachada.

Então ele se lembrava do homem que foi embora e tirou minha vida do rumo. Eu disse a ele que meu relacionamento mais longo havia sido com um garoto que conheci na escola e que reencontrei quase quinze anos depois em um bar gay nos arredores de Roma. O que me surpreendeu foi ele ter confessado uma quedinha por mim quando

tínhamos 8 anos. Eu disse que era completamente fascinado por ele quando tinha 9. Por que ele não disse nada? Por que eu não disse nada? Por que nenhum de nós dois sabia? A gente só queria compensar o tempo perdido. Acho que não conseguíamos acreditar na sorte que tivemos ao nos reencontrar.

— Ficaram juntos por quanto tempo?

— Menos de dois anos.

— E por que se separaram?

— Eu achava que a boa e velha vida doméstica tinha matado o que tínhamos. Mas foi mais do que isso. Ele queria adotar um filho, queria até que eu fosse o pai. O que ele queria era uma família.

— E você não?

— Eu não sabia o que queria. Eu só tinha certeza que não estava pronto, porque na época estava me dedicando totalmente à música. Ainda estou. A verdade é que eu não via a hora de voltar a morar sozinho.

Ele me lançou um olhar interrogativo:

— Por acaso isso foi um aviso para mim? — perguntou.

— Não sei.

Sorri para encobrir a vergonha. A pergunta era totalmente prematura, mas, pensando bem, em seu lugar, eu teria perguntado a mesma coisa.

— Talvez eu não devesse ter perguntado. Mas estou olhando a coisa toda pelo outro lado. A idade. Tenho certeza de que passou pela sua cabeça mais de uma vez.

— A idade não é problema.

— Não?

— Eu te disse semana passada. Como esquecemos rápido...

— Eu realmente não me lembro.

— Você está perdendo a memória.

— Eu estava aflito.

— E eu não estava?

— Pensei em você desde que dissemos boa noite na frente do restaurante. Fui para a cama pensando em você naquela noite, acordei pensando em você e fiquei em transe o dia todo na segunda-feira, me culpando. Não estou conseguindo acreditar que você está debaixo do

meu teto.

Ele parou de falar, olhou para mim e disse:

— E quero beijar você.

Fiquei mais surpreso desta vez do que quando nos beijamos ao entrar no elevador. Fez com que eu me sentisse como se nunca tivéssemos nos beijado e que a sombra da inquietação de caminhar com ele sem poder segurar sua mão não tivesse se dissipado. Ele largou o copo, aproximou-se e beijou-me levemente nos lábios, quase com timidez, mais uma vez uma trilha sonora imposta, a cantora brasileira tocando ao fundo na sala, o ruído do elevador se movimentando para me lembrar que beijar ao som de um elevador velho subindo e descendo pelas escadarias era como beijar sob o barulho da chuva caindo em um telhado numa casa de campo, e que eu gostava disso e não queria que acabasse, porque me sentia aconchegado, protegido e seguro sob o seu encanto, porque, sem invadir nosso momento, ele dava voz ao mundo do lado de fora daquela sala e me lembrava de que aquilo tudo não estava acontecendo só na minha cabeça. O que ele estava pedindo era para que aproveitássemos o momento, sem pressa e, se necessário, que voltássemos alguns passos se as coisas acontecessem mais rápido do que gostaríamos. Isso eu nunca tinha feito antes. Então ele me beijou uma segunda vez, também com leveza.

— Está se sentindo melhor? — perguntou.

— Muito. Só me abrace mais uma vez, por favor.

Eu queria que ele me segurasse, queria envolvê-lo em meus braços. Eu gostava da textura do seu suéter em meu rosto, do cheiro da lã e, por baixo, nas axilas, do cheiro suave que só podia ser de seu corpo.

Então sussurrei as palavras da música em português:

De que serve ter o mapa se o fim está traçado

De que serve a terra à vista se o barco está parado

De que serve ter a chave se a porta está aberta

De que servem as palavras se a casa está deserta

— Traduza.

Obedeci.

Ele amou, pediu que eu repetisse as palavras, e eu repeti.

— Vamos deitar — disse ele. E me levou até o quarto. Eu estava

prestes a abrir a camisa, quando — Não. Eu abro. — Eu queria ficar nu diante dele, mas não sabia como dizer isso. Então deixei que ele abrisse minha camisa sem tocar no que ele vestia. Ele não pareceu se importar. — É que — hesitou — quero que seja muito especial.

Enfim deitamos, nos abraçamos, procuramos a boca um do outro. Mas senti que ainda estávamos hesitantes e fora de compasso. Algo estava ausente. Não era paixão que faltava; era convicção. Será que tínhamos, talvez, desacelerado as coisas até parar? Eu o decepcionara? Estaríamos mudando de ideia? Ele deve ter sentido também; são coisas que ninguém consegue esconder ou deixar de perceber. Ele olhou para mim e tudo o que disse foi:

— Me deixe fazer você feliz, por favor. Quero tanto.

— Faça o que quiser. Você já está me fazendo feliz.

Ao ouvir isso, ele não conseguiu esperar, beijou-me mais uma vez e terminou de abrir minha camisa.

— Se importa se eu tirar sua camisa? — *Que pergunta*, pensei enquanto assentia. Então, enquanto me ajudava: — Amo sua pele, amo seu peito, seus ombros, seu cheiro. Você ainda está com frio? — perguntou, enquanto acariciava meu peito suavemente.

— Não. Já passou.

Então, ele me surpreendeu mais uma vez:

— Adoraria se a gente tomasse um banho quente.

Devo ter olhado para ele totalmente perplexo.

— Por que não — disse. — Se você quiser.

Levantamos e entramos no banheiro. Era maior do que a sala da minha casa.

Eu não conseguia acreditar no número de frascos no chão do grande boxe de vidro.

— Duas para você, duas para mim — disse ele, pegando quatro toalhas azul-marinho dobradas.

Para quebrar um pouco a tensão enquanto tirávamos a roupa e já nos tocávamos, perguntei se eles serviam café da manhã aqui.

— E que café... Todos os hóspedes do hotel têm direito a um de cortesia.

Estávamos nus e duros quando nos beijamos mais uma vez.

— Feche os olhos e confie em mim — pediu ele. — Quero fazer você

feliz.

Eu não sabia o que ele tinha em mente, mas obedeci. Ouvi quando pegou uma esponja, e, imediatamente, reconheci o aroma do gel de banho, a camomila que evocava a casa dos meus pais e, apesar do tempo lá fora naquela noite, a lembrança me levou diretamente aos verões na Itália. Eu me senti em casa na casa que não era minha. Ele começou a esfregar meu corpo, e eu me entreguei à sensação.

— Não abra os olhos — alertou ele, enquanto passava sabonete em meu rosto com gentileza. Então perguntou se podia lavar meu cabelo, ao que respondi que sim. Com o xampu ainda em meu cabelo depois de ele tê-lo esfregado, ouvi enquanto ele se lavava, e só então voltei a sentir seus dedos esfregando e estimulando meu crânio sem parar. — Não trapaceie, hein? Não olhe. — Percebi pela voz que ele estava sorrindo, quase gargalhando do que nós estávamos fazendo no chuveiro.

Depois do banho, e com meus olhos ainda fechados, ele abriu a porta de vidro e me ajudou a sair devagar, insistiu em secar meu corpo, meu cabelo, minhas costas, minhas axilas, então voltou comigo até o quarto e pediu que eu me deitasse na cama. Eu amei saber que estava nu e que ele me observava, amei ser mimado daquela forma, amei quando ele começou a passar hidratante em mim, a sensação maravilhosa toda vez que ele despejava mais nas próprias mãos e depois tocava em minha pele. Eu era de novo um bebê sendo banhado e secado pelos pais, o que também me levou de volta ao início da infância, quando meu pai me dava banho no colo. Eu devia ter dois anos no máximo, mas... por que eu estava me lembrando de tudo isso agora, e por que isso de repente me libertou de uma caixa cuja tampa vinha me privando do ar e da luz e do som e do aroma das flores e ervas no verão? Por que eu estava sendo puxado para fora de mim como se fosse um prisioneiro cujo carcereiro não era outro se não eu mesmo? E que produto era esse que eu nunca tinha sentido em minha pele antes? O que eu queria desse homem e o que eu ia lhe dar em troca? Ele estava fazendo isso tudo por eu ter dito que estava nervoso? Por eu ter avisado sobre minha dificuldade com começos? Deixei que ele fizesse o que queria. A sensação era maravilhosa e eu me sentia tão desejável que o desejava ainda mais em troca, mais até do que no momento em que o vi na igreja e precisei resistir à vontade de me enterrar em seu peito. Eu sabia o que

ele estava prestes a fazer, só que, mais uma vez, fui pego totalmente de surpresa. Quando ele pediu que eu abrisse os olhos e olhasse diretamente nos dele, eu já lhe pertencia por inteiro e, ao me beijar sem parar, não precisei dizer ou pensar em nada, não queria fazer nada a não ser me entregar para aquele alguém que parecia conhecer a mim e o que meu corpo desejava melhor do que eu mesmo. Ele deve ter sabido no momento em que falou comigo na igreja e toquei em sua mão; deve ter sabido quando pediu que eu o esperasse em frente à igreja e me convidou para jantar; deve ter sabido quando parou antes que chegássemos aonde poderíamos naquela noite e se despediu abruptamente; deve ter sabido tudo sobre mim quando me viu corar tão facilmente e insistiu só um pouco mais no assunto para ver como eu reagiria; deve ter sabido que, depois de ter perdido minha alma havia tanto tempo, só neste momento eu começava a descobrir o que o tempo todo ela havia sido, mas que eu não saberia onde procurá-la ou como encontrá-la sem ele. *Perdi minha alma, perdi minha alma*, eu queria dizer, e de fato me ouvi balbuciando as palavras, *Perdi minha alma, todos esses anos*.

— Não — disse ele, como se temesse que eu estivesse prestes a chorar. — Só diga que eu não estou machucando você. — Eu assenti. — Não, diga, *Você não está me machucando*, diga porque é verdade.

— Você não está me machucando.

— Diga de novo, diga muitas vezes.

E eu disse.

— Você não está me machucando — porque era verdade —, você não está me machucando, você não está me machucando, não está, não está — então percebi, ao repetir a frase mais vezes do que ele tinha pedido, que ele também estava me ajudando a deixar para trás tudo o que eu tinha trazido naquela noite: meus pensamentos, minha música, meus sonhos, meu nome, meus amores, meus escrúpulos, minha bicicleta. Todo o resto ficou junto com a jaqueta e a mochila em algum canto da sala ou enfiado na bolsa que ficava presa à minha bicicleta, trancada em um poste lá em baixo antes de pegarmos o elevador que, mais uma vez, enquanto fazíamos amor, emitia seu grunhido delator. Sabe Deus que inquilino teria apertado o botão para chamá-lo lá no térreo e que logo entraria nele, fecharia as portas estreitas e subiria

balançando até sabe Deus qual andar. Eu não dava a mínima para qual era o destino, porque se eu tinha esses pensamentos confusos era por fracassar todas as vezes em que pensava não estar perdendo o controle, quando sabia muito bem que estava me agarrando, desesperadamente, a meras lascas de realidade, mesmo tendo certeza que me escapavam, experimentando um êxtase toda vez que me dava conta de que ele estava assistindo isso acontecer comigo. Eu queria que ele visse isso em meu rosto enquanto fazia o gesto mais generoso do mundo, que era esperar e continuar esperando enquanto eu repetia que ele não estava me machucando, como ele tinha pedido, até que me peguei implorando a ele que não esperasse, porque era o modo certo de pedir, querendo que ele decidisse por mim também, porque àquela altura, o corpo dele conhecia o meu melhor do que a si mesmo.

* * *

Houve apenas um pequeno soluço constrangedor naquele que havia sido um momento de perfeita intimidade entre dois homens que até então não tinham visto um ao outro nus. Aconteceu no chuveiro enquanto ele segurava meu pênis e meus olhos estavam fechados por causa do sabonete.

— Não sei como perguntar isso — disse ele —, mas... — e hesitou de novo.

— Diga. — Ele estava *me* deixando nervoso e eu não podia nem abrir os olhos.

— Você é judeu?

— Sério? — respondi, quase rindo. — Não dá para perceber?

— Eu estava tentando basear meu palpite em possibilidades além do óbvio.

— O óbvio é bem direto. Quantos judeus ou muçulmanos você já viu nus?

— Nenhum. Você é o primeiro.

Sua candura repentina me excitou ainda mais, e foi por isso que apertei seu corpo contra o meu.

* * *

— Fabiola — explicou ele, quando fomos acordados pela porta da entrada de serviço batendo. — Ela sempre deixa o vento bater a porta.

Quando olhei para o relógio já passava de oito da manhã e eu tinha que dar aula às onze, mas estava com muita preguiça. Ele, no entanto, já tinha me libertado de seu abraço e estava sentado, enquanto os pés, imaginei, procuravam pelos chinelos.

— Volte para a cama — pedi.

— O quê, mais? — perguntou ele, fingindo estar chocado. Eu tinha amado ser abraçado por trás, sentir sua respiração em minha nuca. Eu não ia esconder isso.

Mas, durante a noite, houve um momento de hesitação logo após fazermos amor, quando senti que era hora de me vestir e ir embora.

— Você não vai sair da cama, vai? — perguntou ele.

— Banheiro — respondi.

Estava mentindo.

— Mas não vai embora.

— Não vou embora.

Estava mentindo de novo.

Eu tinha intenção de ir embora, mesmo que só por hábito. Estava prestes a explicar que é o que eu sempre faço depois do sexo, por querer ou por sentir que o anfitrião não vê a hora de me ver partir. Eu mesmo quase sempre quero ver os parceiros casuais saírem pela porta assim que acaba. *Ande logo com essas meias, enfie no bolso se precisar, mas vá embora.* Tinha até dominado a arte civilizada, embora totalmente superficial, de atrasar minha saída apressada, como um anfitrião às vezes finge ficar chateado por recusarmos um copo d'água ou algo para comer enquanto saímos correndo do seu mundo, das suas coisas, do cheiro do seu cabelo, dos seus lençóis, das suas toalhas. Naquele momento, a questão era um pouco diferente, mas eu não disse nada. Não queria sair da cama, mas não sabia como interpretar, muito menos se devia confiar, no olhar de surpresa em seu rosto. E, no entanto, como eu tinha percebido enquanto caminhávamos até seu apartamento e eu saboreava o fato de nossas mãos se aproximarem sem se tocarem, aquilo também não tinha sido um sexo vazio.

Depois que fizemos amor naquela noite ele disse que devíamos sair para comer alguma coisa.

— Estou morrendo de fome.

— Eu também — ecoei. — Mas é melhor a gente se apressar.

Nenhum de nós dois tinha percebido que passava de meia-noite.

— Parece que estávamos fazendo sexo?

— Sim. Talvez as pessoas fiquem sabendo.

— Eu quero que elas saibam.

— Eu também.

Jantamos em um restaurante pequeno, mas agitado, que costumava ficar aberto até mais tarde. Os garçons também o conheciam lá; assim como alguns dos clientes habituais. Compartilhamos a excitação de sentir que todos suspeitavam o que estávamos fazendo não mais que quinze minutos antes.

* * *

— Quero mais um abraço — falei.

— Só um abraço?

Antes que eu pudesse perceber, minhas pernas estavam entrelaçadas com firmeza em sua cintura.

— Então posso te pedir uma coisa? — disse ele, com o rosto a menos de um centímetro do meu e tirando o cabelo dos meus olhos.

Eu não fazia ideia do que ele tinha em mente — imaginei algo que talvez tivesse a ver com nossos corpos, um pouco constrangedor, ou algo quanto à *performance*. Ou seria sobre proteção?

— Você está ocupado hoje à noite?

A pergunta quase me fez rir.

— Totalmente livre — respondi.

— Então que tal irmos ao nosso bistrô?

— Que horas?

— Nove?

Fiz que sim.

Eu tinha esquecido o endereço exato. Ele disse o nome da rua. Então, tentando não soar muito metido, disse que, às vezes, mantinham uma mesa livre para ele lá.

— Costumo levar clientes para almoçar ou jantar.

— E outros?

Ele sorriu.

— Se você soubesse.

A empregada deve ter sido avisada de que ele tinha um convidado — provavelmente enquanto eu tomava banho —, porque, quando ele me levou até a sala, havia uma refeição para dois. Café e uma série de coisas maravilhosas como pães, queijos e geleias que pareciam feitas em casa. Ele disse que gostava da de marmelo e da de figo. A maioria das pessoas gosta da de frutas vermelhas e da de marmelada.

— Mas fique à vontade.

Ele tinha que correr para o escritório.

— Às nove então?

Saímos juntos. Eu disse a ele que ia passar em casa para me trocar e depois seguiria para o conservatório. Tinha um almoço marcado com um colega. Não sei por que dei tanta informação sobre meu dia. Ele ouviu, ficou observando enquanto eu destrancava a bicicleta, admirou o quadro mais uma vez e disse que da próxima vez eu deveria dobrá-la e levá-la para dentro. Então ficou ali e, ao contrário da primeira vez, observou quando saí pedalando.

Ainda era muito cedo. Desci por uma rua, cruzei a ponte, sem me importar para onde estava indo, ansioso por encontrar uma padaria onde pudesse sentar, tomar mais uma xícara de café e pensar nele. Não queria que os acontecimentos da manhã apagassem a sensação ou a lembrança da noite passada, dos beijos selvagens que demos no fim, enquanto tudo que eu queria ouvir era o chiado reconfortante do elevador, que ao subir e descer, toda vez me lembrava que não éramos mais os últimos a ter andado nele.

Geralmente, esqueço ou tento descartar o que aconteceu à noite, o que não é difícil, uma vez que as coisas dificilmente duram mais que duas horas. Às vezes, é como se nem tivessem acontecido, e fico feliz por não lembrar.

Ao me sentar no café nessa manhã clara, foi boa a sensação de ver toda aquela gente indo para o trabalho enquanto eu parecia viver uma manhã de Natal prolongada. O sexo não teve nada de incomum, mas gostei de como ele prestou atenção em tudo, do momento em que me entregou as toalhas até o modo como cuidou do meu corpo, do meu prazer, pensando em tudo, sempre de modo tão delicado e gentil, com

algo que beirava a deferência pelo corpo jovem que tinha a metade de sua idade. Até a maneira como havia esfregado e acariciado minha mão, pedindo por confiança e alguma coisinha a mais enquanto eu estava ali de olhos fechados, só esfregando meus punhos, que segurou suavemente sobre a cama, o gesto mais gentil que já existiu. Por que ninguém nunca tinha segurado meu pulso desse modo e me trazido tanta alegria com carícias tão delicadas e aparentemente insignificantes? Eu me lembraria de pedir a ele que fizesse de novo, do mesmo modo, caso ele esquecesse.

Larguei o papel que estava segurando e, sem pensar, levantei a gola da jaqueta e senti o tecido em meu rosto. Imediatamente surgiu a lembrança de seu queixo com a barba por fazer naquela manhã, quando fizemos amor mais uma vez. Eu queria que minha roupa tivesse ficado com o cheiro dele. Que pós-barba ele usava? Era muito leve, mas mesmo assim eu queria saber. Eu descobriria ao esfregar meu rosto no seu na manhã do dia seguinte.

Então pensei em meu pai, que disse que estaria em Paris para o Natal em algumas semanas. Imaginei se Michel e eu ainda estaríamos juntos. Queria que se conhecessem e me perguntava o que meu pai acharia dele. Eles prometeram trazer o garoto desta vez — já era hora de rever meu irmão mais novo, disse ele. Eu os levaria para o meu café aqui e, se Michel ainda fosse uma presença em minha vida, Miranda e eu ficaríamos simplesmente assistindo aos dois tentando descobrir quem era o mais jovem.

Passei o resto do dia em um torpor suave. Três alunos e uma aula preparada quinze minutos antes. No almoço, só conseguia pensar no jantar, no *single malt*, nas castanhas e nos biscoitos salgados e no momento em que ele mais uma vez ofereceria duas toalhas para mim e duas para ele. Michel seria tão acolhedor esta noite ou teria se transformado em alguém que eu não conhecia? Torci para que minha melhor camisa estivesse bem passada e, para minha sorte, estava. Eu tinha pensado em colocar uma gravata, mas achei melhor não. Penteei o cabelo, mas não via a hora que ele passasse a mão em minha testa. Quando finalmente estava pronto, fui correndo até o sapateiro para engraxar os sapatos.

Acho que estou feliz. É o que eu ia dizer a ele. *Acho que estou feliz.* Eu sabia que devia evitar dizer isso em nossa terceira noite, mas não me

importava. Eu queria dizer.

Quando cheguei ao restaurante naquela noite e não o encontrei, percebi, para minha vergonha completa, que não sabia seu sobrenome. Isso me deixou totalmente frustrado. Eu jamais ousaria dizer que tinha vindo encontrar Michel ou Monsieur Michel. Mas antes que eu tivesse a chance de dizer algo que com certeza seria constrangedor, um dos garçons me reconheceu e me levou imediatamente àquela que tinha sido nossa mesa três noites antes. Ocorreu-me que, embora Michel tivesse negado, eu não era o primeiro jovem a entrar naquele bistrô parecendo levemente deslocado, do tipo que os funcionários foram treinados para identificar como mais um de seus convidados. Fiquei um pouco ofendido, mas decidi não guardar rancor ou me deixar envenenar pelo sentimento. Quem sabe eu não estava inventando tudo. E talvez estivesse, porque quando me levaram à mesa a menos de cinco passos da porta, lá estava ele, já sentado, bebericando um aperitivo. Em meu estado de confusão eu não tinha percebido que ele estivera olhando para mim o tempo todo.

Um abraço. Incapaz de me controlar, eu disse:

— Tive o dia mais maravilhoso do ano.

— Por quê? — quis saber.

— Ainda não sei dizer, mas talvez tenha algo a ver com ontem à noite.

— Ontem à noite *e* hoje de manhã para mim.

Ele sorriu. Gostei de ver que ele não relutou em demonstrar que tinha gostado de nossa breve continuação pela manhã. Gostei de seu humor, de seu sorriso, de tudo. Um instante de silêncio e, mais uma vez, não pude me conter:

— Você é maravilhoso, já faz um tempo que estou querendo dizer isso, mas você é simplesmente maravilhoso.

Assim que abri meu guardanapo, percebi. Tinha perdido o apetite.

— Não estou com a menor fome — disse.

— Agora, você é que é maravilhoso.

— Por quê?

— Porque eu também não estou com fome, mas não queria assumir. Vamos para casa. Talvez um aperitivo. *Um single malt?*

— Um *single malt*. Com castanhas e coisinhas salgadas.

— Com castanhas e coisinhas salgadas.

Ele se virou para o garçom:

— Peça desculpas ao chef, mas mudamos de ideia. À *demain*.

Uma vez em casa, dispensamos a ideia da bebida e do aperitivo. Deixamos as roupas no chão, entramos no banho e fomos direto para a cama.

Na quinta-feira daquela semana, mais uma vez, marcamos no mesmo restaurante.

Sexta na hora do almoço.

E de novo no jantar.

Depois do café da manhã naquele sábado, ele disse que ia para o interior e me convidou para ir junto — *se eu estivesse livre*, acrescentou, com aquele tom de cautela, despretensioso e irônico que queria dizer que ele estava preparado para aceitar a ideia de que eu tinha uma vida que não envolvia nossos encontros e que jamais perguntaria por quê, onde, quando ou com quem. Mas, depois do convite, ele percebeu que podia muito bem ir até o fim:

— Voltaríamos domingo no fim da tarde, a tempo do concerto do nosso aniversário de uma semana.

Eu não sabia dizer o que o estava deixando levemente inquieto, o convite para passar o fim de semana ou a admissão de que tínhamos um aniversário a comemorar. Para ajustar as coisas com seu modo reservado habitual, acrescentou que, se eu quisesse ir com ele, poderia me levar até em casa e esperar no carro enquanto eu pegava algumas roupas quentes — esfria à noite.

— Para onde? — perguntei, meu jeito apressado de dizer *É claro que eu vou*.

— Tenho uma casa na Normandia.

Brinquei dizendo que estava me sentindo a Cinderela.

— Por quê?

— Quando o relógio vai soar a meia-noite? Quando a lua de mel vai terminar? — perguntei.

— Vai terminar quando terminar.

— Tem data de validade?

— Os fabricantes não determinaram ainda, então é a gente quem manda. Além do mais, isso aqui é diferente.

— Você diz isso para todo mundo?

— Digo. E disse. Mas você e eu temos algo muito especial, e, para mim, completamente incomum. Se você me permitir, espero provar neste fim de semana.

— Sei — falei. Nós dois rimos.

— A ironia é que talvez eu consiga provar... e aí o que será de nós?

— Ele olhou para mim. — E isso, se você quer saber, é o que me assusta de verdade.

Eu poderia ter pedido a ele que elaborasse mais, mas senti que poderia nos levar a um território que nem eu nem ele queríamos adentrar.

A casa, quando chegamos mais de uma hora depois, não era Brideshead, mas também não chegava a ser Howards End.

— Eu cresci aqui — disse ele. — É grande, antiga e está sempre gelada. Até as bicicletas são velhas e instáveis, nada a ver com a sua. Depois do bosque há um lago que eu adoro. É onde recarrego as baterias. Mais tarde vou mostrar tudo. Também tem um Steinway antigo.

— Maravilha. Está afinado?

Ele pareceu um pouco constrangido.

— Mandei afinar.

— Mas quando?

— Ontem.

— Sem motivo, imagino.

— Obviamente.

Nós dois rimos. Eram momentos de intimidade repentina e radiante como esses que me faziam querer gritar *Faz anos que não me sinto assim com alguém*.

Coloquei o braço sobre seus ombros.

— Então você sabia que eu viria.

— Não sabia. Esperava.

Ele me mostrou a casa, depois me levou até a sala de estar.

Não entramos exatamente, mas ficamos à porta como personagens observando Velasquez pintar os dois monarcas. O piso de madeira impecável em volta dos tapetes persas era quase dourado reluzente, claramente resultado de anos de polimento. Dava para sentir o cheiro

da cera.

— Nunca vou me esquecer de como era solitário aqui no outono, no início do ano letivo, quando vínhamos passar os fins de semana. Os dias pareciam intermináveis, domingos chuvosos que começavam às nove da manhã e não acabavam até a chegada do inverno, quando voltávamos esgotados a Paris às quatro, em silêncio no carro. Meus pais se odiavam, mas nunca verbalizavam. A única coisa que despertava alguma alegria, na verdade, mais alívio do que alegria, era a noite de domingo, quando abríamos a porta do apartamento na cidade, acendíamos as luzes uma a uma, até a vida parecer voltar a seu ritmo com a promessa de um concerto. Era o momento em que meu mundo se erguia de seu estupor induzido chamado tarefa, chamado jantar, chamado mãe, chamado silêncio e solidão e, o pior de tudo, infância eterna. Eu não desejaria minha infância ou minha adolescência nesta casa a ninguém. A vida era uma sala de espera no médico e minha vez nunca chegou.

Ele me viu sorrir.

— Tudo o que eu fazia aqui era dever de casa e me masturbar. Acho que não tem um cômodo nesta mansão inteira onde não tenha feito tarefas da escola.

— E se masturbado.

Nós dois rimos.

Estávamos no meio de um almoço simples, quase frugal, na sala de jantar. Pelo que entendi, ele chegava aqui no fim das manhãs de sábado e ia embora domingo à tarde.

— Hábito — explicou.

A casa em formato de L era grande, e a fachada era palladiana do fim do século XVIII: muito simples e despretensiosa, quase insossa nas simetrias previsíveis, que, provavelmente, explicavam sua graça contida, porém acolhedora. E tinha a ala misteriosa do ângulo-reto criando um espaço íntimo onde havia um jardim italiano parcialmente fechado e bem cuidado. O telhado de mansarda com suas janelas me fazia pensar em um quarto frio lá em cima, onde um garoto solitário, que um dia se tornaria meu amante, sentava-se à escrivaninha e se dedicava ao dever de casa enquanto alimentava todo tipo de pensamentos revoltantes. Tive pena dele. A mãe sempre o obrigava a trazer a tarefa; então havia

pouco que pudesse fazer aqui, menos ainda a aproveitar, disse ele.

Perguntei sobre seus tempos de escola. Ele frequentara o Liceu J.

— Eu detestava, mas meu pai às vezes dava um jeito de me tirar de lá por algumas horas. Era nosso segredo. Ele estudara no mesmo local, então caminhar com ele pelas redondezas em um dia de semana e entrar e sair das lojas era como frequentar um mundo adulto e dinâmico ao qual eu não tinha direito, e tenho certeza de que entrar em meu mundinho era o jeito dele de reviver seus anos como aluno e agradecer aos céus por eles terem ficado para trás para sempre. Ele dizia que não era de surpreender que eu odiasse a escola. Quando, uma tarde, levei-o à minha sala de aula vazia, ele ficou perplexo ao ver que nada tinha mudado desde antes da guerra. O cheiro avassalador das mesas antigas de madeira ainda pairava no ar, disse ele, e a inclinação sombria da luz fraca da tarde, capaz de asfixiar cada pensamento indecente que um garoto pudesse ter, ainda varria a poeira dos móveis marrom-escuros da sala marrom-escura e fedida do Liceu J.

— Você tem saudade dele?

— Saudade? Não exatamente. Talvez porque, ao contrário da minha mãe, que morreu há oito anos, ele nunca morreu de verdade para mim. Só está ausente. Às vezes, é quase como se ele fosse mudar de ideia e entrar pela porta dos fundos. E é por isso que nunca lamentei sua morte. Sinto que ele ainda está por perto... só em outro lugar.

Ele pensou por um instante.

— Fiquei com boa parte das coisas dele, as gravatas, principalmente, os rifles, os tacos de golfe, até as raquetes de tênis de madeira. Antigamente eu achava que guardava tudo isso como lembrança, cheguei até a deixar dois de seus suéteres em sacos plásticos para preservar o cheiro dele. Não é a morte que eu rejeito, mas a extinção. Eu nunca vou usar a raquete de madeira empenada, ainda encordoadada com tripa natural. O principal motivo pelo qual lamento não ser mais próximo do meu filho, agora que ele também é pai, não é porque eu sei que seria um ótimo avô, mas porque queria que ele tivesse conhecido o meu pai, e o amado como eu o amei, para que eu e meu filho pudéssemos nos sentar juntos em dias de novembro como este e ficar lembrando dele. Não há ninguém com quem eu possa compartilhar essas lembranças.

— Será que esse poderia ser meu papel? — perguntei, completamente ingênuo.

Ele não respondeu.

— Mas preciso dizer que se tem uma coisa da qual eu me arrependo, quase trinta anos depois, é que ele nunca tenha conhecido você. O peso disso é como se um elo tivesse se perdido em minha vida, não sei por quê. Talvez por isso eu o tenha trazido para cá este fim de semana.

Eu ia perguntar se não seria cedo demais para conhecer seus pais — e a ideia me fez sorrir —, mas decidi não dizer nada, não porque meu comentário irônico não combinava com o momento, mas porque uma voz me disse que não era cedo demais, na verdade, já tinha passado da hora de eu conhecer, ou melhor, ficar sabendo sobre seus pais através dele.

— Você está me assustando um pouco — confessei —, porque isso quer dizer que eu nunca vou ser bom o suficiente se ele não me aprovar, e como ele nunca vai me conhecer, você nunca vai me aprovar?

— Errado. Eu sei que ele aprovaria. Não é essa a questão. Eu acho que ele ficaria feliz por saber que fui feliz esta semana inteira. — Ele parou por um instante. — Ou isso é pressão demais para o pessoal da sua geração?

Balancei a cabeça e sorri, querendo dizer *você está tão enganado sobre mim e a minha geração!*

— Estou aqui tagarelando tanto sobre o meu pai que, com certeza, você deve achar que tenho fixação paterna. Eu mal penso nele, mas tenho sonhos. Sonhos muito lindos e agradáveis. E o curioso é que neles o meu pai até sabe sobre você. Foi ele quem me fez desistir da ideia de procurar nos hotéis de luxo e ir direto ao conservatório. Claramente, meu subconsciente fala por ele.

— Você teria procurado por mim se não fosse ele?

— Provavelmente, não.

— Que desperdício teria sido.

— Você teria ido ao concerto deste domingo?

— Você já me perguntou isso.

— Mas você não respondeu.

— Eu sei.

Ele assentiu, querendo dizer, *Exato*.

Depois do almoço ele perguntou se eu queria experimentar o piano. Sentei, toquei alguns acordes rápidos para testá-lo, simulei um ar solene, e então comecei *O bife*. Ele riu. Antes que eu me desse conta do que tinha me possuído, comecei a improvisar sobre *O bife* até partir para a execução de uma chacona composta recentemente em estilo antigo. Toquei lindamente porque estava tocando para ele, porque combinava com o outono, porque combinava com a casa antiga, com o garoto que ainda havia em Michel e com os anos entre nós que eu esperava apagar.

Quando acabei, pedi que me contasse exatamente o que ele fazia quando tinha a minha idade.

— Provavelmente, trabalhava no escritório de advocacia do meu pai, infeliz, porque eu odiava, mas também, porque não havia ninguém, simplesmente ninguém, especial em minha vida a não ser os... parceiros casuais.

Então, do nada, ele perguntou quando eu tinha feito sexo pela última vez.

— Promete não rir?

— Claro.

— Novembro do ano passado.

— Mas isso faz um ano.

— E mesmo assim...

Mas não terminei a frase.

— Bem, na última vez que eu trouxe alguém para esta casa, eu, provavelmente, tinha a sua idade, e ele passou uma noite aqui e nunca mais nos vimos. — Ele parou antes de terminar o que ia dizer. Deve ter imaginado imediatamente o que tinha acabado de passar pela minha cabeça: que quando ele convidou o cara para vir aqui eu ainda não tinha nascido. Para mudar de assunto, acrescentou: — Tenho certeza que meu pai teria amado o que você tocou.

— Por que seu pai parou?

— Nunca vou saber. Ele tocou para mim uma só vez, eu devia ter 15 ou 16 anos. Disse que era uma peça muito difícil. Na época ele já tinha desistido completamente da minha aptidão para a música. Então, um dia, ele se sentou nesse mesmo piano, minha mãe estava em Paris, e simplesmente saiu. Uma peça curta que, na minha opinião, foi

executada magnificamente: *La chapelle de Guillaume Tell*, de Liszt. Eu soube naquele instante, sem sombra de dúvida, que meu pai era um grande pianista. Tinha visto muitas fotos dele de fraque sentado ao piano diante de uma plateia, mas nunca ficara frente a frente com sua versão de músico. Essa porta sempre esteve fechada. A pergunta que eu nunca vou ser capaz de responder é por que ele parou de tocar, ou por que nunca falava sobre isso. Mesmo quando, certa vez, comentei que achava tê-lo ouvido tocar à noite e que a música tinha flutuado até o meu quarto de uma ala distante da casa, ele negou. “Deve ter sido um disco”, desconversou. Quando terminou de tocar a peça de Liszt aquela única vez, ele apenas perguntou “Gostou?”. Eu não sabia o que dizer, então só consegui balbuciar “Tenho tanto orgulho de você”. Ele jamais esperava que eu dissesse isso. Assentiu algumas vezes, mas percebi que ele estava emocionado. Então ele fechou o piano e nunca mais tocou para mim.

— Intrigante.

— Ele não era um homem fechado. Gostava de conversar sobre mulheres, principalmente quando eu estava mais no final da adolescência, sempre depois dos concertos na igreja. Ele começava a falar sobre música, mas às vezes mudava de direção e acabava abordando o amor, as mulheres que conheceu quando era mais novo, e, também, essa coisa intangível chamada prazer, sobre a qual ninguém sabe falar de verdade. Isso explica por que aprendi mais sobre prazer e desejo com ele enquanto caminhávamos de volta para casa após um concerto do que com aqueles que deviam ter me ensinado a descobrir onde essas coisas estavam. Meu pai era um homem que cultivava o prazer, embora eu duvide que fosse com minha mãe. Ele mesmo sinalizou isso um dia ao dizer que era melhor pagar por uma boa meia-hora com uma mulher que você nunca mais vai precisar ver do que com uma que vai deixá-lo mais solitário depois de alguns minutos entre suas pernas. Ele falava assim. Era um cara engraçado. Um dia, depois do concerto de domingo, ele disse que se eu quisesse ele conhecia um lugar onde as mulheres poderiam me ensinar o que os adultos faziam juntos. Fiquei curioso e com medo, mas ele me contou aonde ir, por quem perguntar e ainda me deu dinheiro. Uma semana depois estávamos de volta a nossas noites de domingo juntos e rindo no caminho. “E então?

Aconteceu?”, foi tudo que ele perguntou. “Aconteceu”, respondi. Isso nos deixou ainda mais próximos. Algumas semanas depois descobri um tipo diferente de prazer que ele provavelmente não conhecia. Quando penso nisso, arrependo-me de nunca ter contado a ele. Mas naqueles dias...

Ele não terminou a frase.

Será que eu queria dar uma volta, perguntou.

Eu disse que sim.

Michel falou que antigamente tinha um cachorro e que saíam para longas caminhadas juntos e voltavam depois de escurecer. Mas desde que o cachorro morreu ele nunca quis outro.

— Ele estava sofrendo muito, então optei por sacrificá-lo, mas nunca mais vou passar por uma perda assim.

Não perguntei nada. Mas o fato de eu não ter me manifestado certamente o alertou de que eu tinha ponderado a respeito.

Logo chegamos ao bosque. Ele disse que ia me mostrar o lago.

— Me lembra Corot. Um eterno fim de tarde sem sol. Corot sempre coloca uma pincelada de vermelho no gorro do barqueiro em seus quadros, como um ramo de júbilo nos campos de novembro, sem sol, sem neve. Me lembra minha mãe, sempre à beira das lágrimas, mas nunca um soluço sequer. Essa paisagem me deixa feliz, talvez porque sinto que é mais sombria do que eu.

Quando chegamos ao lago:

— É aqui que você recarrega as baterias? — perguntei.

— Exatamente aqui! — Ele sabia que era uma provocação.

A ideia era nos sentarmos na grama, mas estava úmida, então caminhamos um pouco à margem e voltamos.

— Não sei como dizer isso, mas convidei você para vir por um motivo.

— Um que não tem nada a ver com minha aparência, minha juventude ou o meu intelecto absolutamente brilhante, sem citar meu corpo bem torneado?

Ele me abraçou e me beijou com desejo na boca.

— Com certeza tem a ver com você... mas o que está para acontecer pode ser uma surpresa.

Estava começando a ficar nublado.

— Paisagem campestre de Corot, não é? Lúgubre como sempre. Me deixa de bom humor. Ou talvez seja porque você está aqui.

— Com certeza porque eu estou aqui. — Ele sabia que eu continuava provocando. — Ou talvez porque eu também estou feliz.

— Está mesmo?

— Estou tentando esconder. Não dá para perceber?

Ele me abraçou e beijou minha cabeça.

— Talvez seja melhor voltarmos. Uma dose de Calvados não seria má ideia.

No caminho de volta, ele disse que era minha vez de falar sobre minha família. Provavelmente, uma tentativa de mostrar que não ia monopolizar a conversa falando dos pais dele de novo, oferecendo a mim a mesma oportunidade. Mas havia tão pouco a revelar, disse. Meus pais eram músicos amadores, então eu era a realização dos sonhos de ambos. Ele, professor universitário, foi meu primeiro instrutor de piano, mas logo percebeu, quando eu tinha mais ou menos 8 anos, que minhas habilidades superavam as dele. Nós três éramos muito próximos. Os dois nunca discordavam de mim e, a seus olhos, eu nunca fazia nada de errado. Fui uma criança tranquila, com uns 18 anos já era óbvio que minhas inclinações corriam para todos os lados. Eu não disse nada no início, mas serei eternamente grato por meu pai ter feito com que fosse fácil para nós conversar sobre assuntos que a maioria dos pais reluta em abordar. Eles se separaram depois que eu fui para a faculdade. Acho que, mesmo que não soubessem, eu era o elo que os mantinha juntos, embora eles sempre tenham levado vidas muito diferentes e tido amigos e interesses distintos. Então um dia ela reencontrou alguém que conhecera anos antes do meu pai, e decidiu se mudar para Milão com ele. Meu pai já tinha desistido de encontrar alguém, mas alguns anos depois conheceu uma mulher no trem, imagine, e hoje eles têm um filho que é meu afilhado e meio-irmão. Considerando tudo isso, todos são bastante felizes.

— Eles sabem sobre mim? — perguntou.

— Sabem. contei na quinta quando ele me ligou. Miranda também sabe.

— Eles sabem que sou muito mais velho que você?

— Sabem. Aliás, meu pai tem o dobro da idade dela.

Ele parou por um instante.

— Por que contou a eles sobre mim?

— Porque é importante, por isso. E não me pergunte se é mesmo.

Paramos de caminhar. Ele raspou os sapatos em um galho caído, arrancou um ramo e limpou o resto dos sapatos com ele, então olhou para mim.

— Você talvez seja a pessoa mais encantadora que eu já conheci. O que também significa que você pode me magoar. Pode me devastar, na verdade. As pessoas da sua geração falam assim?

— Já chega disso de minha geração! E pare de falar coisas assim. Ninguém vai magoar ninguém. Esse tipo de conversa me deixa chateado.

— Não vou dizer mais uma palavra então. As pessoas que você conhece usam *aquela* palavra?

Senti a palavra vindo.

— Por favor, me abrace, só me abrace.

Ele colocou os braços em volta do meu corpo e me abraçou com força.

Voltamos a caminhar em silêncio, os braços dados, até que chegou a minha vez de raspar os sapatos.

— Paisagem campestre de Corot! — xinguei, e nós dois rimos.

De volta à casa:

— Quero te mostrar a cozinha. Não mudou nada em séculos.

Entramos em uma cozinha grande que, obviamente, não foi pensada para ser um lugar onde os donos poderiam se sentar e tomar um café ou comer ovos. Havia vasilhas e panelas de todos os formatos pendurados nas paredes, mas não naquele estilo francês de fazenda, elegantemente desordenado, que vemos em revistas e catálogos de decoração. Era uma cozinha velha e disfuncional, impossível de esconder. Analisando o cômodo, supus que a parte elétrica e as tubulações de gás e água datavam de décadas, se não gerações, e que, provavelmente, tudo precisava ser substituído.

Saímos da cozinha e fomos para a sala de estar onde ele abriu um armário de madeira antigo, tirou uma garrafa e duas taças, segurando ambas em uma das mãos com os dedos nas hastes de cada. Eu gostava de como ele fazia isso.

— Vou te mostrar uma coisa que acho que ninguém nunca viu. Veio parar nas mãos do meu pai pouco tempo depois que os alemães deixaram nossa casa. Alguns dias antes dele entrar em coma, e ele sabia que sua hora tinha chegado, e ninguém era burro o suficiente para dizer que não, ele me pediu, quando ficamos sozinhos, que eu destrancasse esse pequeno armário e pegasse um envelope grande de couro. Eu tinha quase 30 anos nessa época e meu pai disse que era mais jovem do que eu quando o que estava no envelope de couro chegou às mãos dele.

— O que tem dentro? — perguntei segurando o invólucro.

— Abra.

Eu esperava algum tipo de escritura, testamento ou certificado, até fotos comprometedoras. Em vez disso, ao abri-lo, encontrei o que parecia ser uma partitura em oito folhas de papel vegetal frente e verso. As pautas desenhadas por uma mão trêmula que claramente não tinha uma régua. Na frente, estava escrito: *De Léon para Adrien, 18 de janeiro de 1944.*

— Adrien, meu pai, nunca explicou. Tudo o que disse foi “Não destrua, não doe para algum arquivo ou biblioteca, só dê para alguém que saiba exatamente o que fazer com ela”. Aquilo partiu meu coração porque, pela expressão dele quando falou essas palavras, percebi que ele sabia que não havia mais ninguém na vida dele ou na minha para quem deixar essa partitura. Também acho que ele sabia, simplesmente sabia... sobre mim, quero dizer. E o mais estranho, enquanto ele me encarava com aquele olhar profundo e penetrante de quem sabe que vai morrer, foi que tudo entre nós, cada momento de amor, cada decepção, cada desentendimento, cada olhar cifrado se dissolveu. “Encontre alguém”, disse ele. É claro que assim que olhei para a partitura fiquei completamente perdido. Além dos poucos anos em que toquei piano, eu não sabia nada de música clássica, e ele nunca me forçou a aprender. Então, nunca me importei com ela. Mas houve mais uma razão que me deixou totalmente perplexo quando olhei para a partitura. Eu nasci vinte anos depois da data assinada e, no entanto, ali estava a dedicatória de alguém que nunca conheci, nem nunca ouvi falar, mas que tinha meu nome do meio, Léon. Perguntei a meu pai quem era aquele homem, mas ele me lançou um olhar vazio, fez um gesto de desdém e disse que levaria muito tempo para explicar, acrescentando

que estava cansado e que preferia não dizer nem pensar. “Você está me fazendo lembrar, e eu não quero lembrar”. Eu não sabia se essa confusão era efeito da morfina ou se ele estava recorrendo a sua frase típica, *Prefiro não dizer*, quando tentava evitar um assunto delicado, principalmente quando queria que a gente soubesse que, se ele dissesse mais uma palavra que fosse, a caixa de Pandora seria aberta. Se eu tivesse insistido, receberia aquele gesto de mão curto e impassível, o mesmo que ele usava com os pedintes com quem não tinha paciência. Eu planejava perguntar de novo, mas eu precisava cuidar dele, o estado de saúde só piorava, então acabei me esquecendo da partitura. Quando penso nisso, quase acho que o que o manteve vivo no decorrer da doença foi a chance de me entregar esses papéis sem que minha mãe soubesse. Meses depois que ele morreu, fiz algumas perguntas e descobri que não havia uma alma da família, nem do lado materno nem do paterno, que se chamasse Léon. Finalmente, perguntei à minha mãe quem era essa pessoa. Ela olhou para mim com uma expressão desnorreada e divertida: “Você, é lógico”. Existiu outro Léon, perguntei. Nenhum. Léon tinha sido ideia do meu pai. Eles discutiram sobre nomes. Ela queria Michel em homenagem ao avô do meu pai, de quem herdamos a propriedade. Meu pai insistiu em Léon. Ela ganhou a discussão, é claro. Léon como segundo nome foi uma concessão. E ninguém nunca me chamou assim. Foi então que percebi que minha mãe com certeza não sabia sobre a existência de Léon ou da partitura. Caso contrário, ela teria perguntado a respeito desse homem e não teria desistido até descobrir tudo. Ela era assim... inoportuna e implacável quando colocava alguma coisa na cabeça. Ela insistiu que eu fosse advogado... e era impossível se opor a ela. Depois da morte do meu pai, fiz algumas perguntas aos empregados e descobri que um dos mais antigos se lembrava de um Léon. *Léon le juif*, Léon o judeu, era como o chamavam na casa, a começar por meu avô, que os odiava, até o cozinheiro e as camareiras. “Mas”, nas palavras desse mesmo cozinheiro, “isso foi há muito tempo, antes de seus pais se conhecerem”. Percebi que seria impossível arrancar mais alguma coisa dele, então deixei para lá e optei por voltar ao assunto em outro momento, para não dar a impressão de que o estava interrogando. Perguntei sobre os alemães que ocuparam nossa casa, sabendo que falar

sobre aqueles dias talvez nos levasse até Léon, mas tudo que ele disse foi que os alemães eram *de vrais gentlemen*, que davam boas gorjetas e tratavam minha família com um respeito excepcional, diferentes daquele velho judeu, acrescentou ele, lembrando que eu tinha perguntado sobre Léon. Ele era a última pessoa do nosso convívio que havia conhecido Léon, mas, depois que meu pai morreu, aposentou-se e voltou para o norte, onde também desapareceu. O rastro estava perdido, então. Quando minha mãe morreu, decidi procurar nos documentos da família, mas não havia nada sobre o judeu. A única coisa que eu não conseguia entender era por que meu pai manteve a partitura trancada e por que eu acabei carregando o nome de Léon. O que tinha acontecido com meu homônimo? Eu tinha esperanças de encontrar um diário ou uma agenda dos tempos de juventude de meu pai, mas não era um hábito dele. Encontrei diplomas, certificados e várias partituras entre os documentos dele, alguns em papéis tão frágeis e de composição tão ácida que desmanchavam ao primeiro toque. O estranho, no entanto, é que nunca o vi folhear esses papéis. De vez em quando, quando ouvira os pianistas no rádio, ele criticava suas habilidades, sempre dizendo “Parece que estão datilografando em uma Remington”. Ou, sobre outro pianista mundialmente famoso, “Um ótimo pianista, mas um músico pavoroso”. Eu não faço ideia de como a vida no direito transformou quem ele era, nem por que ele abandonou a carreira de músico. Sendo franco, eu nunca conheci o homem por trás do homem que achava que meu pai era. Conheci o advogado, mas nunca vi, encontrei ou convivi com o pianista. E ainda hoje sinto por não ter conhecido ou conversado com ele. A pessoa que conheci era seu segundo eu. Acho que todo mundo tem um segundo eu, e talvez um terceiro, um quarto, um quinto e muitos outros.

— Com quem eu estou falando agora — perguntei, aproveitando a divagação — o segundo, o terceiro ou o primeiro eu?

— O segundo. Eu acho. A idade, meu amigo. Mas parte de mim daria tudo para que você pudesse conversar com o primeiro, para ter você aqui, nesta casa, quando eu tinha a sua idade. A ironia é que com você eu me sinto da sua idade, não da minha. Tenho certeza de que haverá um preço a pagar por isso.

— Você é tão pessimista.

— Talvez. Mas meu eu mais jovem confundiu e acelerou tantas coisas. Um eu mais velho é mais simples, mais cuidadoso e, portanto, mais relutante ou desesperado, quer apressar coisas que já teme nunca mais reencontrar.

— Mas você me tem aqui e agora.

— Sim, mas por quanto tempo?

Não respondi. Evitava falar do futuro, mas acho que acabei parecendo mais fugaz do que ele gostaria.

— Isso aqui, hoje, assim como ontem — disse ele —, como quinta, como quarta, tem sido um presente. Eu poderia não ter encontrado você ou nunca ter visto você de novo.

Eu não sabia o que dizer, então sorri.

Com isso ele nos serviu uma segunda dose de Calvados.

— Espero que goste.

Fiz que sim com a cabeça, como da primeira vez com o *single malt*.

— O destino, se ele existe — disse ele —, tem um jeito estranho de nos provocar com padrões que talvez nem sejam padrões, mas que ainda assim são capazes de insinuar um significado fundamental que ainda está sendo elaborado. Meu pai, seu pai, o piano, sempre o piano, e você, igual ao meu filho, mas diferente. E esse fio judaico que atravessa nossas vidas. Tudo isso me faz pensar que nossas vidas não passam de escavações, sempre mais profundas do que achávamos que seriam. Talvez não seja nada. Seja como for, vou deixar a partitura com você. Vou ver o que estão preparando para o jantar desta noite. Enquanto isso, dê uma olhada, quero saber o que acha. Lembre-se, você é a única pessoa que já a viu.

* * *

Ele fechou a porta devagar, como se quisesse mostrar que o que eu estava prestes a fazer demandava grande concentração e que a última coisa que queria era me atrapalhar.

Gostei de ficar sozinho no cômodo. Parecia íntimo, apesar do tamanho. Gostei até do cheiro das cortinas antigas e grossas atrás de mim, gostei do painel de mogno envelhecido na parede e do tapete vermelho escuro, gostei até da poltrona de couro em que eu estava,

velha, afundada e descamando, e do Calvados excelente. Tudo parecia envelhecido, herdado, que permaneceria ali por séculos. Guerras e revoluções não seriam capazes de desfazer o que havia ali. A teimosia do legado e da longevidade parecia permanentemente inscrita em todos os cantos daquela mansão, até na taça delicada que eu tinha nas mãos. Michel tinha crescido aqui, vivido aqui, sufocado aqui. Imaginei se sua versão adolescente teria se sentado nesta poltrona enquanto procurava por imagens eróticas em revistas.

O que ele esperava que eu fizesse com a partitura — dizer se era boa ou ruim, dizer que o judeu era um gênio? Ou talvez um idiota? Ou estaria procurando pelo homem que seu pai tinha sido antes de virar pai e esperava que eu o ajudasse a desenterrá-lo dos destroços daquelas notações musicais?

Comecei a folhear a partitura, e quanto mais estudava a segunda página mais começava a questionar por que as pautas tinham sido desenhadas por uma mão tão trêmula. Só havia uma explicação: não havia papel pautado quando ela foi escrita. Além disso, Léon deve ter imaginado que Adrien reconheceria as notas imediatamente, ou, pelo menos, saberia o que fazer com elas.

Mas então comecei a perceber mais uma coisa. A partitura não tinha um início bem definido, significando que estava incompleta ou que tinha sido composta no auge da veia modernista. E, no entanto, o quanto isso era pouco original, pensei. A ironia formou um sorriso em meu rosto. Olhei para a última página esperando também não encontrar um fim claro, o que não teria me surpreendido, e de fato havia apenas um trinado longo levando a lugar nenhum. Que previsível, pensei, e um tédio! O fim sem-fim — modernismo em sua pior forma!

Parte de mim não tinha coragem de contar isso a Michel. Eu não queria dizer a ele que a partitura que seu pai guardara com tanto carinho e por tanto tempo não valia mais que a pasta de couro Cartier onde ela repousava no armário trancado. Seria melhor tê-la deixado dormindo.

Então, folheando as três primeiras páginas, percebi algo que fez meu coração parar. Eu já tinha visto aquelas notas. Meu Deus, eu já tinha tocado aquelas notas cinco anos antes em Nápoles! Mas não exatamente nessa ordem. Não demorei a reconhecer de onde vinham. O

coitado estava copiando Mozart. Que trivial! E então, o que era ainda pior — eu não conseguia acreditar — algumas linhas depois e não tão sutilmente, pensei ter reconhecido trechos de algo que todo o mundo conhecia: o rondó cadenciado da Sonata Waldstein, de Beethoven. Nosso querido Léon estava roubando de todo mundo.

Observei a palidez da tinta sépia. Ou ela havia se apagado ao longo dos anos ou quem escreveu estava usando tinta diluída. Parecia rabiscada com tanta pressa e desespero que imaginei Léon enviando aquelas páginas da Gare du Nord, o trem prestes a partir a caminho de onde quer que ele estivesse indo em 1944. Seria uma demonstração do senso de humor dele, pensei, furtar notas daqui e dali? Era inteligente ou um idiota? Seria possível dizer alguma coisa com base na caligrafia? Qual a idade de Léon? Um jovem brincalhão de vinte e poucos anos como o pai de Michel à época, ou mais jovem?

Enquanto tentava imaginar quem ou o que Léon era, de repente, percebi que havia uma razão para eu ter reconhecido o primeiro conjunto de notas. Tinham sido compostas, parcialmente, por Mozart. Mas não era uma sonata, um prelúdio, uma fantasia ou uma fuga. Era uma *cadenza* para o Concerto para Piano em Ré Menor de Mozart, por isso eu soube. Mas Léon não estava copiando o austríaco; estava na verdade citando a *cadenza* de Beethoven para o concerto de Mozart, o que também o inspirou a reproduzir alguns compassos da Sonata Waldstein. Léon estava se divertindo. Seu trabalho foi compor as partes que o pianista Michel provavelmente deveria improvisar ao fim do primeiro movimento, aquele momento glorioso em que a orquestra para e deixa o pianista tocar à vontade, quando a imaginação, a ousadia, a liberdade, a destreza, o talento e uma profunda compreensão daquilo que está no coração da obra de Mozart podem finalmente gritar seu amor pela música e pela inventividade em uma *cadenza*.

O compositor dessa *cadenza* tinha adivinhado o que Mozart não terminou de compor e o que tinha deixado em aberto para ser finalizado por outros compositores, ainda que vivessem em uma época totalmente diferente, na qual a música teria mudado por completo. O necessário para entrar no mistério da composição de Mozart não era se colocar no lugar dele ou imitar seu modo de andar, seu idioma, sua voz, sua vibração ou mesmo seu estilo; o necessário era reinventá-lo de

maneiras que ele próprio jamais imaginaria, construir onde Mozart tinha parado, mas criar algo que ele ainda reconheceria como irredutivelmente dele, e só dele.

Quando Michel voltou eu estava ansiosíssimo para falar sobre a partitura.

— Isso não é uma sonata, é uma *cadenza* — comecei.

— Frango ou carne? — interrompeu ele. Nosso jantar e nosso conforto naquela noite eram mais importantes do que qualquer coisa.

Eu amava quando ele fazia isso.

— Estamos em um avião? — perguntei.

— Também temos a opção de comida vegana — disse ele, imitando uma comissária de bordo da Air France. — E temos um vinho tinto fabuloso. — Ele parou por um instante. — Você dizia...?

— Não é uma sonata, é uma *cadenza*.

— Uma *cadenza*. É claro! Suspeitei desde o princípio. — Ele parou por um segundo. — E o que é uma *cadenza*?

Eu ri.

— É um momento breve de um a dois minutos em um concerto para piano quando o solista improvisa sobre um tema já explorado na peça. Normalmente, o sinal para a orquestra voltar com tudo e fechar o movimento é quando o pianista faz um trinado no final da *cadenza*. Eu não consegui entender qual era o trinado na primeira olhada, mas agora faz todo sentido. Essa *cadenza*, no entanto, se prolonga, ainda não sei por quanto tempo, mas tem claramente mais do que cinco ou seis minutos de duração.

— Então esse era o grande segredo do meu pai? Seis minutos de música e é isso?

— Acho que sim.

— Não faz sentido, faz?

— Ainda não tenho certeza. Preciso estudar melhor. Léon ecoa a Waldstein o tempo todo.

— A Waldstein — repetiu ele com um sorriso largo. Demorei um tempo, mas, mais uma vez, entendi o motivo.

— Não me diga que você tem o dobro da minha idade e nunca ouviu falar da Sonata Waldstein.

— Conheço de trás para frente.

Mais uma vez o sorriso.

— Você está brincando. Eu sei. Eu percebo.

— É claro que estou brincando.

Levantei, fui até o piano e comecei a tocar os compassos de abertura da Waldstein.

— A Sonata Waldstein, é claro — disse ele.

Ainda estava brincando?

— Na verdade, já ouvi muitas vezes.

Parei de tocar e segui para o rondó. Ele disse que também conhecia.

— Então cante — pedi.

— Não vou fazer isso.

— Cante comigo — repeti.

— Não.

Comecei a cantar o rondó e, depois de um pouco de persuasão, encarando-o sentado ao piano, comecei a ouvir sua voz hesitante. Toquei mais devagar e pedi a ele que cantasse mais alto, até que no fim éramos uma só voz. Ele colocou as duas mãos em meus ombros, pensei que fosse um sinal para que parasse, mas então ele disse:

— Não pare.

Fui em frente, tocando e cantando.

— Que voz você tem — disse ele. — Se eu pudesse, beijaria sua voz.

— Continue cantando — pedi. E assim ele fez. Quando me virei em sua direção no fim da peça, Michel estava com os olhos cheios de lágrimas. — O que foi? — perguntei.

— Não sei. Talvez seja porque eu nunca canto. Ou talvez seja apenas por perceber que com você eu quero cantar.

— Você não canta no chuveiro de vez em quando?

— Tem muito tempo que não faço isso.

Levantei e, com o polegar esquerdo, limpei as lágrimas de seus olhos.

— Gostei de termos cantado.

— Eu também.

— Você ficou triste?

— Nem um pouco. Só emocionado, como se você tivesse me empurrado para fora de mim mesmo. Gosto quando você faz isso, quando me empurra para fora de mim mesmo. Além do mais, sou tão tímido que fico com os olhos cheios d'água com a mesma facilidade

com que algumas pessoas ficam vermelhas.

— Você, tímido? Não parece.

— Você não acreditaria no quanto.

— Você falou comigo do nada, me cantou para falar a verdade, em uma igreja ainda por cima, e depois me levou para jantar. Pessoas tímidas não agem assim.

— As coisas só aconteceram assim porque eu não estava planejando nada, não estava nem pensando. Tudo fluiu com muita facilidade, talvez porque você tenha ajudado. É claro que eu queria convidar você para ir lá em casa naquela primeira noite, mas não tive coragem.

— Então me abandonou sozinho com minha mochila, minha bicicleta e meu capacete. Obrigado!

— Você não se importou.

— Eu me importei, sim. Fiquei chateado.

— E agora você está aqui comigo nesta sala. — Ele parou por um instante. — Isso é demais para você?

— De novo essa coisa de “minha geração”!?

Nós rimos.

Voltando a Léon, peguei a partitura.

— Deixe eu explicar como uma *cadenza* funciona.

Vasculhei a coleção de discos — todos de *jazz* — até encontrar um concerto de Mozart. Então vi um aparelho bastante complexo e aparentemente caro que ficava sobre uma mesinha do século XVIII. Enquanto tentava descobrir como funcionava, evitei olhar para ele, para não dar muita importância ao que estava prestes a perguntar.

— Quem te disse para comprar isso?

— Ninguém. Eu disse a mim mesmo. Tá?

— Tá.

Ele sabia que eu tinha gostado da resposta.

— E eu sei como funciona. Era só você ter perguntado.

Momentos depois começamos a ouvir o concerto para piano de Mozart. Deixei que ele escutasse um pouco do primeiro movimento então levantei a agulha e levei até onde eu imaginava ser o início da *cadenza*. Essa, especificamente, tinha sido composta pelo próprio Mozart. Ouvimos o trecho até eu destacar o trinado que sinalizava o retorno da orquestra.

— Esse era Murray Perahia tocando. Muito elegante, muito nítido, simplesmente esplêndido. O segredo dessa *cadenza* são as poucas notas tiradas do tema principal. Vou cantar para você e depois será sua vez.

— De jeito nenhum!

— Não seja bobo.

— Não!

Primeiro toquei, depois comecei a cantar e fui adiante, só para me exhibir.

— Sua vez agora — disse, tocando mais uma vez e virando a cabeça pra ele, sinalizando a deixa. Ele hesitou no início, mas, enfim, começou a cantarolar as notas. — Você tem uma voz boa — falei. Então, porque estava me sentindo inspirado, repeti as notas e pedi que cantasse mais uma vez, dizendo: — Vai me deixar feliz.

Ele me obedeceu mais uma vez, e então cantamos juntos.

— Semana que vem vou começar a fazer aulas de piano — disse ele. — Quero que isso seja parte da minha vida de novo. Talvez eu queira aprender a compor também.

Eu não soube dizer se ele estava brincando comigo.

— Você me deixaria ser seu professor? — perguntei.

— É claro que sim. Que pergunta boba. A questão é...

— Ah, cale a boca!

Então pedi a ele que sentasse enquanto eu tocava a *cadenza* de Beethoven e depois a de Brahms para o Concerto em Ré Menor de Mozart.

— Brilhante — falei, enquanto começava a tocar, sentindo que executava as duas peças com perfeição. — Há muitas outras. Uma foi composta pelo próprio filho de Mozart.

Eu toquei. Ele ouviu.

Então, novamente para me exhibir, porque quem poderia resistir, toquei para ele minha própria versão improvisada ali mesmo.

— Isso pode continuar para sempre, basta querer.

— Eu queria muito ser capaz de fazer isso.

— Vai ser. Eu me sairia melhor se tivesse praticado hoje de manhã, mas alguém tinha outros planos para o dia.

— Você não precisava concordar.

— Eu quis.

Então, do nada:

— Pode tocar as notas que tocou para a aluna da Tailândia?

— Estas? — perguntei, sabendo exatamente do que ele estava falando.

* * *

— O interessante aqui é que, depois que a sonata do nosso amigo Léon cita alguns compassos da Sonata Waldstein, uma coisa bem mais louca acontece.

— O quê? — perguntou ele, quase cheio de tantos fatos musicais em um dia.

Olhei novamente para a partitura, só para ter certeza de que não estava inventando nada daquilo.

— Parece, embora eu ainda não tenha certeza, que, em algum momento, depois de citar a Waldstein, Léon hesita um pouco e então passa de Beethoven a algo que muito possivelmente inspirou outra peça do próprio Beethoven, chamado Kol Nidrei.

— É claro — disse ele, quase rindo.

— O Kol Nidrei é uma oração Judaica. O tema do judaísmo é bastante velado, sabe, mas está ali... e meu palpite é que a menos que a pessoa tenha estudado música, só um judeu que entende reconheceria que a peça central dessa *cadenza* não é Beethoven ou a Waldstein, mas o Kol Nidrei. Esses poucos compassos se repetem sete vezes, então Léon sabia exatamente o que estava fazendo. E aí, é claro, ele volta para a Waldstein, e para o trinado que anuncia o retorno da orquestra.

Para que ele entendesse o que eu tinha em mente, toquei a *cadenza* e, em seguida, o Kol Nidrei passo a passo.

— O que é o Kol Nidrei exatamente?

— É uma oração aramaica do início do Yom Kippur, o dia mais sagrado do calendário judaico, e representa a retratação de todas as promessas, todos os juramentos, todas as maldições, todas as obrigações direcionadas a Deus. Mas a melodia sempre encantou os compositores. Meu palpite é que Léon sabia que seu pai a reconheceria. Seria como uma mensagem codificada entre eles.

— Mas eu conheço essa melodia — disse ele, de repente.

— Onde você escutou?

— Não faço ideia. Simplesmente, não sei. Mas conheço, talvez de muito, muito tempo atrás.

Michel pensou por um instante, então, como se despertasse, disse:

— Acho que devemos nos sentar para jantar.

Mas eu precisava tirar aquilo do peito.

— Existem duas maneiras pelas quais seu pai poderia conhecer essa melodia. Léon cantou ou tocou para ele, o motivo eu não faço ideia, talvez para provar que a liturgia judaica tinha músicas bonitas, ou seu pai foi a uma celebração de Yom Kippur, o que pode sugerir um laço mais próximo entre eles. A celebração nesse dia não é uma ocasião para turistas assistirem como os judeus celebram o Dia do Perdão.

Michel pensou por um tempo, então, do nada:

— Se você me convidasse, eu iria.

Peguei, segurei e beijei sua mão.

Durante o jantar, falamos sobre qual achávamos que poderia ser o motivo da *cadenza* secreta. Uma piada interna? A essência de uma obra em construção? Um desafio para o pianista? Talvez um sinal entre eles, uma saudação em memória de uma amizade que talvez tenha acabado, quem sabe.

— Tem tantas coisas que ainda não tive tempo de analisar — falei.

— A não ser que a *cadenza* tenha sido arquitetada em circunstâncias terríveis e fosse uma salva judaica composta a partir do próprio inferno.

— Será que não estamos vendo coisa onde não tem?

— Talvez.

— Temos um açougueiro incrível na cidade, então o filé é excelente. E nossa cozinheira ama legumes e verduras. Quando ainda consegue encontrar aspargos prepara com esplendor, embora seja alérgica. Eu amo o arroz indiano. Sinta só o cheiro — disse ele, abanando com delicadeza o ar sobre o arroz na minha direção. Ele sabia que estava me provocando.

Mas então eu disse que alguma peça estava faltando.

— Léon é judeu, odiado pelos seus avós, provavelmente considerado má influência para a carreira de seu pai, e até os criados acreditam ser superiores a ele. A França já está ocupada e logo os alemães estarão vivendo sob este teto, isso se já não estiverem comendo nesta mesa,

como você disse que aconteceu. Léon não pode estar na mesma casa, a não ser que esteja escondido no sótão, o que ninguém aqui aceitaria. Então como a partitura vai parar nas mãos de seu pai?

Eu tinha trazido a notação musical para a mesa de jantar.

— Experimente este vinho. Temos mais três garrafas. Estão na cozinha respirando.

— Você pode se concentrar, por favor?

— Sim, sim, claro. O que achou do vinho?

— É maravilhoso. Mas por que você está toda hora interrompendo?

— Por que amo ver você concentrado assim e amo quando você fica tão sério. Ainda não consigo acreditar que você vai ficar aqui comigo. Não vejo a hora de te levar para a cama... não vejo a hora.

Bebi mais um pouco de vinho, e ele reabasteceu minha taça.

Enquanto cortava a carne, não pude deixar de acrescentar:

— Ainda precisamos entender como a partitura acabou aqui. Quem trouxe? E quando? Um judeu ter vindo aqui entregar uma partitura em 1944 parece absurdo. Na verdade, o modo como veio parar nesta casa talvez nos diga tudo sobre ela. Talvez diga mais do que a música em si.

— Isso não faz sentido. É como sugerir que o modo como um poema famoso chegou à prensa é mais importante que o poema em si.

— Neste caso, pode ser exatamente isso.

Michel olhou para mim parecendo perplexo, como se nunca tivesse pensado nas coisas desse jeito tão distorcido.

— Foi entregue pelo correio — perguntei —, em mãos, ou Adrien foi pessoalmente buscar? Havia uma terceira pessoa envolvida? Um amigo, uma enfermeira em um hospital ou alguém dos campos? O ano é 1944 e a França ainda está ocupada pelos alemães. Ele pode ter fugido ou sido capturado. Se estava nos campos, qual deles? Estava escondido? Sobreviveu?

Pensei um pouco mais.

— Existem duas coisas que podem explicar muito. E não sabemos nenhuma delas. Por que o compositor desenhou as pautas à mão? E por que as notas estão tão amontoadas assim?

— Por que isso teria importância?

— Porque meu palpite é que talvez essas notas não tenham sido rabiscadas às pressas. — Folheei as páginas mais uma vez. — Olhe só,

não há nenhum rabisco, nada foi riscado porque o compositor pode ter mudado de ideia ao compor. Essas notas estavam sendo transcritas, e em um lugar onde era impossível conseguir papel pautado, onde era difícil conseguir papel comum até. Estão todas tão amontoadas... como se ele estivesse copiando com medo de ficar sem papel.

Levantei a primeira folha em direção à vela que estava no centro da mesa de jantar.

— O que você está fazendo? — perguntou.

— Procurando uma marca-d'água. Ela poderia nos dizer muito: onde o papel foi fabricado, em que parte da França. Ou em outro lugar, se você está acompanhando meu raciocínio.

Michel olhou para mim.

— Estou acompanhando.

Infelizmente não havia marca-d'água no papel.

— Só consigo deduzir que era papel vegetal barato. Então, o compositor da *cadenza* já conhece o tema e transfere as notas dessa forma compactada. Ele quer que seu pai a tenha. Isso é tudo que sabemos.

— Não, sabemos mais uma coisa. Meu pai desiste de tocar para sempre e começa a estudar direito. O mundo da música se fecha completamente para ele. Não consigo acreditar que isso não tenha a ver com Léon. Porque uma coisa é muito clara: ele guardou essa *cadenza* como se fosse a coisa mais preciosa de sua vida. Mas por que fazer isso se ele nunca ia tocá-la, por que trancá-la durante todos esses anos no armário... a não ser que ele tivesse prometido tocar só na presença de Léon? Ou na esperança de que alguém se materializasse para tocá-la? Alguém como você, Elio!

Fiquei lisonjeado, mas não queria demonstrar ter gostado do que ele estava sugerindo.

— Você acha que seu pai tinha a intenção de devolver a partitura a Léon ou a alguém que Léon prezava? Ou simplesmente não sabia o que fazer com ela e não teve coragem de se livrar... do mesmo modo com que você ainda guarda a raquete de tênis dele? O mais importante, quem sabe, seja determinar quem era Léon.

Depois do jantar, no computador de Michel, digitei o nome completo de Adrien e, em segundos, descobri os anos em que ele frequentou o

conservatório. Até sua foto apareceu.

— Fino e elegante — disse. — E bonito.

Pesquisei nomes de professores antes, durante e depois daqueles anos. Os registros eram desconexos e dispersos, mas em nenhum havia uma pessoa chamada Léon. Procurei sobrenomes que soassem judeus, alemães ou eslavos, ou que começassem com L. Também não encontrei nada. Procurei por alunos de nome Léon. Nada. Ou ele tinha outro nome ou seu histórico foi removido dos registros. Ou ele nunca esteve no conservatório.

— Nenhum Léon — sentenciei.

— Então aqui termina nosso trabalho de investigação.

A essa altura, estávamos sentados muito próximos um do outro no sofá, na penumbra, bebendo outra dose de Calvados.

— Talvez seu pai tenha estudado com Cortot. Já Léon eu duvido.

— Por que acha isso?

— Cortot era antisemita e o sentimento só se intensificou sob a ocupação. Acho que Thibaud, um violonista que Cortot conhecia bem, tocava para o Führer.

— Tempos terríveis.

Brindamos.

— Mais alguma ideia sobre a questão? — perguntou ele.

— Por que a curiosidade?

Ele balançou a cabeça suavemente.

— Por nada. Só amo estar assim com você. Conversando, à noite, nesta sala, sentados neste sofá, colados um no outro enquanto você mexe no computador, novembro ainda pairando lá fora. Amo que você tenha se interessado tanto.

— Também amo, muito.

— E ainda assim você não acredita em destino.

— Eu disse, não penso nesses termos.

— Talvez, quando você tiver a minha idade e a escassez de coisas que a vida tem a oferecer se tornar mais evidente a cada dia, você comece a perceber esses pequenos acidentes, esses milagres que podem redefinir nossas vidas e iluminar aspectos que, no quadro geral das coisas, poderiam muito bem ser insignificantes. Mas isto não é insignificante.

— Isto aqui é maravilhoso.

— Sim, maravilhoso.

Sua afirmação, no entanto, saiu em um tom de resignação nostálgica que beirava a melancolia, como se eu fosse um prato que ele via ser recolhido antes que estivesse satisfeito. É isso que acontece quando alguém tem o dobro da sua idade? Ele começa a perder as pessoas antes mesmo que elas comecem a buscar em outro lugar?

Ficamos sentados assim sem dizer nada. Dei-lhe o que pensei ter sido um abraço, mas o que ele me devolveu é que se mostrou um abraço de verdade, triste, faminto e cheio de desespero sexual.

— O que foi? — perguntei, ainda relutando em ouvir o que eu já suspeitava que seria a resposta.

— Nada. Mas isso é que é assustador, se você me entende, exatamente o fato de não haver nada de errado.

— Quero mais uma dose.

Ele ficou feliz em atender meu pedido. Ficou de pé, foi até o pequeno armário atrás de uma das caixas de som e pegou outra garrafa.

— Muito melhor.

Ele sabia que eu tinha mudado de assunto. Eu esperava que algo levantasse aquela nuvem repentina entre nós, mas nada veio, e nem tentamos dissipá-la, talvez porque não tivéssemos certeza do que se escondia atrás dela. Então ele começou a falar sobre o Calvados, contou o que sabia, e eu ouvi, e li o pequeno texto rabiscado à mão no rótulo da garrafa que contava a história da fábrica. Em uma jogada de mestre, ele usou uma expressão que tinha se tornado um lema entre nós:

— Quero fazer você feliz. — Eu sabia exatamente o que ele estava querendo dizer. — Continue lendo o rótulo, não quero distrair você. Não quero nem que olhe.

Ele pegou a taça de Calvados e bebeu um gole. Então senti, senti sua boca, senti o leve formigamento.

— Amo o que você está fazendo — confessei, fechando os olhos, tentando largar a garrafa em algum lugar, até que decidi deixá-la no tapete ao pé do sofá.

Então me lembrei da empregada.

— Já foi. Você não ouviu o carro dela?

* * *

Passamos o domingo em casa. Segundo as lembranças de Michel, sempre parecia chover aos domingos, e o bosque, onde tínhamos planejado fazer uma longa caminhada, fica escuro e sombrio. No fim daquela manhã, pratiquei por algumas horas enquanto ele folheava documentos no escritório. Estávamos apenas ocupando o tempo e ficamos os dois aliviados quando o outro sugeriu, com tato, que talvez fosse bom voltar a Paris antes que o trânsito ficasse pesado com o fluxo do fim de semana. Quando estávamos chegando, houve certo constrangimento ao ficar claro que ele planejava me deixar em casa primeiro — e que estava fazendo isso ou porque não queria que eu me sentisse pressionado a ir direto para a casa dele ou porque suspeitava que eu tivesse outros planos antes do concerto naquela noite. Talvez, imaginei, ele precisasse ficar um pouco sozinho. Afinal, era seu hábito voltar a Paris aos domingos e, quem sabe, fizesse isso há anos e não quisesse mudar. Quando parou em fila dupla em frente à entrada do meu prédio, ele não desligou o motor. Era para eu sair, o que obedeci:

— Te vejo daqui a pouco — avisei, ao que ele respondeu com aquele aceno de cabeça silencioso e melancólico. Então eu simplesmente criei coragem. — Eu não preciso ir para casa. Não quero ir para casa.

— Volte para o carro. Eu adoro você, Elio. Eu adoro você.

Fomos direto para a casa dele. Fizemos amor, cochilamos um pouco, então corremos para o concerto, com cidra no intervalo e refeição de menu completo, com ele segurando a minha mão durante os três pratos.

— Amanhã é segunda — disse —, a segunda passada foi uma agonia.

— Por quê? — perguntei, mas eu sabia a resposta.

— Porque eu sentia que tinha perdido você... e por quê? Porque eu estava com medo de que você fosse dizer não e tentava não parecer um depravado.

Ele ficou me olhando por um tempo.

— Você precisa ir para casa esta noite?

— Você quer que eu vá?

— Vamos fingir que nos conhecemos hoje e que, em vez de ir embora com sua bicicleta, você diz “Quero dormir com você, Michel”. Você teria dito isso?

— Eu estava prestes a fazer. Mas, não, o senhor tinha que ir embora!

* * *

Segunda de manhã decidi pegar um táxi e fui direto para casa trocar de roupa. Tudo nela parecia um pouco estranho, como se eu estivesse longe há semanas, meses. A última manhã em que estive aqui fora no sábado, quando subi correndo, peguei algumas roupas e desci rápido, porque ele estava no carro, esperando-me. Naquela tarde, depois de dar aula, fui direto ao escritório do conservatório para tentar encontrar qualquer coisa sobre Léon.

Quando encontrei Michel no bistrô de sempre naquela noite, disse a ele que tínhamos perdido o rastro. Não havia traço de Léon em lugar algum. Ele ficou mais decepcionado do que eu imaginei que ficaria, por isso tive mais uma ideia na terça. Fui a duas escolas de música e pesquisei seus registros anuais. Mais uma vez, nada.

Nós dois chegamos à conclusão de que ou Léon estudou no exterior ou, como tantos judeus abastados do início do século, teve aulas com um professor particular.

Mais dois dias se passaram assim. Eu não tinha mais pistas.

Na sexta, no entanto, consegui descobrir a identidade de Léon nos registros do liceu onde tanto Michel quanto o pai dele haviam estudado. Vasculharam os papéis na minha frente depois que aleguei ser sobrinho de Michel. No carro, a caminho da casa de campo naquele mesmo dia, não consegui me segurar e compartilhei a notícia.

— Consegui até o endereço antigo dele. O nome da família é Deschamps. O único problema é que este não é exatamente um nome judeu.

— Pode ser um nome adotado ou trocado. Pense em Feldmann, Feldenstein, Feldenblum, ou simplesmente Feld.

— Existem inúmeros Léon Deschamps na internet, assumindo que estejam todos vivos e ainda morem na França. Pode levar meses.

Ele parecia perplexo. O que não consegui deixar de me perguntar foi por que ele mesmo não tinha pensado na escola. Finalmente, perguntei por que depois de tantos anos ele ainda estava procurando por Léon.

— Talvez isso me diga algo sobre meu pai que eu nunca soube. Também estou curioso para saber quando e como Léon desapareceu.

— Mas por quê?

— Não sei por quê. Talvez seja só um jeito de me aproximar do meu pai, de saber o que o levou a parar de fazer o que mais amava e entender sua amizade ou seu amor por Léon, se era alguma dessas duas coisas. Era o único assunto sobre o qual ele nunca falava, mas quando eu fiz dezoito anos ele poderia facilmente ter se aberto comigo. Ou talvez eu não fosse diferente do meu filho e tentasse manter alguma distância entre nós. Talvez esse seja meu jeito de compensar por não ter arranjado um tempo para conhecer o homem que parou de tocar. Mas quem é que arruma tempo para conhecer os pais a fundo, de verdade? A quantas camadas de profundidade estão aqueles que pensamos que conhecíamos apenas por amá-los?

— Seja como for — interrompi Michel —, encontrei até uma foto de Léon na foto anual da turma. Olha — mostrei a imagem que tinha copiado no mesmo dia na secretaria da escola. — Ele é muito bonito. E parece bem católico, bem conservador.

— Tem razão. Muito bonito — disse Michel.

— Você está pensando o mesmo que eu? — perguntei.

— É claro que estou pensando o mesmo que você. É o que estamos pensando o tempo todo, não é?

Quando chegamos à casa de campo, a primeira coisa que Michel fez após guardar a mala e cumprimentar a cozinheira foi abrir uma gaveta estreita de uma mesinha próxima à janela e tirar um envelope grande.

— Dê uma olhada.

Era uma foto antiga da turma, ampliada, tirada um ano antes da foto que eu tinha conseguido. Ele apontou para Adrien com o dedinho; ele parecia mais jovem nessa foto. Nós dois estávamos procurando por Léon.

— Encontrou? — perguntou ele.

Fiz que não, mas, de repente, ali estava, bem ao lado de Adrien. A semelhança entre o rosto da minha foto e o da foto antiga era impressionante.

— Então você sempre soube! — exclamei.

Ele assentiu com um sorriso culpado.

— Eu sabia da foto. Mas precisava que alguém confirmasse.

Pensei nisso por um tempo.

— Foi por isso que você me trouxe aqui semana passada?

— Eu sabia que você ia perguntar isso. A resposta é não. O motivo foi outro, e tenho certeza de que você já sabe. Eu quero que você fique com a partitura. Dando ela para você, entre todas as pessoas, estou cumprindo o último desejo do meu pai. Tudo o que peço é que você a toque em um concerto.

Um silêncio pesado se impôs entre nós. Eu queria protestar e dizer o que as pessoas dizem quando recebem um presente caro: *Não posso aceitar*. O que também significa: *Não sou digno desse presente*. Mas eu sabia que isso o ofenderia.

— Mas ainda acho que nossa descoberta foi óbvia demais, fácil demais. Parte de mim não confia muito. Então melhor não tirarmos conclusões precipitadas.

— Por que não?

— Porque não consigo pensar em um motivo que seja para um jovem católico bem-sucedido do Liceu J., cujos pais provavelmente assinavam a *Action Française*, chegar perto do Kol Nidrei.

— Então o que você está dizendo?

— Que nosso Léon pode não ser Léon Deschamps.

* * *

Em minha tentativa de explorar todas as possibilidades, passei a semana seguinte inteira procurando por pistas.

Mais becos sem saída, mais pistas falsas. Até que de repente, na tarde do sábado seguinte, na casa de campo, percebi.

— Tinha uma coisa que me incomodou desde o começo. Primeiro, o fato de seu pai ter continuado a frequentar os concertos da Sainte U. aos domingos. Será que a igreja tinha alguma ligação misteriosa com Léon? Talvez a própria igreja tivesse algo a ver com o Quarteto Floriano. Eu sabia que eles tocavam havia anos ali e você mesmo me contou que seu pai financiava esses concertos. Acabei descobrindo na internet que, como eu suspeitava, não houve só uma ou duas, mas três formações do quarteto. O Floriano começou em meados de 1920 não como um quarteto, mas como um trio: violino, violoncelo e piano. E aqui vem a parte que demonstra que eu sou um verdadeiro gênio. Só que desses três membros, o pianista não era Léon Deschamps como nós

dois suspeitávamos, mas alguém que estava naquela formação havia dez anos, alguém que tocava piano, mas também violino. Seu nome era Ariel Waldstein. Pesquisando esse nome, é claro que descobri que se tratava de um pianista judeu que, embora condenado a morrer nos campos, morreu espancado até a morte porque se recusava a se separar de seu violino Amati. Ele tinha sessenta e dois anos.

— Mas o nome Ariel não é Léon — disse Michel.

— Juntei as peças desse quebra-cabeça hoje, nem sei como. Em hebraico, o nome Ariel significa “leão de Deus”: em resumo, León. Muitos judeus tem um nome judeu e um latino. Nos anos 1920, o violinista é listado como Ariel, mas no início da década de 1930 ele vira Léon, provavelmente por causa do antissemitismo crescente. O melhor jeito de descobrir mais sobre ele é perguntando ao Yad Vashem em Jerusalém.

Senti que precisava acrescentar alguma coisa neste ponto, já que toda aquela investigação e escavação a respeito da vida de Ariel Waldstein também trazia à tona um assunto que poderia parecer fortuito, mas o qual eu sabia ter uma relação mais profunda com o todo, por envolver a passagem do tempo e a redescoberta de uma pessoa a quem se amara. Eu quase conseguia sentir aonde isso ia nos levar e já estava relutante em tentar compreender mais a fundo, temendo que os pensamentos de Michel já estivessem indo nessa direção. Ele não mencionou nada, eu tampouco. No entanto, tinha certeza de que essa ideia já havia passado por sua cabeça.

* * *

Tomamos banho juntos naquela manhã de domingo, depois saímos para uma caminhada breve, usando a porta dos fundos pela primeira vez. Todos pareciam conhecer Monsieur Michel e as saudações vinham de toda parte ao longo do caminho. Ele me levou a um café que parecia não ter nada de mais, mas, no instante em que entramos, senti a atmosfera calorosa e acolhedora. Os clientes eram pessoas que tinham estacionado o carro ou a van para beber algo quente antes de voltar para a estrada. Pedimos duas xícaras de café e dois *croissants*. Três garotas de vinte e muitos anos estavam sentadas perto de nós,

reclamando dos homens em suas vidas. Gostei quando Michel, que prestava atenção na conversa, sorriu e piscou para mim.

— Os homens são péssimos — disse ele para uma das garotas.

— Péssimos. Eu realmente não entendo como vocês conseguem se olhar no espelho todas as manhãs.

— Não é fácil, mas a gente tenta — disse Michel.

Risadas. O garçom que tinha ouvido disse que as mulheres eram melhores que os homens e que a esposa dele era a pessoa mais perfeita do mundo.

— Por quê? — perguntou uma das garotas, que toda hora fazia menção de acender um cigarro, mas acabava adiando.

— Por quê? Porque ela fez de mim uma pessoa melhor. E, se me permite dizer, só uma santa para conseguir isso.

— Que santa ela é, então.

— Mas não vamos exagerar. Afinal, quem quer uma santa na cama?

A risada era geral.

Depois do café, Michel esticou as pernas embaixo da mesa e pareceu majestosamente satisfeito com a refeição.

— Mais um? — perguntou.

Fiz que sim com a cabeça, e Michel pediu mais dois cafés. Não conversamos.

— Três semanas — disse ele, finalmente, talvez para preencher o silêncio.

Repeti aquelas palavras. Então, do nada, ele estendeu a mão e segurou a minha. Deixei minha mão permanecer ali, um pouco constrangido porque o lugar estava cheio de gente em pé diante do balcão. Ele deve ter percebido meu desconforto e soltou minha mão.

— Hoje vão tocar Beethoven de novo — disse ele, como se estivesse tentando me convencer a ir.

— Achei que já estava certo.

— Bem, eu não quis tirar conclusões...

— Pare!

— Não consigo evitar.

— Mas por quê?

— Porque o adolescente ainda vive em mim, e, de vez em quando, ele solta algumas coisas e sai correndo para se esconder. Porque ele tem

medo de perguntar, porque ele acha que você vai rir, porque até mesmo confiar é difícil. Sou tímido, medroso e velho.

— Não pense assim, está bem? Quase desvendamos um mistério hoje. O que precisamos fazer é perguntar ao violoncelista hoje se ele se lembra de Ariel. Talvez não se recorde, mas, mesmo assim, vamos perguntar.

— Isso vai trazer meu pai de volta?

— Não, mas talvez o deixasse feliz, e isso vai fazer você feliz também.

Ele considerou minhas palavras por um instante, então balançou a cabeça como já tinha feito antes, sinal de aceitação tácita e compreensão resignada. Como se saltasse sobre tudo de não dito entre nós:

— Você promete que vai tocar a *cadenza*... em breve, eu espero?

— Vou tocar na próxima primavera quando estiver em turnê pelos Estados Unidos, e no outono quando voltar a Paris. Prometo.

Percebi que ele hesitou e entendi o motivo. Era hora de contar a ele.

— Tenho planos de visitar alguém que não vejo há anos. Nos Estados Unidos.

Fiquei observando enquanto ele pensava sobre o assunto.

— Você vai sozinho então?

Assenti e, mais uma vez, observei enquanto ele pensava minhas palavras.

— O Casamento de Fachada?

Fiz que sim. Eu amava que ele me decifrasse tão bem, mas temia o que podia estar entendendo.

— Estar com você me faz lembrar dele — falei. — Se o encontrar, a primeira coisa que vou querer fazer vai ser contar sobre você.

— Contar o quê? Que eu não alcanço um padrão tão alto?

— Não, porque você e ele são o padrão. Pensando bem, só houve vocês dois. Todo o resto foi casual. Você me deu dias que justificam os anos que passei sem ele.

Olhei para ele, e desta vez fui eu que estendi a mão e segurei a dele.

— Caminhada?

— Caminhada.

Já de pé, ele sugeriu que fôssemos pelo bosque até o lago.

— O que eu acho que devemos fazer é descobrir quem era Ariel Waldstein. Talvez exista alguém que possa saber mais sobre ele.

— Talvez. Mas ele tinha 62 anos quando morreu, então alguém que o conheceu pessoalmente vai ter uma idade bastante avançada.

— Então Ariel tinha o dobro da idade do seu pai na época.

Ele olhou para mim de repente e sorriu.

— Você é uma cobra!

— Eu fico pensando neles. Talvez seja isso o que alimenta nossa busca no fim das contas.

— Nós dois, você quer dizer?

— Talvez. Se a igreja tiver registros vamos descobrir. Podemos até tentar encontrar o endereço de Ariel em uma lista telefônica antiga. E se encontrarmos, deveríamos encomendar uma *Stolperstein* em seu nome.

— E se não houver descendentes? E se a linhagem parou nele, e se não houver rastros? Mais nada a descobrir?

— Então teremos feito uma boa ação. A pedra será em memória de todos aqueles que foram para a câmara de gás sem poder deixar sequer um último aviso, uma palavra de amor ou mesmo seus nomes. Exceto por uma partitura com uma oração hebraica.

— Alguém da sua família morreu durante a Shoá?

— Você sabe sobre meus tios-avôs. Acho que minha bisavó morreu em Auschwitz, mas não tenho certeza. Você morre e ninguém fala mais de você, e, de repente, ninguém mais pergunta, ninguém conta sua história, ninguém nem sabe ou quer saber. Você está extinto, nunca viveu, nunca amou. O tempo não lança sombras e a memória não joga cinzas.

Pensei em Ariel. A partitura era sua carta de amor a um jovem pianista, sua mensagem secreta. *Toque por mim. Reze o Kadish por mim. Você se lembra do tom? Está escondido aqui, sob o Beethoven, perto do Mozart, me encontre.* Quem sabe em que condições terríveis e impensáveis Léon, o judeu, escreveu sua *cadenza* para dizer *Estou pensando em você. Amo você, toque.*

Refleti sobre o velho Ariel, que visitou a casa de Adrien embora soubesse que não era bem-vindo. Ariel buscando refúgio e sendo negado ou, pior ainda, denunciado pelo pai ou pela mãe ou pelos criados, mas provavelmente com benção dos pais. Pensei em Ariel tentando fugir

para Portugal, para a Inglaterra ou, muito pior, sendo preso pela milícia francesa durante uma daquelas batidas assustadoras, quando judeus jovens e velhos eram arrancados de suas casas no meio da noite e obrigados a entrar em caminhões lotados. Ariel encurralado em algum lugar, nos vagões de gado e, finalmente, sendo espancado até a morte porque não queria se separar de seu violino, que hoje está na casa de algum alemão por aí que talvez nem saiba que o instrumento foi confiscado de alguém que morreu nos campos. Será que o pai de Michel estava tentando compensar por não ter ajudado a salvar Ariel? *Como não pude dar abrigo a você e aos que você amava, nunca mais vou tocar.* Melhor ainda: *Depois do que fizeram com você, a música morreu para mim.* Eu podia ouvir Ariel implorando: *Mas você precisa tocar. Por seu amor por mim, não pare nunca, toque isso aqui.*

Mais uma vez pensei em minha vida. Será que existia alguém que me mandaria uma *cadenza* um dia dizendo *Eu morri, mas, por favor, me encontre, toque por mim?*

— Qual é mesmo o nome da oração judaica?

— Kol Nidrei.

— Ela é recitada pelos mortos?

— Não, essa se chama Kadish.

— Você conhece?

— Todo garoto judeu aprende. Temos que ensaiar a morte dos entes queridos antes mesmo de compreendê-la. A ironia é que o Kadish é a única oração que não podemos usar para nós mesmos.

— Por quê?

— Porque você não pode rezá-la e estar morto ao mesmo tempo.

— Vocês são estranhos.

Nós rimos. Então pensei por um instante.

— Olha só, existe a possibilidade real de que essa coisa toda de Léon-Ariel não passe de ficção.

— Sim, mas nos pertence — disse ele. — Eu sei exatamente o que vamos fazer hoje à noite. Voltaremos à cidade, eu vou ser meu pai e você vai ser o jovem que eu era naqueles anos, ou vai ser meu filho que eu nunca vejo, e vamos nos sentar juntos e ouvir o Quarteto Floriano, talvez como meu pai fazia quando tinha a sua idade e Léon a minha. A vida não é tão original assim, sabe? Tem esse jeito misterioso de nos

lembrar que, mesmo sem um Deus, em retrospecto pode haver um lampejo de esplendor no modo como o destino dá suas cartas. Ele não oferece as cinquenta e duas; ele dá, digamos, umas quatro ou cinco, que, no fim, são as mesmas com as quais nossos pais e avós e bisavós jogaram, já bem gastas e dobradas. A escolha de sequências é limitada: em algum momento, as cartas vão se repetir, raramente, na mesma ordem, mas sempre segundo um padrão que parece misteriosamente familiar. Às vezes, a última nem chega a ser jogada por aquele cuja vida terminou. O destino nem sempre respeita o que acreditamos ser o fim de uma vida. Ele dará a última cartada da sua existência para aqueles que ainda estão por vir. É por isso que eu acho que todas as vidas são condenadas a permanecer inacabadas. Essa é a verdade deplorável com a qual todo mundo precisa conviver. Chegamos ao fim e nossa vida não se conclui, não chega nem perto disso! Deixamos por toda parte projetos que mal começamos, questões malresolvidas. Viver significa morrer com vários arrependimentos entalados na garganta. Como diz o poeta francês: *Le temps d'apprendre à vivre il est déjà trop tard*, até aprendermos a viver, já é tarde demais. Mas, ainda assim, deve existir alguma alegriazinha em descobrir que cada um de nós está em posição de completar as vidas de outras pessoas, de fechar o livro-razão que elas deixaram aberto e jogar por elas sua última cartada. O que poderia ser mais gratificante do que saber que sempre caberá a outra pessoa completar e concluir nossa vida? Alguém que amamos e que nos ama o bastante. No meu caso, gostaria de acreditar que vai ser você, mesmo que não estejamos mais juntos. É como já saber quem é a pessoa que vai fechar meus olhos. Quero que seja você, Elio. *Voilà*.

Por um instante, enquanto eu ouvia Michel, ocorreu-me que só havia uma pessoa no mundo que eu gostaria que fechasse meus olhos. E ele, eu esperava, mesmo sem ter dito uma só palavra durante anos, atravessaria o planeta para colocar sua mão sobre meus olhos, como eu faria com ele.

— Então — disse Michel —, vamos encontrar o membro mais velho do quarteto, aquele que você estava interessado em ouvir duas semanas atrás, e ver se ele lembra. Mas, antes disso, durante o intervalo, vamos comprar cidra quente com a freira decrépita, talvez fingir mais uma vez que não nos conhecemos, prometer nos encontrarmos depois do

concerto, sabendo que depois vamos sair para um lanchinho.

— Meu Deus, eu já falei o quanto queria que você me abraçasse e me chamasse para ir embora com você naquela noite? Estava quase a ponto de dizer alguma coisa, mas acabei me segurando.

— Talvez não estivesse nas cartas naquela noite. — Ele sorriu.

— Talvez não.

Ele olhou para mim enquanto enrolava o cachecol no pescoço.

— Está com frio? — perguntou.

— Um pouco — assumi. Percebi que ele estava apreensivo comigo, mas não queria demonstrar.

— Quer voltar para casa?

Fiz que não com a cabeça.

— Fico com frio quando estou nervoso.

— Por que você está nervoso?

— Não quero que isso acabe.

— Por que acabaria?

— Por nada.

— Você é a carta que esta vida quase me tirou. Hoje à noite faz três semanas, e poderia muito bem nem ter acontecido. Eu preciso... — mas ele parou.

— Você precisa?

— Preciso de mais uma semana, mais um mês, mais uma estação, mais uma vida, na verdade. Quero o inverno. Porque na primavera você vai sair em turnê. E, por baixo de todas as camadas que descobrimos hoje, sei que existe uma pessoa para você, e não acredito que seja eu.

Eu não disse nada. Ele sorriu, melancólico.

— O Casamento de Fachada talvez. — Então ele hesitou por um instante, e eu ouvi sua voz sair estrangulada. — A única coisa que eu quero nesta vida é que você seja feliz. O resto... — Ele não conseguiu terminar a frase. Balançou a cabeça querendo dizer que o resto não importava.

Nenhum de nós tinha algo a acrescentar. Eu o abracei e ele me abraçou, e ainda estávamos assim quando Michel viu um bando de gansos no céu.

— Olha!

Eu não o soltei.

— Novembro — falei.

— Sim. Nem inverno, nem outono. Sempre gostei de novembro aqui.
Paisagem campestre de Corot.

Capriccio

Erica e Paul.

Eles não se conheciam, mas saíram juntos do mesmo elevador. Ela estava de salto, ele de *dockside*. A caminho do meu andar, descobriram que estavam indo ao mesmo apartamento e que até conheciam alguém em comum, um tal de Clive de quem eu não sabia nada. Como poderiam ter chegado a Clive me pareceu estranho, mas por que achar alguma coisa estranha em uma noite que já prometia sê-lo, já que as duas pessoas que eu queria tanto ver na minha festa de despedida tinham chegado juntas. Ele veio com o namorado, consideravelmente mais velho, ela com o marido, mas eu ainda não conseguia acreditar que, depois de meses querendo me aproximar mais dos dois, finalmente ambos estavam debaixo do meu teto na minha última semana na cidade. Havia muitos outros presentes — mas quem ligava para os outros convidados? O namorado dele, o marido dela, o instrutor de ioga, a amiga que Micol vivia dizendo que eu tinha que conhecer, o casal com quem fiz amizade no outono passado em uma conferência sobre judeus expatriados do Terceiro Reich, o acupunturista peculiar do apartamento 10H, o acadêmico de lógica maluco do meu departamento com a esposa vegana doidinha e o querido doutor Chaudhuri, do Mt. Sinai, que aceitou reinventar o conceito de coquetel esta noite para acomodar os convidados. Em determinado momento, abrimos o *prosecco* e todos brindaram a nosso retorno a New Hampshire. Os discursos ecoaram no apartamento já vazio e alguns alunos da pós brindaram a mim e implicaram comigo com carinho e bom humor, enquanto outros convidados iam e vinham.

Mas os dois que importavam ficaram. Houve até um momento, enquanto as pessoas perambulavam pelo apartamento estéril, em que fui atrás dela rumo ao terraço. Ele veio atrás, e os dois então se apoiaram no parapeito com taças nas mãos, conversando sobre o tal do Clive, ela à minha esquerda, ele à minha direita. Coloquei minha taça no chão e abracei a cintura de ambos, amigável, casual, totalmente normal. Então recolhi os braços e, apoiados no parapeito, nós três, ombro a ombro, assistimos o sol se pôr.

Nenhum dos dois se afastou de mim. Os dois encostados em mim. Demorei meses para trazê-los aqui. Era nosso momento tranquilo no terraço com vista para o Hudson, nessa noite excepcionalmente quente no início de novembro.

O meu departamento e o dele ficavam no mesmo andar da universidade, mas não tínhamos relações acadêmicas. Pela aparência, eu imaginava que era aluno da pós terminando a tese, um pós-doutorando recente ou um professor-assistente a caminho de se tornar titular. Compartilhávamos a mesma escada e o mesmo andar, às vezes, nossos caminhos se cruzavam em reuniões do corpo docente, ou, com maior frequência, no Starbucks a duas quadras da Broadway, geralmente no fim da tarde, antes de os seminários da pós começarem. Também reparamos um no outro em algumas ocasiões no mesmo restaurante de saladas do outro lado da rua e não conseguíamos não sorrir aos nos encontrarmos depois do almoço para escovar os dentes no mesmo banheiro. Topar um com o outro a caminho do banheiro masculino com a pasta de dente já na escova se tornou motivo de sorrisos constantes. Pelo jeito, nenhum de nós levava o tubo para o banheiro. Um dia ele olhou para mim e perguntou:

— Aquafresh?

Assenti. Como ele sabia? Pelas listras, respondeu. Então, aproveitando a abertura, perguntei qual marca ele usava.

— Da Tom's of Maine.

Eu devia saber. Ele definitivamente era do tipo Tom's of Maine. Provavelmente, usava o desodorante da Tom's, o sabonete da Tom's e outros produtos não convencionais encontrados, principalmente, em lojas de alimentação saudável. Às vezes, depois de vê-lo cuspir a pasta, eu sentia vontade de saber como era o gosto de erva-doce depois da salada.

Não estávamos flertando, mas algo implícito pairava sobre nós. Nossa frágil ponte flutuante era construída sobre tímidas cordialidades vespertinas e desmantelada às pressas na manhã seguinte com um cumprimento breve quando acontecia de nos encontrarmos na escada. Eu queria alguma coisa, e imagino que ele também. Mas nunca tive certeza de ter decifrado a situação com suficiente clareza para dizer qualquer coisa ou fazê-la avançar. Durante uma de nossas breves

interações, aproveitei a oportunidade para dizer que meu período sabático estava chegando ao fim e que logo eu voltaria a New Hampshire. Ele disse que era uma pena ouvir isso; tinha planos de participar do meu seminário sobre os pré-socráticos.

— Mas o tempo! — disse. — O tempo! — misturando um sorriso desajeitado e pesaroso com um suspiro contido.

Então ele tinha pesquisado sobre mim e sabia sobre meu seminário sobre os pré-socráticos. Lisonjeiro. Ele estava perto do prazo de terminar seu livro sobre o pianista russo Samuil Feinberg. Eu nunca tinha ouvido falar de Feinberg e senti que isso acrescentava outro lado a ele que eu gostaria de ter tempo para conhecer melhor. E, caso estivesse livre e quisesse ir a uma pequena reunião de despedida em nosso apartamento quase vazio — não restavam mais do que quatro cadeiras, alertei —, eu adoraria. O que acha? Com certeza, respondeu. A resposta foi tão rápida que fiquei tentado a não acreditar nele.

O que nos leva a Erica. Fazíamos ioga juntos. Às vezes ela chegava especialmente cedo — às seis da manhã — assim como eu; às vezes nós dois íamos bem tarde, às oito da noite. Em algumas ocasiões, íamos duas vezes no mesmo dia, às seis da manhã e às seis da tarde, quase como se estivéssemos procurando o outro, mas soubéssemos que era improvável dois encontros no mesmo dia. Ela gostava do canto dela, e eu sempre ficava a menos de meio metro de distância. Mesmo quando ela não estava, eu preferia estender meu colchonete a pouco mais de um metro da parede. No início era porque eu gostava do nosso lugar de sempre, depois, porque descobri maneiras sutis de guardar o lugar dela. Mas nem eu nem ela frequentávamos as aulas regularmente, então demorou muito até que trocássemos sequer um aceno de cabeça apressado. Às vezes, quando eu já estava deitado de olhos fechados, ouvia alguém largar um colchonete ao lado do meu. Sem olhar, eu sabia quem era. Mesmo quando ela se aproximava do nosso canto estreito, descalça, eu reconhecia seu movimento tímido e furtivo, o som da sua respiração, o modo como pigarreava depois de deitar. Ela não escondia a reação de surpresa e, ao mesmo tempo, de satisfação ao me encontrar. Eu era mais circunspecto e fingia uma reação tardia com um *Ah, é você* repentino. Eu não queria ser óbvio, nem dar a impressão de que estava ansioso por uma conexão além daquilo que sempre foi um bate-papo

leve e superficial na ioga quando nos encontrávamos do lado de fora do estúdio, os dois sem sapatos, esperando que a turma anterior liberasse a sala. Havia algo de cortês, mas levemente irônico, quando discutíamos nosso desempenho medíocre na aula ou reclamávamos do professor substituto ruim ou suspirávamos, desejando um bom fim de semana depois de ter ouvido a previsão de tempestade. Nós dois sabíamos que nada disso iria a lugar algum. Mas eu gostava de seus pés esguios, dos ombros macios reluzindo um bronzeado de verão que parecia se ressentir por deixar o cheiro do protetor solar do último fim de semana passar. Acima de tudo, eu gostava de sua testa, que não era achatada, mas arredondada e que sugeria pensamentos que eu não conseguia colocar em palavras, mas que queria conhecer melhor, porque havia uma ironia tardia flutuando visivelmente sobre seus traços sempre que dava um sorriso. Ela usava roupas justas que deixavam expostas as panturrilhas torneadas e, se soltasse as rédeas da imaginação, eu imaginaria facilmente suas pernas levantadas a noventa graus na posição *Viparita karani*, os calcanhares descansando em meu peito, os dedos em meus ombros, os tornozelos em minhas mãos, eu ajoelhado de frente para ela. Então, se ela flexionasse as pernas e lentamente colocasse os joelhos em volta da minha cintura, bastaria ouvir sua respiração e um gemido para saber que o que eu queria era mais do que uma companheira de ioga.

Eu estava pensando em convidar o professor de ioga para a despedida, disse. Ela e o marido gostariam de se juntar a nós? Seria ótimo, respondeu.

Então aqui estão os dois. Estava calor para novembro, as janelas estavam bem abertas e uma brisa do rio soprava pela sala, as velas tremeluziam nos peitoris das janelas, e a sensação geral era de estarmos todos em um filme, aproveitando uma encantadora noite de sábado na qual nada pode dar errado. Tudo o que fiz foi apresentar pessoas e fazer perguntas, com destreza, para que nenhuma soasse como aquelas questões banais e ensaiadas dos anfitriões que sentem uma conversa prestes a morrer. *O que você achou do final daquele filme? O que achou daqueles dois atores mais velhos? Mas você gostou tanto desse quanto do último do mesmo diretor? Eu costumo gostar de filmes que terminam de repente, com música. E você?*

Era minha festa de despedida, mas eu ainda era o anfitrião. Garanti que o *prosecco* seguisse fluindo livremente, e todos pareciam relaxados. Dava para ver no modo como os dois estavam encostados contra a parede conversando e, quando me juntei a eles, eu senti que éramos um grupo à parte. Se todos tivessem saído, não perceberíamos e continuaríamos conversando sobre esse ou aquele livro, esse filme ou aquela peça, um assunto emendando no outro sem nunca discordarmos.

Eles faziam perguntas também — a mim, um ao outro e, de vez em quando, viravam-se para aqueles que haviam se aproximado de nós perto da cozinha para atraí-los para a conversa. Caímos na gargalhada e segurei a mão dos dois, ciente de que ambos gostaram que eu tivesse feito isso, porque responderam com um aperto suave que não era frouxo nem simplesmente uma gesto recíproco por educação. Em determinado momento ele, e depois ela, passaram a mão nas minhas costas, com delicadeza, quase como se sentissem prazer na maciez do meu suéter. Foi uma noite incrível, estávamos bebendo, nossos celulares não tocaram nem uma vez e a sobremesa do dr. Chaudhuri sairia em breve. A festa estava prevista para terminar às 20h30, mas era bem mais que isso e ninguém dava sinal de querer ir embora.

Às vezes eu lançava um olhar para Micol como quem diz *Tudo bem por aí?*, e ela correspondia com um aceno apressado de cabeça como quem diz *Sim... e por aí?* Eu respondia *Por aqui tudo bem*. Éramos uma equipe perfeita e ser uma equipe era o que nos mantinha juntos. Foi por isso, eu acho, que sempre soubemos que éramos um bom casal. Trabalho em equipe, sim. E, às vezes, paixão.

Qual é a desses dois? Ela sinalizou inclinando a cabeça, curiosa, referindo-se aos dois convidados jovens que nunca tinha visto. *Te conto depois*. Ela pareceu um pouco tensa e desconfiada. Eu conhecia aquela expressão desmancha-prazeres que dizia *Você está aprontando alguma coisa*.

Os dois tinham senso de humor e riam bastante, às vezes às minhas custas, pois raramente eu estava atualizado a respeito de tópicos que todos pareciam conhecer. Deixei que se divertissem.

Em dado momento, Erica interrompeu e sussurrou:

— Não olha agora, mas a amiga da sua esposa não para de olhar para cá.

— Ela está de olho em um emprego na universidade, e é por isso que a estou evitando.

— Não está interessado? — perguntou Paul, uma pitada de ironia na voz.

— Ou não está convencido? — acrescentou ela.

— Não estou impressionado — respondi. — Além do mais, não tenho muita certeza do que minha mulher está aprontando.

— Mas ela é bonita — disse Erica.

Balancei a cabeça com um sorriso desdenhoso.

— Fala baixo! Ela sabe que estamos falando dela.

Nós três desviamos o olhar, encabulados.

— Além do mais, o nome dela é Kirin — acrescentei.

— Não é Kirin, é Karen — disse ele.

— Eu ouvi Kirin.

— Na verdade, ela disse Kirin mesmo — concordou minha companheira de ioga.

— Porque ela fala michigander.

— Você quer dizer michiganês.

— Parece mishuga.

Caímos na gargalhada. Não conseguíamos nos controlar.

— Estão observando a gente — disse ele.

Enquanto ainda tentávamos abafar a risada, minha mente se adiantou. Eu queria aqueles dois em minha vida. Sob quaisquer condições. Eu queria os dois agora, com o namorado dele, o marido dela, o que fosse, com seus filhos recém-nascidos ou adotados, se fosse o caso. Eles seriam livres para ir e vir quando quisessem, bastaria que estivessem em minha vida diária monótona e enfadonha em New Hampshire.

E se Erica e Paul acabassem gostando um do outro de um jeito imprevisto — que não seria tão imprevisto, afinal?

Quem sabe isso causasse em mim uma emoção por tabela. A libido aceita qualquer moeda, e esses sentimentos vicários em geral são confiáveis o bastante para imitar o prazer real. Ninguém nunca foi à falência pegando carona no prazer de outra pessoa. Nós só falimos quando não queremos mais ninguém.

— Você acha que ela poderia fazer alguém feliz? — perguntei sobre a

amiga da minha esposa, sem saber exatamente por quê.

— Um homem como você? — acrescentou ele, imediatamente, sorrindo, como se estivesse prestes a lançar um dardo, enquanto o sorriso dela, malicioso, mas discreto, me dizia que talvez tivesse lido o que havia de implícito na minha pergunta. Os dois pareciam concordar que eu não era do tipo fácil de agradar.

— Se vocês soubessem o quanto as coisas que eu quero são simples.

— Por exemplo? — perguntou ela, quase abrupta demais, como se estivesse ansiosa para me pegar enrolando ou mentindo.

— Posso citar duas.

— Pois cite então — disse ela, desafiando-me no ato, sem perceber que tinha falado com muita pressa e que minha resposta, claramente na ponta da língua, não era nada do que ela esperava.

Percebendo que eu hesitava:

— Talvez ele não queira responder — disse ele.

— Talvez eu queira — falei.

Mais uma vez um sorriso pesaroso estremeceu os lábios dela.

— Talvez não.

Então agora ela sabe, ela deve saber. Percebi que a estava deixando nervosa. Mas esse, eu sabia por experiência própria, era o momento em que a pergunta ousada é feita, ou nem precisa ser feita, porque a resposta só pode ser sim. Ela estava nervosa.

— Bem, seja como for, a maioria das coisas que queremos são imaginárias, não são? — questionei, tentando mais uma vez suavizar o que tinha acabado de dizer, para dar ela uma saída caso estivesse procurando por uma. — E alguns dos desejos que a gente mais almeja acabam tendo um significado maior quando não se realizam do que o contrário. Não acham?

— Acho que nunca esperei tempo suficiente para saber como são esses desejos adiados — disse ele, caindo na gargalhada.

— Eu já — disse ela.

Olhei para eles, e eles olharam para mim. Eu gostava de momentos constrangedores como esse. Às vezes, bastava para mim prolongá-los, sem ter a pressa de arrancá-los pela raiz. Mas a tensão estava aumentando e ela se apressou em dizer alguma coisa, qualquer coisa, o que também me revelou que tinha de fato intuído o que eu não dizia:

— Tenho certeza de que deve ter havido alguém que algum dia magoou você, ou marcou.

— Houve — respondi. — Algumas pessoas nos abandonam e nos deixam feridos. — Pensei por um instante. — No meu caso, eu é que abandonei, eu é que nunca me recuperei.

— E ela?

Hesitei por um instante.

— Ele — corrigi —, e acho que também não. Mas foi há muito tempo. Na Itália.

— Na Itália, é claro. Eles fazem as coisas de um jeito diferente lá.

Ela é esperta, pensei.

* * *

Erica e Paul.

Então, sim, eles se deram bem. Deixei os dois conversando e fui até alguns dos outros convidados. Até brinquei um pouco com a amiga de Micol, que, apesar da marca de nascença, tinha alguma beleza e uma ironia bastante vívida, o que queria dizer que ela era uma talentosa aspirante a crítica.

Por um instante, minha mente voltou àqueles fins de semana do último ano acadêmico, quando amigos da universidade vinham para nosso habitual jantar informal de domingo. Comíamos a tradicional torta de frango, as quiches — ambas compradas e prontas para serem aquecidas — e a salada de repolho com todo tipo de ingrediente, que era minha marca registrada. Traziam queijos e sobremesa também. E tinha muito vinho e bons pães. Conversávamos sobre trirremes e fogo gregos, sobre símiles homéricas e figuras retóricas gregas em autores modernos. Eu perderia tudo isso, bem como os pequenos rituais novaiorquinos adquiridos sem que eu percebesse e dos quais aprenderia a sentir falta quando estivesse em outro lugar. Perderia meus colegas e novos amigos, isso para não falar dos dois, em especial agora que estávamos familiarizados uns com os outros, além do universo da ioga e da academia.

Olhei em volta e notei que o ambiente estava tão vazio quanto no dia em que Micol e eu nos mudamos, em agosto passado. Uma mesa,

quatro cadeiras, algumas cadeiras externas castigadas pelo tempo, um aparador, estantes vazias, um sofá com o assento afundado, uma cama, armários com inúmeros cabides pendurados feito pássaros empalhados com as asas abertas e aquele piano de cauda desolador que nem Micol nem eu sequer encostamos e que ainda estava coberto de programas de peças que jurávamos que levaríamos para New Hampshire, mas já sabíamos que não. Todo o resto já havia sido embalado e despachado. A universidade tinha estendido nossa estadia até meados de novembro, que era quando o próximo professor titular, também do Departamento de Clássicas, chegaria. Maynard e eu fizemos pós juntos e eu já tinha escrito um bilhete de boas-vindas para ele. *A secadora demora demais e o Wi-Fi é instável*. E eu, que nunca tive inveja dele, agora trocava meu destino pelo seu em um segundo.

* * *

Em determinado momento, e como eu havia previsto, os dois voltaram a falar sobre Clive, o jornalista, cujo sobrenome nenhum deles lembrava. Paul vestia uma camisa branca de linho folgada com o botão do peito bem aberto. Quando ele levantou o cotovelo e levou a mão à testa na tentativa de lembrar do sobrenome de Clive, vi a pele de seu braço até o escasso tufo de pelos em sua axila. Ele, provavelmente, depila, pensei. Eu amava a pele reluzente dos pulsos — tão bronzeados. Consequia me imaginar passando o resto da noite à espera de vê-lo levar a mão à cabeça na próxima vez em que tentasse se lembrar do nome de alguém.

De vez em quando, eu o via trocar um olhar apressado e misterioso com o namorado do outro lado da sala. Conluio e solidariedade — era bonitinho o modo como pareciam buscar um ao outro.

Ela também tinha vindo com uma camisa folgada, mas azul-celeste. Eu não conseguia ver seu colo, sutil o bastante para não ser provocante, mas sabia que ela percebia sempre que eu olhava. Eu nunca a tinha visto com roupas que não fossem de ioga. Eram as sobancelhas escuras e os olhos castanhos grandes que me atraíam — eles não só encaravam a outra pessoa, como também eram inquisidores e insistentes, como se estivessem à espera de uma resposta que nosso olhar vazio e sem

palavras não era capaz de oferecer. Mas, ao mesmo tempo, eles não estavam perguntando nada. Exibiam a aparência da familiaridade absoluta de alguém que reconhece você e está tentando se lembrar de onde, um leve toque de zombaria que era só sua maneira de dizer que não a estávamos ajudando e que ela percebia nosso fingimento, pois sabia que lembrávamos. Havia, e eu vinha notando com muita frequência, algo implícito sempre que ela desviava o olhar até mim; quase me fez romper o silêncio entre nós certa vez quando a vi na fila do cinema. Ela estava com o marido, dizendo alguma coisa para ele, quando, de repente, virou-se e olhou para mim, e, por um breve instante, ficamos nos encarando até que nos reconhecêssemos, nos analisássemos em silêncio e, simplesmente, acenássemos um cumprimento velado, que queria dizer *Ioga, né? Isso, ioga*. Então olhamos em outras direções.

Enquanto isso, Micol e o professor de ioga decidiram ir até o terraço para fumar. Ele estava fazendo ela rir. Gostei do som, porque ela raramente ria — nós raramente ríamos. Peguei um cigarro de um dos convidados e me juntei a eles.

— Nós já encaixotamos os cinzeiros — explicou minha mulher, segurando um copo de plástico quase vazio em cuja borda batia as cinzas do cigarro.

— Não tenho força de vontade — disse o instrutor de ioga sobre si mesmo.

— Nem eu — respondeu ela, os dois rindo agora enquanto ele estendia a mão em direção ao copo e batia as cinzas. Batemos papo por mais um tempinho até que algo completamente inesperado aconteceu.

Alguém tinha aberto o piano e já estava tocando o que eu reconheci imediatamente como uma peça atribuída a Bach. Quando voltei para a sala, o grupo tinha se reunido em volta do piano para ouvir o que eu devia ter adivinhado, mas não queria: Paul tocando. Por um instante, e talvez porque eu não estivesse preparado para isso, fiquei petrificado. Já tínhamos enviado os tapetes com a mudança e, portanto, o som era muito mais nítido, mais rico e ecoava pelo apartamento vazio, quase como se ele estivesse tocando em uma basílica enorme e vazia. Por que eu não adivinhara que ele se sentiria tentado por aquela relíquia? Ou que seria assim que ele tocaria uma peça que eu não ouvia havia tantos

anos?

A execução durou alguns minutos e tudo o que eu queria era me aproximar por trás dele, segurar sua cabeça, beijar sua nuca e pedir que, por favor, por favor, tocasse de novo.

Ninguém parecia conhecer a peça, e, quando Paul terminou, um silêncio respeitoso tomou a sala. Seu namorado atravessou a multidão e colocou a mão com muita delicadeza em seu ombro, provavelmente para pedir que parasse de tocar, mas Paul, de repente, recomeçou dessa vez com uma peça de Schnittke e todos começaram a gargalhar. Ninguém conhecia essa também, mas todos riram mais uma vez quando ele deu início a uma versão alucinada de “*Bohemian Rhapsody*”.

Decidi me sentar no revestimento de metal de um dos aparelhos de calefação sob o peitoril da janela, e Erica logo sentou-se ao meu lado, em silêncio, como um gato querendo se aconchegar em um cantinho em cima da lareira sem tocar ou desarrumar as porcelanas. Tudo que ela fez foi se virar e procurar pelo marido, e, ao fazer isso, deixou que seu cotovelo direito se apoiasse em meu ombro. Ele estava em pé do outro lado da sala segurando uma taça de vinho com as duas mãos, parecendo apreensivo. Ela sorriu para ele. Ele acenou de volta. Eu quis saber mais sobre os dois. Mas quando se virou para o pianista, não tirou o cotovelo do meu ombro. Ela sabia o que estava fazendo. Ousada, mas indecisa. Só que eu não conseguia me concentrar em mais nada. Admirei o sossego despreocupado em relação a um corpo desconhecido oriundo da confiante disposição de quem está acostumada a encontrar companhia com facilidade. Me fez lembrar dos meus dias de juventude, quando eu também supunha que os outros não só não se importariam como o meu toque como, na verdade, estariam esperando por isso. A gratidão por uma confiança tão despreocupada fez com que eu procurasse a mão que estava mais perto do meu ombro; dei-lhe um aperto leve e momentâneo para agradecer-lhe por sua amizade, sabendo que ao pegar sua mão eu tiraria o cotovelo de onde estava. Ela não pareceu se importar, mas logo seu cotovelo se afastou. Micol, que estava na cozinha, parou ao lado do aparelho de calefação e colocou a mão sobre meu ombro. Muito diferente do cotovelo de Erica.

O namorado de Paul disse a ele que era hora de parar de tocar, pois logo teriam de ir embora.

— Quando ele começa ninguém segura. Depois eu tenho que ser o chato que acaba com a festa.

Nessa hora, levantei e fui até meu amigo, que ainda estava ao piano. Coloquei o braço em volta dele e disse que reconhecia o Arioso de Bach e que não imaginei que ele fosse tocá-lo.

— Eu também não — disse ele, sua reação de surpresa ao mesmo tempo sincera e muito cândida. Ele ficou feliz por eu ter reconhecido a peça. — É uma peça que Bach escreveu sobre a partida de seu amado irmão. Como você está indo embora, tem um significado. Se quiser, posso tocar de novo para você.

Que homem encantador, pensei.

— Porque você está indo embora — repetiu ele, e todos ouviram, e a humanidade absoluta em sua voz arrancou algo de mim que eu não podia mostrar ou expressar entre tantos convidados.

Então, mais uma vez, ele tocou o Arioso. Era para mim, todos viam isso, mas o que partiu meu coração foi saber, assim como ele devia imaginar, que a pior parte das despedidas e partidas é essa quase certeza de que nunca mais vamos nos ver. O que ele não sabia, e não teria como, é que foi esse mesmo Arioso que ouvi tocarem para mim uns vinte anos antes quando, também naquela vez, era eu quem estava partindo.

Você está ouvindo isso? Perguntei à pessoa que estava ausente naquela noite, mas não ausente para mim.

Estou ouvindo.

E você sabe, eu sei que sabe, que tenho me debatido todos esses anos.

Eu sei. Mas eu também.

Que música maravilhosa essa que você tocava para mim.

Eu queria.

Então você não esqueceu.

É claro que não.

* * *

Enquanto Paul tocava, eu olhava para o rosto dele e não conseguia deixar seus olhos, que também me encaravam com graça e elegância tão desprendidas que eu os sentia no âmago. Enquanto Paul tocava, eu

soube que dizia palavras misteriosas e sedutoras sobre como minha vida tinha sido, ou ainda poderia ser, ou talvez nunca fosse, e soube que a escolha dependia do próprio teclado, e que ninguém me avisou.

Paul tinha terminado o Arioso de Bach quando explicou que começaria um Prelúdio Coral transcrito por Samuil Feinberg.

— Menos de cinco minutos, prometo — disse ele, dirigindo-se ao parceiro. — Mas este pequeno Prelúdio Coral — interrompeu a música antes de retomá-la — pode mudar a sua vida. Acho que muda a minha sempre que eu o toco.

Ele estava falando comigo?

Como ele poderia saber sobre a minha vida?

Ao mesmo tempo, ele tinha que saber — e eu queria que ele soubesse. A capacidade da música de mudar a minha vida significou algo irredutivelmente claro no momento em que ele me disse tudo isso, e, no entanto, eu já sentia que as próprias palavras me escapariam em questão de segundos, como se seu significado estivesse para sempre vinculado ao som, a uma noite no Upper West Side quando um jovem me apresentou a uma peça que eu nunca tinha ouvido e que, a partir dali, jamais desejaria parar de escutar. Ou seria a noite de outono que ficou mais clara com o Bach, ou a perda desse apartamento vazio cheio de pessoas de quem eu tinha aprendido a gostar e de quem gostava ainda mais por causa do conforto da música? Ou seria a música apenas uma premonição dessa coisa chamada vida, que se tornava mais palpável, que se tornava mais real — ou menos — porque havia magia presa em seus vincos? Ou seria seu rosto, apenas seu rosto, quando olhou para mim da cadeira e disse *Se quiser, posso tocar de novo para você?*

Ou talvez o que ele quis dizer foi o seguinte: se a música não transformar você, querido amigo, que ela ao menos seja capaz de fazê-lo se lembrar de algo profundamente seu que você perdeu de vista, mas que nunca desapareceu, e ainda responde quando chamado pelas notas certas, como um espírito gentilmente desperto de seu sono prolongado pelo toque certo de um dedo e pelo silêncio certo entre as notas. *Posso tocar de novo para você.* Alguém tinha me falado essas mesmas palavras duas décadas antes: *Este é Bach transcrito por mim.*

Ao olhar para Erica, sentada ao meu lado no aparelho de calefação, e

para Paul, ao piano, eu também quis que suas vidas mudassem por causa dessa noite, da música, de mim. Ou talvez eu só quisesse que os dois trouxessem algo do meu passado de volta, porque era o passado, ou algo como o passado, como a memória, ou não só a memória, mas camadas mais profundas, a marca-d'água invisível da vida que eu não estava vendo ainda.

Então mais uma vez sua voz. *Sou eu, não sou, sou eu quem você está procurando, sou eu que a música evoca esta noite.*

Olhei para os dois e percebi que não faziam ideia. Eu mesmo não fazia. E já conseguia ver que a ponte entre nós três estava destinada a permanecer frágil e que se desmantelaria e ficaria à deriva depois desta noite, e toda a amizade e a alegria, fomentadas pelo *prosecco*, pela música e pelas comidas do dr. Chaudhuri, tudo isso se dissiparia. As coisas poderiam até regredir ao que eram antes de discutirmos pastas de dente ou rirmos do instrutor de ioga malvado, cujo hálito, a propósito, era muito desagradável, não era?, comentara ela um dia, assim que tivemos um momento sozinhos depois da aula.

Enquanto Paul tocava, pensei em nossa casa em New Hampshire e em como tudo lá parecia distante e triste quando eu olhava pela janela e via o Hudson ao longe. Pensava nos lençóis que tiraríamos de cima dos móveis quando chegássemos em casa, na limpeza e ventilação da casa, em todos aqueles jantares de segunda à sexta, apressados, sentados frente a frente, sozinhos agora que os meninos não moravam mais conosco. Éramos próximos, mas também distantes, o fogo imprudente, o entusiasmo, a risada louca, a corrida até o Arrigo's Night Bar para pedir batatas fritas e dois martinis, como tudo isso desaparecera rápido com o passar dos anos. Eu achava que o casamento nos aproximaria mais e que eu viraria uma nova página. Achei que morar em Nova York sem os filhos nos aproximaria mais. Mas eu estava mais próximo da música, do Hudson, daqueles dois indivíduos sobre quem eu não sabia nada e cujas vidas provavelmente não me importavam nada, seu Clive, seus parceiros ou maridos. Em vez disso, enquanto o Prelúdio Coral preenchia a sala e ficava um pouco mais alto, minha mente vagou para outro lugar, como sempre faz quando bebo um pouco e ouço um piano cortando um oceano e os mares e anos até chegar ao velho Steinway tocado por alguém que, como o espírito evocado por Bach esta noite,

pairava nessa sala estéril para me lembrar: *Ainda somos os mesmos, não nos afastamos*. Era assim que ele sempre falava comigo nesses momentos, *Ainda somos os mesmos, não nos afastamos* — com uma languidez maliciosa curvando cada um de seus traços. Ele quase disse isso cinco anos atrás, quando veio me ver em New England.

Eu tento sempre lembrá-lo de que ele não tem motivo para me perdoar.

Mas ele solta uma risada impetuosa, afasta meus protestos e, nunca com raiva, sorri, tira a camisa, senta em meu colo de bermuda, suas coxas abraçando as minhas e seus braços envolvendo a minha cintura com firmeza enquanto eu tento me concentrar na música e na mulher ao meu lado e, levantando o rosto até o meu como se fosse beijar meus lábios, sussurra: *Seu bobo, é preciso dois deles para valer por um de mim. Eu posso ser homem e mulher, ou ambos, porque você foi ambos para mim. Me encontre, Oliver. Me encontre*.

Ele me visitou muitas vezes antes, mas não assim, não como esta noite.

Diga alguma coisa, por favor, me diga mais alguma coisa, quero dizer. Eu poderia, se me permitisse, abordá-lo com palavras cautelosas, passos hesitantes. Bebi o bastante esta noite para acreditar que ele adoraria saber de mim. A ideia me anima, a música me anima, o jovem ao piano me anima. Quero romper nosso silêncio.

Você sempre foi o primeiro a falar. Me diga alguma coisa. São quase três da manhã, onde você está. O que você está fazendo? Está sozinho?

Duas palavras suas e todos são reduzidos a substitutos, incluindo eu mesmo, minha vida, meu trabalho, minha casa, meus amigos, minha mulher, meus meninos, o fogo grego e as trirremes gregas, e esse romancezinho com o sr. Paul e a sra. Erica, tudo vira um biombo, a própria vida uma distração.

E só existe você.

Eu só penso em você.

Você está pensando em mim esta noite? Eu acordei você?

Ele não responde.

— Acho que você devia conversar com minha amiga Karen — disse Micol.

Faço uma piada às custas de Karen.

— Também acho que você já bebeu o bastante — retruca, ríspida.

— E acho que vou beber mais um pouco — devolvi, virando-me para conversar com o casal de especialistas em expatriados judeus do Terceiro Reich. Sem saber como, comecei a rir. O que é que aqueles dois estavam fazendo em minha quase ex-casa?

Segurando outra taça de *prosecco*, fui conversar com a amiga de Micol. Mas, ao ver os especialistas em expatriados judeus do Terceiro Reich, lá estava eu rindo de novo.

Claramente, eu tinha bebido demais.

E, de novo, eu estava pensando em minha mulher e em meus filhos na faculdade. Quando estivermos de volta em casa, todos os dias ela vai se sentar para terminar seu livro. Diz que lá vai me deixar lê-lo, quando estivermos de volta à nossa cidadezinha universitária e eu estiver usando botas de neve durante todo o ano letivo, dando aulas com botas de neve, indo ao cinema com botas de neve, a jantares, a reuniões docentes, ao banheiro, para a cama com botas de neve, e tudo isso aqui esta noite, pertencerá a outra era. Erica será uma coisa do passado, assim como Paul, e eu não serei mais que uma sombra se agarrando a esta parede que não me verá amanhã, ainda sem desistir, como uma mosca lutando contra a brisa que deve levá-la para longe. Eles lembrariam?

Paul perguntou por que eu estava rindo.

— Eu devo estar feliz — respondi. — Ou foi muito *prosecco*.

— Eu também.

Isso fez nós três rirmos.

* * *

Eu me lembrei de que, depois do Arioso e do Prelúdio Coral, depois dos brindes sem fim e de todo o *prosecco*, houve um momento constrangedor em que ajudei Erica a encontrar seu cardigã no quarto de hóspedes. Dois dos convidados já tinham ido embora, outros estavam reunidos no corredor, esperando. Estávamos sozinhos no quarto e, ao

dizer o quanto estava feliz por ela ter vindo, eu poderia ter deixado que o silêncio entre nós demorasse mais um pouco. Senti seu desconforto, mas sabia que ela não teria se importado com mais alguns segundos daquilo. Decidi não forçar mais as coisas e me vi dando um beijo de despedida em seu pescoço nu, em vez de em seu rosto. Ela sorriu, eu também. O meu sorriso era um pedido de desculpa, o dela era tolerância.

Quando chegou a hora de me despedir dele, fiz menção de apertar sua mão, mas ele me abraçou antes mesmo que minha mão tocasse a sua. Gostei das omoplatas encostando em mim quando nos abraçamos. Então ele me beijou nas duas bochechas. O namorado me beijou assim também.

Fiquei contente, emocionado e arrasado. Parado à porta, vi os quatro atravessarem o corredor. Nunca mais os encontraria.

O que eu queria deles? Que gostassem um do outro para que eu pudesse me sentar, beber mais *prosecco* e decidir se me juntava a eles ou não? Ou será que eu gostava dos dois e não conseguia decidir qual deles eu queria mais? Ou será que eu não queria nenhum dos dois, mas precisava pensar que sim porque do contrário teria que olhar para minha vida e encarar crateras enormes e sombrias por toda parte, retornar àquele amor furtivo e ferido sobre o qual tinha contado aos dois mais cedo?

Micol e sua amiga Karen estavam arrumando a cozinha. Eu disse a elas que deixassem a louça. Karen lembrou-me categoricamente de que gostaria de falar comigo mais uma vez.

— Em breve, talvez? — disse ela.

— Assim que eu voltar à cidade — falei. Era mentira.

Micol foi com ela até o elevador e voltou, querendo me ajudar a arrumar as coisas um pouco antes de ir se deitar. Eu avisei a ela que não se incomodasse com isso.

— Foi uma boa festa — disse ela.

— Muito boa.

— Então, quem eram aqueles dois?

— Jovens.

Ela deu um sorriso desconfiado.

— Vou deitar. Você vem?

Eu preciso arrumar as coisas, falei, mas irei logo.

Não me apressei em colocar alguns pratos de plástico em dois sacos de lixo que tinham sobrado de quando embalamos as coisas e, quando estava prestes a apagar as luzes da sala, encontrei um maço de cigarros na mesinha perto do único cinzeiro do apartamento, provavelmente, deixado por Karen. Peguei um cigarro, acendi, apaguei todas as luzes, coloquei o cinzeiro ao meu lado no sofá velho que já não era mais nosso, coloquei os pés para cima em uma das quatro cadeiras que ficariam para trás, para seus novos donos, e comecei a pensar no Arioso como eu me lembrava de tê-lo ouvido há tanto tempo. Então, na sala semiescurecida olhei para fora e vi a lua cheia. Meu Deus, como estava linda. E, quanto mais eu a admirava, mais eu queria falar com ela.

Não mudei sua vida, não é? diz o bom e velho Sebastian Bach.

Infelizmente, não.

E por que não?

A música não oferece respostas às perguntas que não sei como fazer. Não me diz o que eu quero. Ela me lembra de que talvez eu ainda esteja apaixonado, embora não tenha mais certeza se sei o que isso quer dizer, estar apaixonado. Penso nas pessoas o tempo todo, mas o número das que magoei é muito maior do que o de pessoas com quem me importei. Nem sei dizer o que sinto, embora sinta algo, ainda que esteja mais para uma sensação de ausência e perda, talvez até fracasso, apatia ou desconhecimento absoluto. Um dia eu tive certeza, achei que soubesse das coisas, que me conhecesse, que as pessoas amavam ser tocadas por mim quando eu entrava com tudo em suas vidas sem sequer perguntar ou desconfiar de que talvez não fosse bem-vindo. A música me faz lembrar do que minha vida devia ter sido. Mas não me muda.

Talvez, diz o gênio, a música não nos mude tanto assim, nem a grande arte nos mude. Em vez disso, nos faz lembrar de quem, apesar de todas as nossas afirmações e negações, sempre soubemos que somos e estamos destinados a seguir sendo. Nos faz lembrar dos marcos que enterramos e escondemos e perdemos, das pessoas e coisas que importavam apesar das nossas mentiras, apesar dos anos. A música não é mais que o som de nossos arrependimentos colocados em uma cadência que atíça uma ilusão de prazer e esperança. É o lembrete mais certo de que estamos aqui por um curto espaço de tempo e que

negligenciamos, trapaceamos ou, pior ainda, fracassamos em viver nossas vidas. A música é a vida não vivida. Você viveu a vida errada, meu amigo, e quase desfigurou aquela que devia viver.

O que eu quero? Você sabe a resposta, Herr Bach? Existe isso, uma vida certa ou uma errada?

Eu sou um artista, meu amigo, não tenho respostas. Artistas só conhecem perguntas. Além do mais, você já sabe a resposta.

Em um mundo melhor, ela estaria sentada ao meu lado no sofá, à minha esquerda, e ele estaria à minha direita, a centímetros do cinzeiro. Ela tiraria os sapatos e colocaria os pés para cima, ao lado dos meus, na mesinha.

— Meus pés — diz, finalmente, sentindo que todos estamos olhando para eles. — São feios, não são?

— Nem um pouco — respondo.

Estou segurando a mão de ambos. Liberto uma delas, mas só para deixá-la descansar na testa dele. Enquanto ela se encosta em meu ombro, ele se vira, me encara e me beija na boca. É lento e profundo. Nenhum de nós se importa por ela estar assistindo. Eu quero que ela assista. O garoto beija bem. Ela não diz nada no início, então:

— Quero que ele me beije também.

Ele sorri para ela e, quase subindo em cima de mim, a atende. Depois, ela diz que gosta de como ele beija.

— Concordo — digo.

— Mas está com cheiro de cigarro.

— Minha culpa — digo.

— Você não gostou do cheiro? — pergunta ele.

— Gostei, sim.

Eu a beijo. Ela não reclama que eu cheire a tabaco. Em minha mente, “erva-doce”. Quero que ela tenha o gosto da dele, da boca dele para a dela para a minha, e de volta para a dele.

Mais tarde, fui dormir pensando em nós três nus na cama. Estamos abraçados, mas, no fim, os dois se enroscam em mim, cada um com uma coxa sobre uma das minhas. Poderia ter acontecido tão facilmente, e tão naturalmente, como se os dois tivessem vindo jantar com pouco mais do que isso em mente. Por que tantos artifícios, e tanto planejamento, e tantas ansiedades, quando, horas antes, eu colocava as

garrafas em baldes de gelo. Eu amava a ideia do suor deles misturados ao meu. Mas só me concentrei em seus tendões de Aquiles. Os dela, quando tirou os sapatos e colocou os dois pés sobre a mesinha, os dele, quando chegou, no início da noite, e vislumbrei seus *docksides* nos pés sem meias. Jamais imaginei que tivesse pés tão esguios e macios e delicados. Mais tarde, ele também tirou os sapatos, antes de colocar os pés sobre a mesinha, um tornozelo esguio e bronzeado em cima do outro.

— Olhem só os meus — disse ele, contorcendo os dedos de um dos pés. Nós rimos.

— Pés de menino — disse ela.

— Eu sei — respondeu ele. Então, mais uma vez, ele se aproximou, colocou o joelho em minha coxa, e me beijou.

Não me lembro do que sonhei naquela noite, mas sei que, durante toda a noite e no decorrer de incontáveis despertares ardentes e repentinos, amei os dois juntos ou separadamente, não saberia dizer, porque havia algo tão real em ambas as presenças desimpedidas em meus braços que, quando acordei no meio da noite agarrando minha mulher, senti, como já tinha imaginado em noites anteriores, que não seria estranho começar a preparar o café da manhã para nós quatro em uma cozinha que me fizesse lembrar de uma casa na Itália.

Pensei em Micol. Não havia lugar para ela nisso. A Itália era um capítulo do qual nunca falávamos. Mas ela sabia. Ela sabia que um dia... ela só sabia, e, provavelmente, com mais clareza do que eu. Um dia eu quis contar a eles sobre meus velhos amigos, e sua casa junto ao mar, e sobre meu quarto lá, e sobre a dona da casa, que anos antes foi como uma mãe para mim, mas que agora tinha demência e mal se lembrava do próprio nome, e sobre seu marido que, antes de morrer, viveu na mesma casa com outra mulher, que ainda vive lá com um filho de sete anos que não vejo a hora de conhecer.

Preciso voltar, Micol.

Por quê?

Porque minha vida parou lá. Porque eu nunca fui embora de verdade. Porque o resto de mim que está aqui tem sido como a cauda decepada de um lagarto, chicoteando a esmo enquanto o corpo ficou para trás, do outro lado do Atlântico, naquela casa maravilhosa junto

ao mar. Eu já fiquei longe por tempo demais.

Você está me deixando?

Acho que sim.

E os meninos também?

Eu sempre serei o pai deles.

E quando isso vai acontecer?

Não sei. Logo.

Não posso dizer que esteja surpresa.

Eu sei.

* * *

Depois que os convidados foram embora e Micol foi para a cama, apaguei a luz da entrada e estava prestes a fechar as portas que davam para o terraço quando me lembrei de apagar as velas. Saí mais uma vez, observei o rio, coloquei as duas mãos sobre o parapeito onde tinha estado com Erica e Paul mais cedo e fiquei olhando para a margem distante. Eu gostava das luzes do outro lado do Hudson, gostava da brisa fresca, gostava de Manhattan nessa época do ano, gostava da vista da Ponte George Washington, da qual eu sabia que sentiria saudades, mas que nesta noite, ainda me lembrava as luzes salpicadas de Monte Carlo alcançando a Itália à noite. Logo estaria frio no Upper West Side e haveria dias de chuva, mas o tempo sempre volta a firmar aqui e as pessoas ainda perambulam pelas ruas tarde da noite quando está frio e a cidade nunca dorme.

Coloquei as cadeiras externas de volta a seu lugar, recolhi do chão uma garrafa de vinho pela metade e avistei outra que tinha sido usada como cinzeiro e estava cheia de guimbas. Quantas pessoas fumaram aqui fora? O professor de ioga, Karen, a própria Micol, o casal que conheci na conferência de expatriados judeus do Terceiro Reich, os veganos, quem mais?

Agora, enquanto eu admirava a vista e observava dois rebocadores deslizando silenciosamente rio acima, pensei que um dia, daqui a cinquenta anos, outra pessoa com certeza vai sair para este mesmo terraço e ficar admirando esta mesma vista, nutrindo pensamentos como os meus, mas não serei eu. Ele estará na adolescência ou na

velhice, ou terá a idade que tenho agora. Será que, como eu, ainda sentiria falta de um amor antigo e único, estará tentando não pensar em uma alma desconhecida, assim como eu esta noite, uns cinquenta anos antes, estava sentindo falta de um amado e tentando, como eu me pego querendo fazer e fracassando depois de tantos esses anos, não pensar.

O passado, o futuro, que máscaras eles são.

E que biombos aqueles dois eram, Erica e Paul.

Tudo era um biombo. A própria vida era uma distração.

O que importava agora era o não vivido.

Olhei para a lua e pensei em perguntar sobre minha vida. Mas a resposta veio muito mais rápido do que eu fui capaz de formular. *Durante vinte anos você viveu a vida de um homem morto. Todos sabem disso. Até sua mulher, seus filhos e a amiga da sua mulher, e o casal que você conheceu na conferência sobre judeus expatriados do Terceiro Reich conseguem ver na sua cara. Erica e Paul sabem, e aqueles acadêmicos que estudam fogo grego e trirremes gregas, até os pré-socráticos, mortos há dois mil anos, percebem. O único que não sabe é você. Mas agora até você sabe.*

Você não tem sido leal.

Ao quê? A quem?

A si próprio.

Me lembrei de que alguns dias antes, enquanto comprava caixas e fita, vi alguém que eu conhecia do outro lado da rua. Acenei para ele, mas ele não retribuiu e continuou andando, embora eu soubesse que tinha me visto. Talvez estivesse chateado comigo. Mas por quê? Instantes depois vi alguém do meu departamento indo em direção a uma livraria. Nos cruzamos em frente a uma banca de frutas na calçada e, embora ele também tenha olhado na minha direção, não devolveu meu sorriso. Um tempo depois vi uma vizinha do prédio na calçada; costumávamos trocar cordialidades no elevador, mas ela não disse nada, nem acenou de volta quando a cumprimentei. De repente, ocorreu-me que a única explicação era que eu tinha morrido e que a morte é isso: você vê as pessoas, mas ninguém o vê e, pior ainda, você fica preso sendo quem era no momento em que morreu — comprando caixas de papelão — e nunca se torna a pessoa que poderia ser e que sabia que, na verdade, era. Você nunca corrige o único erro que tirou

sua vida do rumo e agora você está para sempre preso fazendo a última coisa idiota que realizava, comprando caixas de papelão e fita. Eu tinha 44 anos. Eu já estava morto —, mas era jovem demais, jovem demais para morrer.

Depois de fechar as portas, pensei no Arioso de Bach mais uma vez e comecei a cantarolá-lo na minha cabeça. Em momentos como esse, quando estamos totalmente sozinhos e nossa mente está em um lugar completamente diferente, encarando a eternidade e pronta para fazer um balanço dessa coisa chamada vida e de tudo o que fizemos ou fizemos pela metade ou não fizemos, qual seria minha resposta para as questões, para as quais o bom e velho Bach disse que eu já tinha a resposta?

Uma pessoa, um nome... ele sabe, pensei. Neste exato momento, ele sabe, ele ainda sabe.

Me encontre, diz ele.

Vou encontrar, Oliver, vou encontrar, respondo. Ou será que ele esqueceu?

Ele se lembra do que eu acabei de fazer. Ele olha para mim, não diz nada, percebo que está emocionado.

E, de repente, com o Arioso ainda na cabeça e mais um copo e mais um dos cigarros de Karen, quis que ele tocasse esse Arioso para mim, seguido pelo Prelúdio Coral que nunca tocou antes, e que tocasse para mim, só para mim. E quanto mais eu pensava nele tocando nas primeiras horas daquele amanhecer de domingo, mais as lágrimas se acumulavam em meus olhos. Não importava se ainda era o álcool falando ou meu coração, porque tudo o que eu queria era ouvi-lo tocando o Arioso no Steinway de seus pais em uma noite chuvosa de verão em sua casa junto ao mar, e eu me sentaria perto do piano com uma taça de alguma coisa e ficaria com ele e não mais tão sozinho como estive por tantos, tantos anos, sozinho entre estranhos que não sabiam nada sobre mim ou sobre ele. Eu pediria a ele que tocasse o Arioso e ao tocá-lo me faria lembrar desta noite quando apaguei as velas no terraço, apaguei as luzes da sala, acendi um cigarro e, pela primeira vez na vida, soube onde queria estar e o que tinha de fazer.

Aconteceria como aconteceu na primeira vez ou na segunda ou na terceira. Inventar um motivo que seja plausível o bastante para os

outros e para mim mesmo, pegar um avião, alugar um carro ou contratar alguém para me levar até lá, subir as velhas estradas que conheço bem, que provavelmente mudaram ao longo dos anos ou talvez nem tanto, e que ainda se lembram de mim como eu me lembro delas. E, antes que eu perceba, lá está: a velha alameda de pinheiros, o som familiar do cascalho sob os pneus à medida que o carro vai desacelerando até parar e a casa. Olho para cima, acho que não tem ninguém, eles não sabiam que eu viria, embora eu tenha escrito dizendo que viria. Contudo, é claro, ali está ele, esperando-me. Eu disse a ele que não esperasse acordado. *É claro que vou esperar acordado*, responde, e nesse *É claro* todos os anos voltam, porque há um traço de ironia muda, que é como ele abria o coração quando estávamos juntos, querendo dizer *Você sabe que sempre vou esperar acordado, mesmo que você chegue às quatro da manhã. Todos esses anos eu esperei acordado, acha que não vou esperar acordado mais algumas horas?*

Esperar acordado foi o que fizemos a vida inteira, esperar acordado me permite ficar aqui me lembrando do Bach ressoando no meu lado do nosso mundo e deixando que meus pensamentos sigam até você, porque tudo o que quero é pensar em você e, às vezes, não sei quem está pensando, você ou eu.

Estou aqui, diz ele.

Acordei você?

Sim.

Você se importa?

Não.

Está sozinho?

Isso importa? Mas, sim.

Ele diz que mudou. Não mudou.

Ainda corro.

Eu também.

E bebo um pouco mais.

Idem.

Mas durmo mal.

Idem.

Ansiedade, uma pitada de depressão.

Idem, idem.

Você vai voltar, não vai?

Como você sabia?

Eu sei, Elio.

Quando? pergunta Elio.

Em duas semanas.

Quero que você volte.

Você acha?

Eu sei.

Não vou subir a alameda de pinheiros como planejei. Em vez disso, o avião vai pousar em Nice.

Vou buscar você de carro, então. No fim da manhã. Como na primeira vez.

Você lembra.

Eu lembro.

E quero ver o garoto.

Eu já lhe disse o nome dele? Meu pai deu seu nome a ele. Oliver. Ele nunca esqueceu de você.

Vai estar quente e não vai haver sombra. Mas vou notar o cheiro de alecrim em todos os cantos, e o murmúrio das rolinhas, e atrás da casa vai haver um campo de lavanda selvagem e girassóis erguendo suas cabeças atordoadas em direção ao sol. A piscina, o campanário, que apelidamos “de morrer”, o memorial aos soldados mortos na Batalha do Piave, a quadra de tênis, o portão bambo que leva à praia rochosa, o amolador à tarde, o canto sem fim das cigarras, você e eu, seu corpo e o meu.

Se ele perguntar quanto tempo vou ficar, vou dizer a verdade.

Se ele perguntar onde pretendo dormir, vou dizer a verdade.

Se ele perguntar.

Mas ele não vai perguntar. Não precisa. Ele sabe.

Da Capo

— Por que Alexandria? — perguntou Oliver, quando paramos na esplanada, assistindo ao pôr do sol além do quebra-mar em nossa primeira noite aqui. O cheiro de peixe, sal e salmoura ao longo da costa era avassalador, mas continuamos naquele trecho de passarela em frente ao lar de nossos anfitriões gregos, olhando para o lugar onde todos diziam que ficava o velho farol. A família de nossos anfitriões vivia ali havia oito gerações — o farol, insistem, não poderia ter sido erguido em outro lugar que não ali onde fica o forte de Qaitbey. Mas ninguém sabia dizer com certeza. Enquanto isso, o sol esmorecia em nossos olhos, sua cor manchava tudo à distância com pinceladas largas que não eram cor-de-rosa nem um tom pastel de laranja, mas uma cor de tangerina, viva e forte. Nenhum de nós tinha visto aquela tonalidade antes.

Por que Alexandria? poderia significar tantas coisas: desde *por que este lugar, como é hoje, é tão central para a história do Ocidente*, até algo tão leve como *por que escolhemos vir para cá?* Eu queria responder dizendo *Porque tudo que tem alguma importância para qualquer um de nós — Mileto, Atenas, Siracusa — provavelmente começou aqui*. Eu estava pensando nos gregos, em Alexandre e seu amante Eféstio, na Biblioteca e em Hipácia, e, por fim, no poeta grego moderno Kaváfis. Mas também sabia por que ele estava perguntando isso.

Nós tínhamos deixado a casa da Itália para uma viagem de três semanas pelo Mediterrâneo. Nosso navio parou em Alexandria por duas noites e estávamos aproveitando os últimos dias antes de voltarmos. Queríamos ficar sozinhos. Muitas pessoas na casa. Minha mãe, que estava morando conosco e não podia mais subir as escadas, estava em um quarto no primeiro andar, que não ficava longe o bastante do nosso. E tinha também a cuidadora. E Miranda, que ficava em meu antigo quarto quando não estava viajando. E finalmente o pequeno Ollie, dono do quarto ao lado do dela, que um dia foi de meu avô. Nós compartilhávamos o quarto que era dos meus pais. Pela manhã, tenho certeza de que todos sabiam se você tinha tossido à noite.

E não tinha sido fácil como esperávamos a princípio. Sabíamos que

as coisas seriam diferentes, mas não conseguíamos entender como o desejo de pular de cabeça naquilo que um dia tivemos podia despertar uma relutância em deitar na mesma cama. Estávamos na mesma casa onde tudo tinha começado... mas éramos os mesmos? Ele tentou culpar o cansaço da viagem, e eu deixei. Ele virou-se de costas e eu esperei que as luzes estivessem apagadas antes de tirar a roupa. Confundi o medo de ficar decepcionado com o medo muito mais preocupante de decepcioná-lo. Eu sabia que ele estava pensando a mesma coisa quando se virou e disse:

— Elio, eu não faço amor com um homem há tantos anos — acrescentando, enquanto ria —, talvez eu tenha esquecido como se faz.

Esperávamos que o desejo despistasse nossa timidez inicial, mas a sensação de constrangimento não ia embora. Em um momento, no escuro, sentindo a tensão entre nós, cheguei a sugerir que talvez conversar pudesse dissipar o que nos impedia. Eu estava distante, ainda que sem querer?, perguntei. Não, nem um pouco distante. Eu estava sendo difícil? Difícil? Não. Então o que era?

— Tempo — respondeu ele. Como sempre, foi tudo o que disse. Ele precisava de tempo? perguntei, quase pronto para me afastar o máximo possível dele na cama. Não, falou.

Demorei um tempo para entender que o que ele quis dizer foi que muito tempo tinha se passado.

— Só me abrace — pedi finalmente.

— E a gente vê no que dá? — brincou ele, imediatamente pronunciando cada palavra com ironia. Percebi que estava nervoso.

— Sim, e a gente vê no que dá — ecoei.

E então me lembrei da tarde quando o visitei em sua aula, cinco anos antes, e ele tocou meu queixo com a palma da mão. Eu teria dormido com ele no ato se tivesse pedido. Então por que ele não pediu?

— Porque você teria rido de mim. Porque você podia dizer não. Porque eu não tinha certeza se você tinha me perdoado.

Não fizemos amor naquela noite, mas dormir em seus braços, ouvir sua respiração e reconhecer seu hálito depois de tantos anos, sabendo que eu, finalmente, estava na cama com Oliver sem que nenhum de nós se afastasse a noite inteira foi o que me fez perceber que, apesar de duas décadas terem se passado, não éramos nem um dia mais velhos do que

os dois jovens que fomos há tanto tempo sob este mesmo teto. De manhã, ele olhou para mim. Eu não queria que o silêncio fosse a ponte. Queria que ele falasse. Mas ele não ia falar.

— É só porque está de manhã... ou isso aí é real? — perguntei, finalmente. — Porque parece.

— Para mim, é — disse ele.

Fui eu, não ele, que lembrei como ele gostava de começar.

— Eu só fiz isso com você — disse ele, confirmando o que nós dois sabíamos que estava acontecendo entre nós. — Mas ainda assim estou nervoso — acrescentou.

— Nunca pensei que você ficasse nervoso.

— Eu sei.

— Preciso lhe dizer uma coisa também — comecei, porque queria que ele soubesse.

— O quê?

— Guardei tudo isso para você.

— E se nunca mais ficássemos juntos?

— Isso nunca ia acontecer. — Então, não consegui me segurar: — Você sabe do que eu gosto.

— Eu sei.

— Então, você não esqueceu.

Ele sorriu. Não, não tinha esquecido.

No amanhecer, depois do sexo, fomos nadar como fizemos anos antes.

Quando voltamos a casa ainda estava dormindo.

— Vou fazer café.

— Eu adoraria um café — disse ele.

— A Miranda gosta do estilo napolitano. Estamos preparando assim há séculos.

— Tá bom — foi sua despedida a caminho do chuveiro.

Depois de encher a cafeteira, comecei a ferver água para os ovos. Coloquei dois jogos americanos sobre a mesa, um na lateral e o outro na ponta. Então coloquei quatro fatias de pão na torradeira, mas não liguei. Quando ele voltou, pedi que cuidasse do café, mas que não virasse a cafeteira quando estivesse pronto. Eu amava o cabelo dele quando estava penteado, mas ainda molhado. Tinha esquecido de como

ele era pela manhã. Menos de duas horas antes não tínhamos certeza se faríamos amor de novo. Parei de providenciar o café da manhã e olhei para ele de novo. Ele sabia o que eu estava pensando e sorriu. Sim, o desconforto que nos assustou ficara para trás e, como se para confirmar isso, antes de sair da cozinha para tomar um banho, dei um beijo demorado em seu pescoço.

— Não sou beijado assim há tanto tempo — disse ele.

— Tempo — falei, usando sua palavra para provocá-lo.

Depois do banho e de volta à cozinha, para minha surpresa, encontrei Oliver e Oliver sentados lado a lado ao longo da mesa. Joguei seis ovos na água fervente para nós três. Enquanto os dois falavam sobre o filme a que tínhamos assistido na noite anterior na televisão, ficou claro que o pequeno Ollie tinha gostado de Oliver de cara.

Passei manteiga em torradas quentes para todos e vi Oliver abrir o ovo para o pequeno Ollie e depois o próprio.

— Sabe quem me ensinou a fazer isso? — perguntou ele ao garoto.

— Quem? — perguntou Ollie.

— Elio. Todas as manhãs ele abria o ovo para mim. Porque eu não sabia como fazer. Eles não ensinam isso nos Estados Unidos. Eu abro o ovo para meus dois filhos também.

— Você tem filhos?

— Tenho, sim.

— Como eles se chamam?

Oliver contou.

— E você sabe de quem você herdou seu nome? — perguntou Oliver.

— Sim.

— De quem?

— De você.

Assim que ouvi estas últimas palavras, algo deu um nó em minha garganta. Esse fato enfatizava tantas coisas que não tínhamos dito, ou que não tivemos tempo de dizer, ou para as quais não tínhamos encontrado palavras, e aí estava, como um acorde final solucionando uma ária melódica inacabada. Tanto tempo tinha passado, tantos anos, e só Deus sabe quantos deles acabariam se revelando os anos desperdiçados que fazem de nós pessoas melhores. Não é de se admirar que eu tenha ficado comovido. O garoto era como um filho nosso, e

pareceu tão enfaticamente profetizado que, de repente, tudo ficou claro para mim; havia um motivo para o nome do garoto, porque Oliver sempre foi sangue do meu sangue e sempre viveu nesta casa, sempre pertenceu a esta casa e a nossas vidas. Ele já estava aqui antes de vir para nós, antes do meu nascimento, antes de colocarem a primeira pedra gerações atrás, e nossos anos entre aquele instante e este momento não passavam de um soluço no longo itinerário chamado tempo. Tanto tempo, tantos anos, e todas as vidas que tocamos e deixamos para trás, como se pudessem nunca ter acontecido, embora tenham acontecido — tempo, como ele disse antes de nos abraçarmos e dormirmos tão tarde na noite anterior, o tempo é sempre o preço que pagamos pela vida não vivida.

Parado atrás dele, servindo café, passou pela minha cabeça que eu não devia ter tomado banho depois do amor daquela manhã, que eu queria cada vestígio dele ainda em mim, porque ainda não tínhamos falado sobre o amanhecer e eu queria ouvi-lo repetir tudo o que me disse enquanto fazíamos amor. Queria lhe contar sobre nossa noite e como eu tinha certeza de que nenhum de nós dois havia dormido tão bem quanto alegava. Sem colocarmos em palavras a noite passada, ela poderia facilmente desaparecer mais uma vez, como ele mesmo poderia facilmente desaparecer. Não sei o que tomou conta de mim, mas enquanto servia seu café falei em voz baixa, quase beijando sua orelha:

— Você nunca vai voltar — sussurrei. — Me diga que não vai embora.

Em silêncio, ele pegou meu braço e me puxou para baixo, fazendo com que eu me sentasse em meu lugar à cabeceira da mesa.

— Não vou embora. Pare de pensar assim.

Eu queria contar a ele o que tinha acontecido nos anos anteriores, o bom, o ruim, o ótimo e o péssimo. Haveria tempo para falar sobre essas coisas. Eu queria atualizá-lo, queria que ele soubesse de tudo, como eu queria saber de tudo sobre ele. Eu queria contar que ao ver o branco de seus braços no primeiro dia que passou conosco eu só quis ser abraçado por eles e senti-los em minha cintura nua. Falei um pouco disso quando estávamos na cama horas antes.

— Você tinha estado em uma escavação arqueológica na Sicília e seus braços estavam muito bronzeados, percebi pela primeira vez na

sala de jantar... mas o lado de dentro estava muito branco, e riscado de veias, como mármore, parecia tão delicado. Eu quis beijar cada braço, e lambe cada braço.

— Já naquele momento?

— Já naquele momento. Você pode só me abraçar agora?

— E a gente vê no que dá? — perguntou ele, e foi bom termos nos abraçado e não termos feito mais nada naquela noite.

Ele deve ter lido meus pensamentos, porque foi aí que colocou um braço sobre meu ombro, me trouxe para perto e, virando-se para o garoto, disse:

— Seu irmão é uma pessoa maravilhosa.

O pequeno olhou para nós.

— Você acha?

— Você não acha?

— Acho, sim — sorriu, sabendo, como eu sabia e Oliver sabia, que a ironia era o idioma da casa.

Então, sem aviso, o garoto perguntou:

— Você também é uma boa pessoa?

Até Oliver ficou comovido e teve que respirar fundo. O garoto era nosso filho. Nós dois sabíamos disso. E meu pai, que não estava mais vivo, também sabia, ele sempre soube.

* * *

— Consegue acreditar que o velho farol era aqui, que estamos a menos de dez minutos de caminhada de onde ele ficava?

Passaríamos duas noites em Alexandria, de onde iríamos para Nápoles — nosso presente para nós mesmos ou, como Miranda chamava, nossa lua de mel antes que Oliver começasse a dar aulas na Sapienza, em Roma. Mas ali, parados contemplando o céu e assistindo a famílias, amigos e pessoas passeando pela esplanada, eu quis perguntar se ele se lembrava do momento em que nos sentamos em uma pedra uma noite e olhamos para o mar, dias antes de ele voltar a Nova York. Sim, ele se lembrava, é claro que se lembrava. Perguntei se ele se lembrava das noites que passamos em Roma explorando a cidade até altas horas. Sim, ele se lembrava disso também. Eu ia dizer que aquela

viagem tinha mudado minha vida, não só porque foi a primeira vez que ficamos em total liberdade juntos, mas porque Roma tinha me permitido provar a vida de artista que eu desejava, mas não sabia se estava destinado a vivenciar. Mal dormíamos à noite, lembrei. E conhecemos tantos poetas, artistas, editores, até atores. Ele me interrompeu.

— Não vamos nos alimentar do passado, vamos? — perguntou ele, com a concisão habitual que significava que eu estava vagando em um território sem promessas para o futuro. Ele estava certíssimo. — Precisei cortar muitos laços e queimar pontes pelas quais sei que vou pagar caro, mas não quero olhar para trás. Eu tive Micol, você teve Michel, assim como amei um Elio jovem e você amou um Oliver mais jovem. Eles fizeram de nós quem somos. Não vamos fingir que nunca existiram, mas não quero olhar para trás.

* * *

Mais cedo estivemos na casa de Kaváfis naquela que um dia foi chamada rue Lepsius, rebatizada, depois, de rue Sharm el Sheikh e, agora era conhecida como rue K. P. Kaváfis. Rimos da troca de nomes, do fato de a cidade, tão inexoravelmente ambivalente desde o raiar de sua fundação trezentos e tantos anos antes de Cristo, não conseguir sequer decidir como chamar suas vias.

— Tudo aqui vem em camadas — disse.

Ele não respondeu.

O que me surpreendeu, assim que entramos no apartamento abafado que um dia foi o lar do grande poeta, foi ouvir Oliver recitar seu cumprimento ao atendente em um grego perfeito. Como e quando ele tinha aprendido grego moderno? E quantas outras coisas eu não sabia sobre sua vida, e quantas ele não sabia sobre a minha? Ele fez um curso intensivo, disse, mas o que ajudou de verdade foi o período sabático que passou na Grécia com a mulher e os filhos. Os meninos aprenderam o idioma rapidinho, mas a mulher ficava muito em casa, lendo os irmãos Durrell no deque iluminado pelo sol e aprendendo fragmentos de grego com a faxineira que não falava inglês.

O apartamento de Kaváfis, que agora era um museu improvisado,

parecia sem-graça, sufocante e desconexo apesar das janelas abertas. A própria vizinhança era insossa. Havia uma luz escassa quando entramos e, à exceção de barulhos dispersos que vinham da rua, o silêncio mortal na casa se impunha pesadamente sobre a mobília escassa e velha que provavelmente tinha sido recolhida de algum depósito abandonado. O apartamento me lembrava de um dos meus poemas preferidos do poeta, sobre uma nesga de sol da tarde caindo sobre uma cama na qual o poeta, na juventude, dormia com seu amado. Segundo a lembrança do escritor ao visitar o local anos mais tarde, toda a mobília se foi, a cama se foi, e o apartamento foi transformado em um escritório. Mas aquela nesga de sol que um dia se espalhou sobre a cama não foi embora e estará para sempre gravada em sua memória. Seu amado disse que voltaria em uma semana; mas isso nunca aconteceu. Senti a tristeza do poeta. Raramente nos recuperamos.

Nós dois ficamos decepcionados com a seleção de retratos baratos que cobria as paredes: um Kaváfis de aparência sombria. Para celebrar a visita, compramos um volume de poemas em grego. Quando nos sentamos em uma confeitaria antiga com vista para a baía, Oliver começou a ler um para mim, primeiro em uma tradução feita na hora. Não me lembrava de já ter lido aquele poema sobre uma colônia grega na Itália, que os gregos chamavam de Poseidônia e que mais tarde foi rebatizada de Paistos e que mais tarde ainda seria rebatizada de Paestum pelos romanos. Com o passar dos séculos e de várias gerações terem se estabelecido, esses gregos acabaram perdendo a lembrança da origem e da língua e adquiriram costumes italianos em seu lugar — com a exceção de um dia por ano, quando, naquela data ritual, os poseidonianos celebravam uma festa grega com música típica e rituais para rememorar, o melhor que pudessem, os costumes e a língua esquecidos de seus antepassados, percebendo, para sua tristeza profunda, que tinham perdido uma herança magnífica e que não eram melhores que os bárbaros que seu povo costumava desprezar. Ao entardecer daquele dia, eles acolhiam os restos de sua identidade grega só para vê-la desaparecer com o raiar do sol do dia seguinte.

Foi então, enquanto comíamos os doces que tínhamos pedido, que Oliver percebeu que, como os poseidonianos, nossos anfitriões gregos e os poucos gregos alexandrinos que ainda restavam — o atendente no

museu, o garçom idoso da confeitaria, o homem que nos vendeu o jornal em inglês pela manhã — todos adquiriram novos costumes, novos hábitos, e falavam uma língua que cheirava à obsolescência quando comparada ao grego falado naquele momento no continente.

Mas Oliver me disse algo de que nunca vou esquecer: todos os anos no dia 16 de novembro, no meu aniversário, embora casado e pai de dois filhos, ele tirava um tempo para se lembrar do poseidoniano em si mesmo e pensar em como a vida seria se tivéssemos permanecido juntos.

— Eu tinha medo de estar esquecendo seu rosto, sua voz, seu cheiro — disse.

Ao longo dos anos ele encontrou um lugar para seu próprio ritual não muito longe do escritório, com vista para o lago, onde passava alguns instantes daquele dia pensando em nossa vida não vivida, sua vida comigo. A vigília, como eu pai a chamaria, nunca durava o suficiente e não rompia com nada. Recentemente, ele continuou explicando, e talvez porque estava em outro lugar naquele ano, ele havia chegado à conclusão de que a situação era o completo oposto, que ele era um poseidoniano em todos os dias do ano exceto um, e que o encanto dos dias passados nunca o deixou, que ele não tinha esquecido nada e não queria esquecer. Ainda que não pudesse escrever ou ligar para descobrir se eu também não tinha esquecido, ainda assim, ele sabia que se nenhum de nós procurava o outro era apenas porque nunca nos separamos de fato, e que, independentemente de onde estivéssemos, com quem estivéssemos e do que quer que estivesse entre nós, tudo o que ele precisava fazer, quando a hora chegasse, e ele sabia que chegaria, era simplesmente procurar por mim e me encontrar.

— E foi o que você fez.

— E foi o que eu fiz — falou.

— Queria que meu pai estivesse vivo hoje.

Oliver me olhou, ficou em silêncio por um tempo e disse:

— Eu também, eu também.

Sobre o autor



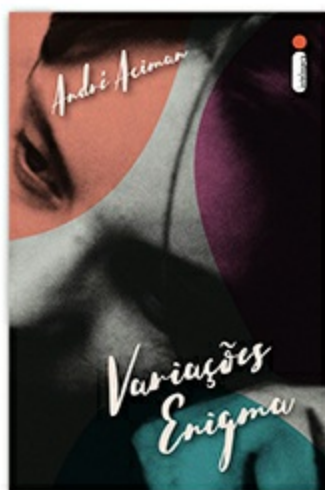
© Sigrid Estrada

ANDRÉ ACIMAN nasceu em Alexandria, Egito. É ensaísta, romancista e pesquisador da literatura do século XVII. Seus textos foram publicados em veículos de destaque, como *The New Yorker*, *The New York Times* e *The Paris Review*. Doutor em literatura comparada pela Universidade Harvard, foi professor na Universidade de Princeton e leciona no The Graduate Center em Nova York, Estados Unidos, onde mora com a família. Pela Intrínseca publicou ainda *Variações Enigma* e *Me chame pelo seu nome*, cuja adaptação para o cinema ganhou o Oscar 2018 de melhor roteiro adaptado.

Conheça outros títulos do autor



Me chame pelo seu nome



Variações Enigma

Leia também



A filha perdida
Elena Ferrante



Um amor incômodo
Elena Ferrante



Quatro estações em Roma
Anthony Doerr